

DÉRBI



O MAIOR CLÁSSICO DO INTERIOR DO BRASIL COMEMORA 85 ANOS DE HISTÓRIA, TRADIÇÃO E RIVALIDADE

MONOGRAFIA: "DERBI CAMPINEIRO".

VITÓRIO LUIS OLIVEIRA ZAGÓ.

ORIENTADOR: VERA REGINA TOLEDO CAMARGO.
UNICAMP.

LABJOR (LABORATÓRIO DE JORNALISMO) - FEF (FACULDADE
DE EDUCAÇÃO FÍSICA).

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO.

ÍNDICE:

INTRODUÇÃO.....	2
Proposta.....	2
Dificuldades.....	3
Objetivos.....	5
O FUTEBOL: DA GRAVATA AO PÉ DE CHINELO.....	7
O jogo com bola.....	7
O futebol desembarca no Brasil.....	9
A A. A. PONTE PRETA: A PAIXÃO E RAÇA ALVINEGRA DE CAMPINAS.....	12
Os principais números da Ponte Preta.....	16
Campeonato Paulista.....	16
Campeonato Nacional.....	17
Torneio Rio/São Paulo.....	17
Taça de Prata.....	17
Taça Brasil.....	17
Campeonato Brasileiro.....	17
Copa do Brasil.....	17
GUARANI F.C.: O ORGULHO E PAIXÃO ALVIVERDE DE CAMPINAS.....	18
Os principais números do Guarani.....	21
Campeonato Paulista.....	21
Campeonato Nacional.....	21
Torneio Rio/São Paulo.....	22
Taça de Prata.....	22
Taça Brasil.....	22
Campeonato Brasileiro.....	22
Copa do Brasil.....	22
Taça/Copa Libertadores da América.....	22
Copa Conmebol.....	23
DÉRBI, O ENCONTRO DOS GIGANTES DE CAMPINAS.....	24
Guarani e Ponte Preta: um clássico de tradição e Grandeza.....	24
História: Rivalidade é presente desde o início.....	26
Os primeiros dérbis: início da histórica rivalidade !.....	29
1914: dérbi de Souzas... tem início a rivalidade !.....	31
O dia seguinte à "Guerra de Souzas"... outras batalhas.....	32
"E as multidões despertaram" e se acostumaram com a rivalidade.....	35
IMPRENSA: PARTICIPAÇÃO NA GRANDEZA E NA	
RIVALIDADE DO FUTEBOL CAMPINEIRO.....	37
CONCLUSÃO.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	45
ANEXOS.....	47
ANEXO I - Todos os presidentes da história da A.A. Ponte Preta.....	47
ANEXO II - Os principais títulos da A.A. Ponte Preta.....	48
ANEXO III - O desempenho da A.A. Ponte Preta nos certames paulistas de que participou.....	49
ANEXO IV - A participação da A.A. Ponte Preta no Campeonato Brasileiro.....	50
ANEXO V - Todos os presidentes da história do Guarani F.C.....	51
ANEXO VI - Os principais títulos do Guarani F.C.....	52
ANEXO VII - O desempenho do Guarani F.C. nos certames paulistas de que participou.....	53
ANEXO VIII - A participação do Guarani F.C. no Campeonato Brasileiro.....	54
ANEXO IX - Os dérbis... um por um.....	55
ANEXO X - Coleção "Futebol Cards".....	56
ANEXO XI - Imagens.....	59
ANEXO XII - Última matéria sobre rivalidade.....	60

TCC/UNICAMP

Z13m



1290002134

INTRODUÇÃO

PROPOSTA

Pretendo abordar neste trabalho o futebol, uma das paixões de um povo marcado por gritantes contrastes sociais e culturais, vivendo num país continente. Independentemente de qual função social possa exercer esse esporte (pois não tenho intenção aqui de lidar com esse aspecto), que é também o esporte mais popular e mais praticado em todo mundo, tenho como objetivo desvendar um pouco da história, da trajetória e da importância cultural e social de dois times de futebol do interior paulista. São eles a Associação Atlética Ponte Preta e o Guarani Futebol Clube, ambos da cidade de Campinas. Mais especificamente gostaria de abordar o encontro dessas equipes.

Meu objeto de estudo é, portanto, o clássico Ponte Preta X Guarani, ou apenas, como é carinhosamente chamado no universo da bola, o “Dérbi campineiro”. Ao adentrar a história desse clássico regional, o maior do interior paulista, pretendo abordar de forma geral os aspectos que envolvem a história dos confrontos e dos clubes, além de apontar a importância e a influência desse embate, passando pela impressionante rivalidade entre as equipes. Não pretendo ficar apenas com os aspectos locais do “Derby”. Desejo discutir um pouco a inserção desses times no cenário do futebol nacional, pois hoje, apesar do ruim momento que vive um deles, é inegável que, tanto Ponte Preta como Guarani, são considerados times grandes no país.

A história das equipes mostra um caminho marcado por glórias e grandeza, ou de “quase glórias e grandezas”, que acompanharam, de certa forma, o mesmo percurso da cidade de Campinas, cuja importância na época do Império e também no período republicano é inegável. Podemos, até de forma exagerada, tentando comparar a evolução das equipes com a evolução da própria cidade, dizer que Ponte Preta e Guarani são reflexos diretos da grandeza de uma cidade do interior, que apesar de ser hoje um dos maiores pólos industriais do país, ainda guarda certas peculiaridades e características de uma cidade pequena.

Essas características, essa fisionomia da cidade, se apresenta e se manifesta nos times também. Pois ambos já estiveram entre os maiores times do país, disputando títulos importantes e servindo de base para diversas seleções nacionais, ao mesmo tempo que alternaram momentos muito ruins, como o que vive a Ponte Preta hoje disputando a segunda divisão do futebol paulista e brasileiro. Essa grandeza conquistada pelas duas equipes campineiras se deu, para ambas, praticamente na mesma época, na década de setenta.

É portanto desse fenômeno da bola, o “Dérbi Campineiro”, que pretendo falar um pouco. Apesar de ter o tema em mente e já tê-lo escolhido, o enfoque variou de acordo com as possibilidades reais de feitura desse trabalho. Foram várias as dificuldades...

AS DIFICULDADES

Um tema como o “Dérbi Campineiro” nos oferece um universo muitíssimo amplo de abordagens. São vários os enfoques possíveis e várias as possibilidades de trabalho e pesquisa. Essa condição por si só já representa um problema, um ótimo problema é verdade.

Pessoalmente fiquei um pouco decepcionado nesse sentido. Pois gostaria de ter tido tempo e estrutura suficiente para realizar um trabalho bem mais profundo e rico em informações, dados e imagens principalmente. Penso sim que um tema como esse mereça essa preocupação e essa profundidade.

Outro problema enfrentado foi o acesso às fontes. Em um primeiro momento, o enfoque que queria dar passava pela cobertura jornalística do dérbi durante a “década de ouro” do futebol campineiro, que pessoalmente classifico como sendo de 1976 a 1986. Pensei em acessar os arquivos dos dois maiores e mais antigos jornais (em atividade) de Campinas: O Diário do Povo e o Correio Popular.

O arquivo do Diário do Povo, apesar da minha insistência e desconfiança, “está fechado para pesquisa”, “pois o jornal passa por uma reestruturação e uma reformulação geral”. Foi essa a resposta que obtive em meses de tentativa. O motivo alegado foi um suposto “momento de transição”, até pela venda do jornal para o outro grande jornal da cidade, o Correio Popular. A pesquisa no Diário Popular seria interessante por se tratar do veículo impresso mais antigo em atividade de Campinas, e que acompanhou toda a trajetória do dérbi. O que pude conseguir foi um pequeno arquivo pessoal do jornalista Roberto da Costa, que abordou alguns anos na década de 80, e que muito me ajudou. Roberto da Costa trabalhou no Diário do Povo, sendo setorista da Ponte Preta no início da década de oitenta e atualmente é sub-editor da Assessoria de Imprensa da Unicamp.

Com o Correio Popular, a dificuldade foi a mesma. Ao entrar em contato com o arquivo do jornal, que apesar de não estar “fechado para reformas”, me deparei com uma barreira, que depois de iguais meses de tentativa, se mostraram quase intransponíveis. Essa barreira tem nome. Chama-se burocracia. Pois para acessar o arquivo do jornal é preciso mandar um fax com o pedido para a utilização do mesmo, especificando o motivo, enfoque, destino e o tempo (!) necessário para a pesquisa, como se fosse possível dizermos um tempo preciso para tal. Também é preciso colocar o endereço completo para que o arquivo possa entrar em contato. Depois desse imenso relatório, nós dependemos da leitura do mesmo pelo encarregado do arquivo. O responsável pelo arquivo lê os pedidos e então entra em contato com o interessado.

Soube de amigos que usaram o arquivo usando a mesma abordagem, que aliás é exigida pelo próprio jornal. Enviei quatro pedidos, via fax, durante três meses. Não obtive qualquer resposta. Imaginei que o responsável pelo arquivo estava muitíssimo ocupado ou os quatro pedidos que enviei se perderam (sim em dois dos vários telefonemas que dei me perguntaram: “o senhor tem certeza que fez o pedido?”, “Há quanto tempo?”, “Por gentileza refaça então o pedido, deve ter havido algum probleminha no arquivo...”, minha resposta era sempre... “claro !”). Ou ainda, o que é possível (porém não é provável), a cidade inteira está requisitando o uso do arquivo.

Só depois de muito tempo, mais especificamente, uma semana e meia antes de entregar esse trabalho, consegui visitar o arquivo do Correio Popular. E consegui isso graça a intervenção de dois amigos, sendo que um deles é diagramador do jornal. Depois que esse último conversou com o responsável do jornal, pude então entrar em contato e realizar uma pequena e rápida pesquisa no arquivo. Apesar do pouco tempo, pude coletar muitos dados interessantes. Se o primeiro fax tivesse sido respondido...

Pensei na utilização dos arquivos dos jornais impressos, por achar que seriam mais acessíveis e mais práticos, além de mais volumosos em relação a informações. Os jornais impressos também começaram a cobrir o dérbi desde muito cedo e também com mais espaço para informações, o que não é o caso dos outros veículos. As rádios e as TVs, que também constituem importante fonte, são bem mais complicados para se ter acesso e apurar as informações, além de serem mais recentes como veículos de comunicação. Eu necessitaria de um tempo que não dispunha. E pessoalmente acredito que para o tema e o tipo de pesquisa que escolhi, o jornal impresso é mais rico em informações. Portanto escolhi os dois maiores jornais impressos de Campinas.

Minha primeira intenção era estudar a linguagem desses jornais durante a “década de ouro” do futebol campineiro, procurando identificar fatores importantes e até decisivos na formação da “grandeza” dos dois times, que até 1975, não passavam de times médios ou intermediários, conhecidos apenas no estado de São Paulo. Acredito que os jornais tiveram um papel importante, não único, mas bastante relevante nessa subida de Ponte Preta e Guarani para a elite do futebol brasileiro. O meu tempo de estudo seria exatamente o período de 1976 a 1986, momento esse que o “Dérbi Campineiro” chamava a atenção do país inteiro, em função da força das duas equipes. E também um momento em que os veículos de comunicação da cidade (e até da capital São Paulo) começavam a noticiar o clássico com até uma semana de antecedência (às vezes até um mês !).

Num momento histórico marcado pela comunicação de massa, atingido características globais e instantâneas, acredito que a imprensa (além é claro do próprio desempenho das equipes - que aliás é sem dúvida o principal responsável !) foi fundamental para engrandecer a Ponte Preta e o Guarani. Mas o tempo escasso não me permitiu realizar essa abordagem com mais detalhes.

Outro problema que enfrentei foi conseguir tempo e acesso para realizar entrevistas com personagens que viveram intensamente o “Dérbi Campineiro”, sendo alguns inclusive personagens ativos dessa história. Necessitaria, com certeza, de muito mais tempo e estrutura para esse trabalho, que seria, além de importante e rico, muito prazeroso. Só pude realizar alguns poucos contatos...

Para finalizar, o maior problema, na minha opinião: os clubes. Num país que não tem memória, a história é deixada de lado. Esse é um problema geral do Brasil, em todas as áreas e instituições. O resultado desse descaso é um país sem identidade, sem força para se reconhecer e se reerguer por si só. Com o futebol não é diferente. Os grandes clubes do país não têm arquivos ou departamentos de patrimônio histórico. E quando os têm, são locais pobres de instalação e material, e geralmente deixados esquecidos em algum canto do clube e administrados por pessoas que não se importam com a história ou simplesmente não a conhecem. Chega ser revoltante e triste tal situação. É o que acontece com clubes como o Sport Club Corinthians Paulista de São Paulo (SP), Santos Futebol Clube de Santos (SP) e Clube de Regatas Flamengo do Rio de Janeiro (RJ), clubes que

tive a oportunidade de conhecer. O mesmo, infelizmente, acontece com a Ponte Preta e com o Guarani. Não há memória, não há respeito pela história dessas instituições que pertencem a “nações” inteiras de torcedores. Características de um país subdesenvolvido? Talvez. Mas além das gritantes diferenças sociais, presente num país administrado por uma poderosa minoria, a doença brasileira é mais cultural, penso eu. “Falta cultura para cuspir nessa estrutura”, disse certa vez Marcelo Nova, vocalista e guitarrista da banda Camisa de Vênus, e que fez parceria com o inesquecível Raul Seixas. Fazer o conhecimento chegar até o povo, significa fortalecê-lo e prepará-lo para lutar por melhores condições de vida - ou devo dizer de sobrevivência? -. Mas evidentemente não é interessante para a elite nacional, que o povo vá à escola, e mais, que tenha acesso à boas escolas...

Retornando ao universo do futebol e a esse trabalho, tentei contatar os clubes. Com a Ponte Preta não foi possível encontrar ninguém. Apenas pediram para procurar o doutor Sérgio Rossi, autor do livro “A História da Associação Atlética Ponte Preta”, que até agora foi lançado em dois volumes, abordando a história do time até o ano de 1956. Aliás são poucas as pessoas, como Sérgio Rossi e sua equipe de pesquisa, poucos “heróis”, que conseguem resgatar e registrar a história. Realizam um trabalho pesado, árduo, solitário e muitas vezes único. É graças a esses poucos e importantes personagens que conseguimos conservar um pouco da nossa história...

Já no Guarani, apesar de ter tido sucesso no contato, não consegui nenhum material novo ou útil. Apenas consegui do diretor de patrimônio histórico - se é que ele realmente é o responsável por essa área ou se tem algum conhecimento dela -, conhecido por “Joca”, duas revistas velhas e comemorativas, com caráter muito mais propagandísticos que históricos. Fui para o Guarani com um amigo do curso, Renato, que parece não ter obtido muita ajuda também. Como se percebe a memória e a história parecem não ser muito importante...

Diante desse contexto fica claro que seria necessário um trabalho de lapidação, o que exigira muita paciência e principalmente tempo para acessar outras fontes, vasculhando desde jornais extintos até coleções e arquivos particulares. E infelizmente tempo era o que eu não tinha... Mas não gostaria que essas palavras soassem como uma desculpa pessoal, longe disso. Mas sim como um alerta para uma história que está se perdendo. Somos tetra campeões mundiais, mas talvez não saibamos como, onde ou quando aprendemos a praticar esse fantástico esporte tão adorado nesse país de atletas pobres, que são verdadeiros campeões... em sobrevivência...

OBJETIVOS

Diante desse contexto que apresentei acima, procurei elaborar um trabalho que pudesse oferecer o maior número possível de informações sobre o “Dérbi Campineiro” e o seu meio, ou seja, o universo com que o clássico interage. Para isso usei meu arquivo pessoal, livros, revistas e jornais, além de um material ainda bruto da equipe de pesquisa de Sérgio Rossi (José Douglas Maia, Hellenice Reis Maia e José Renato Maia), que sairá no volume III de sua obra “História da Associação Atlética Ponte Preta”, abordando de 1956 a 1970. Também consegui algum material no Centro de Memória da UNICAMP

sobre Ponte Preta e Guarani. As bibliotecas da UNICAMP não possuem nada sobre o tema, embora tenham uma bibliografia razoável sobre futebol, com alguns poucos títulos. E também utilizei algumas informações que pude coletar nos jornais Diário do Povo e Correio Popular, além de informações colhidas em entrevistas.

Pretendo abordar a história do dérbi, enfocando o início da rivalidade e da condição de “times grandes” que ambos já viveram e situação que desfrutam até hoje. Para isso também procurei dar atenção para as histórias das duas equipes, mostrando que o desempenho de Ponte Preta e Guarani em determinados momentos é o maior responsável por essa condição especial que os times desfrutam no contexto do futebol nacional. E para finalizar, pretendo buscar a importância da imprensa na rivalidade e no surgimento de dois grandes times para figurar entre os “grandes do futebol brasileiro”, além de procurar entender o início e a permanência da rivalidade histórica dessa peleja ao longo dos anos.

O FUTEBOL: DA GRAVATA AO PÉ DE CHINELO

O JOGO COM BOLA

O jogo com bola, de onde evidentemente nasceu o futebol e outros esportes jogados hoje com uma bola, tem origem já na Antiguidade, em civilizações como a grega e a romana, que constituem a Civilização Clássica, da qual descendemos. Já no século V antes de Cristo há registros, em gravuras esculpidas em pedras, de jogos com bola na Grécia Antiga¹. Em outras regiões do globo também foram praticados inúmeros jogos com bola desde a Antiguidade, que serviam tanto para o entretenimento como para o treinamento de exércitos². Mas, evidentemente não era ainda o futebol, que é um esporte contemporâneo, praticado apenas como entretenimento (e claro, movimenta um rico universo mercantilista e mercadológico, de transações e propaganda).

Os jogos com bola, muitos onde se utilizavam tanto os pés como as mãos, foram praticados ao longo dos séculos de história. Na Idade Média, existem registros de práticas de jogos com bola, sendo que muitos continham um caráter religioso ou puramente festivo. A violência e as várias mortes que ocorriam durante esses jogos ou festas, eram considerados acontecimentos normais dessas práticas. Entre as várias regiões européias onde podemos encontrar essa prática esportiva e religiosa, destacou-se a Itália, onde, por exemplo, ocorreram e ocorrem até hoje, os famosos “jogos de Florença”, que são disputados há séculos em épocas específicas do ano, nas ruas ou arenas montadas. O destaque desse evento faz com que muitos autores, como o sociólogo esportivo inglês Eric Dunning, considere a Itália como uma das regiões precursoras do futebol no mundo³.

Mas o futebol, como o conhecemos hoje tem início na Inglaterra na primeira metade do século passado. Foi nesse período que o esporte foi se estruturando, ganhando regras mais fixas, massificando o jogo. Pois até então muitos jogos de bola eram praticados, mas cada região européia possuía suas próprias regras. E foi mesmo na Inglaterra que se iniciou uma homogeneização desse esporte.

O motivo dessa popularização e sucesso do futebol está nas características do próprio esporte. Trata-se de um esporte com regras simples, e acessível para qualquer pessoa, podendo também ter, por adaptação simples, um caráter festivo, por ser uma prática que envolve todo o trabalho do corpo e muito contato físico.

Foi nas universidades e escolas públicas inglesas na primeira metade do século XIX, que o esporte ganhou força, regras mais fixas e homogêneas, e se espalhou. O processo de rápida industrialização que transformou toda a Europa e principalmente a Grã-Bretanha, berço da Revolução Industrial, aumentando a população urbana e criando

¹ WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção “Para Conhecer Melhor”, Editora FTD, São Paulo, 1996.

² GODOY, Lauro. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. Nova Alexandria, Unimes, São Paulo, 1996.

³ Eric Dunning debateu as origens do futebol e o comportamento das torcidas - especificamente dos “hooligans” - no Simpósio “*Esporte no Processo Civilizatório e Violência no Futebol*”, realizado no auditório da Biblioteca Central da Unicamp, em Campinas (SP), no dia 19 de setembro de 1996.

as grandes cidades modernas, ajudou o futebol a se expandir por toda a Inglaterra e posteriormente pela Europa e o mundo.

O futebol passou inclusive a ser praticado em fábricas já no final do século passado. A dimensão e adesão que esse esporte conquistou, na Europa e também no Brasil no início desse século, fez com que rapidamente o futebol ganhasse atenção especial do meio político. Apresentado à sociedade em geral como um esporte de elite e posteriormente popularizado, atingindo camadas mais pobres da vida urbana, esse esporte passou a ser incentivado em muitas fábricas, passando a ser praticado por um grande número de operários⁴.

Essa situação liberou uma onda de discussões ideológicas que persistem até os dias de hoje. Anarquistas e comunistas do início do século, período esse marcado por grandes e importantes transformações sociais, econômicas e políticas, passaram a atacar o futebol chamando-o de “esporte burguês”, pois ele seria um instrumento de controle ideológico e físico para que as elites pudessem manter seu poder na sociedade burguesa da época⁵. O mesmo aconteceu durante o período de ditadura militar no Brasil, no final da década de 60 e início da década de 70. Nesse amargo momento da história do Brasil, muitos sociólogos e outros intelectuais da época, com posição contrária ao governo militar e com idéias socialistas herdadas de décadas de influência ideológica, passaram a retratar o futebol brasileiro como uma arma silenciadora, uma “droga dopante” e de caráter alienador, usado pelos militares para controlar o povo brasileiro que vivia naquela época forte crise econômica, para variar. O tri-campeonato no México em 1970, foi considerado um péssimo acontecimento para o povo brasileiro, na opinião desses intelectuais, que provavelmente cansados e apavorados pela maldita ditadura militar, talvez tenham se excedido em suas análises. O futebol certamente não é o “ópio do povo”, como inúmeras vezes foi caracterizado. Mas certamente pode ser usado e manipulado politicamente. É fundamental, portanto, que a população tenha acesso a cultura, para que possa se “armar” visando ter condições de analisar, interpretar e perceber sua sociedade e as relações da classe dominante com a classe dominada. Atacar o futebol, a música ou qualquer outra manifestação cultural não educa e nem conscientiza a população e muito menos resolve os problemas sociais.

Voltando para o início do século e para a expansão do futebol pelo mundo, encontramos um esporte que rapidamente se popularizou. O número de praticantes e equipes cresceu rapidamente. Foram organizados diversos torneios, foram criadas ligas regionais. Num determinado momento, o “football” exigiu a formação de uma entidade que pudesse concentrar e unificar as regras, permitindo um intercâmbio maior entre as várias equipes, popularizando ainda mais o esporte. Foi por isso fundada uma federação para congregar as várias equipes e ligas em 1865, a “Football Association”, a F.A., na Inglaterra. A expansão desse esporte se deu por toda a Europa. E em 1904, as diversas outras federações que brotaram no final do século XIX e início do atual, criaram a Federação Internacional de Futebol Associado, a F.I.F.A., que até hoje comanda o esporte no mundo. A F.I.F.A., até hoje atende as decisões da F.A., que detém os direitos desse esporte.

⁴ ANTUNES, Fátima M. R. Ferreira. *Anarquistas e Comunistas no futebol de São Paulo*. In Revista Leitura, 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo, 1992.

⁵ Idem.

O FUTEBOL DESEMBARCA NO BRASIL

O futebol, que rapidamente se massificou na passagem do século, ainda era um esporte praticado pela elite. Era considerado um esporte fino, praticado pelos rapazes da classe rica européia, que jogavam com elegantes e caríssimos uniformes. Mesmo nessa fase, o futebol, contrariando suas raízes, consegue se expandir para outros continentes, entre eles a América do Sul, e o Brasil⁶ 7.

Em 1994, a Seleção Brasileira conquistou o tetra campeonato mundial de futebol ao vencer a Copa do Mundo dos Estados Unidos. Nesse ano, o capitão Dunga ergueu um troféu que o povo brasileiro esperava há 24 anos. Também nesse ano de Copa do Mundo, além de o Brasil comemorar seu quarto título mundial, também foi comemorado o centenário do futebol Brasileiro, que se convencionou dizer ter-se iniciado no longínquo ano de 1894.

Em 1894, Charles Miller, um jovem e rico brasileiro, descendente de ingleses, desembarcava no Brasil, trazendo na bagagem duas bolas de futebol, e um esporte que conhecera e praticara na Europa, mais especificamente na Inglaterra, onde permaneceu alguns anos estudando. Esse é oficialmente o início do futebol brasileiro, que cem anos depois já seria tetra campeão mundial. Porém existem registros anteriores ao ano de 1894 que mencionam a prática do futebol nas praias do Recife (PE) e Santos (SP). Essas pelepas teriam sido jogadas por marinheiros ingleses e combinados brasileiros locais⁸.

O Brasil dessa época respirava outros ares políticos, pois em 1889 fora proclamada a república. Era um momento de transição e total influência européia nos costumes e cultura do país. O nordeste deixava aos poucos de ser o principal centro comercial e cultural do Brasil. O desenvolvimento do comércio e início da industrialização, além das fazendas de café, transformaram o sul do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, nos novos centros econômicos e culturais do Brasil. E Charles Miller desembarcou “municiado” com duas bolas de futebol para um borbulhante centro cultural em formação, a São Paulo do século XIX...

A cidade de Campinas já nessa época era considerada um dos principais centros urbanos do país e principalmente do estado de São Paulo. Nessa período a produção de café da região de Campinas ganhou muito destaque, e também a rápida e massiva industrialização da cidade, fez com que ela rivalizasse com São Paulo pela supremacia do estado. Campinas, que “surgiu” em meados do século XVIII, quando servia de rota para os bandeirantes de São Paulo que se dirigiam para Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso,

⁶ Na passagem do século o Brasil importou da Europa diversos costumes e aspectos culturais do Velho Continente. Era a “Belle Époque” que traçava sua trajetória. O mundo respirava ares imperialistas, com o poder das potências européias atingindo todos os níveis das “sociedades colonizadas”. Muitos aspectos da cultura européia foram trazidos e incorporados ao cotidiano do país. A influência mais óbvia, por exemplo, é a religião cristã (católica) que foi imposta desde a época do Brasil colônia, no século XVI. Desde então o “mundo colonizado” recebe forte domínio e influência cultural do Velho Continente. É nesse contexto que o futebol desembarca no Brasil no final do século XIX como um esporte europeu e elitista...

⁷ HOBSBAWM, Eric J.. *A Era dos Impérios 1875 -1914*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.

⁸ WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção “Para Conhecer Melhor”, Editora FTD, São Paulo, 1996.

logo na passagem do século, quando já era uma das maiores cidades do estado, recebeu também forte influência européia⁹, com a chegada inclusive desse então novo esporte, o futebol. Campinas também era nessa época uma cidade que “respirava cultura”, e sua hoje poderosa elite, começa a se estruturar com o crescimento da importância da cidade para o estado, com a enorme plantação de café, e posteriormente, para todo o país, com o avanço da indústria.

Muitos times de futebol foram surgindo em São Paulo e também em Campinas. A maioria era formada por imigrantes europeus. O esporte, que começava a se massificar, ainda era um esporte para grã-finos. E assim se caracterizou até meados de 20, quando o futebol começou a ser praticado de forma relevante por outras camadas da sociedade brasileira. Algumas ligas foram formadas para abrigar um número cada vez maior de times de futebol que surgiam no final do século XIX e início do século XX.

Várias equipes surgiram em São Paulo, como o São Paulo A.C., São Paulo Railway, Mackenzie, S.C. Germânia, S.C. Americano, C.A. Paulistano, S.C. Internacional, S.C. Corinthians Paulista, Palestra Itália, Santos F.C., etc. Outros estados, principalmente nas capitais, também foram ganhando suas agremiações, como o Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Pará, etc. Em Campinas não foi diferente. Nasceram nesta cidade equipes como o Gimnasia, Sport, Ypiranga F.C., London F.C., Scratch Campineiro, Corinthians F.C., etc., e principalmente a A.A. Ponte Preta em 1900 (ou será 1906 ?¹⁰) e o Guarani F.C. em 1911, as equipes que servirão de objeto de estudo para esse breve trabalho.

Foram alunos do Ginásio “Culto à Ciência”, perto da atual rodoviária de Campinas e também onde estudou o aviador e cientista Santos Dumont, que introduziram o futebol em Campinas por volta de 1897. Portanto o novo esporte chegou à cidade apenas três anos depois de ter desembarcado em São Paulo (!), muito provavelmente em função da proximidade das cidades, e por Campinas já ser na época uma das principais cidades do estado.

As peijas disputadas no final do século passado não tinham nenhum caráter oficial, pois nem haviam equipes organizadas ainda em Campinas. Os jogos eram disputados por grupos de jovens da cidade, geralmente por jovens da elite campineira.

O futebol se popularizou muito rapidamente pelo mundo, principalmente no Brasil. Já na década de 20, existiam vários clubes e vários jogadores que já viviam de forma semi-profissional. O profissionalismo de fato chega ao país na década de 30. Com o passar do tempo o futebol se mostrou uma importante fonte de riqueza. Hoje o esporte tem um poderoso universo de transações milionárias e propagandísticas, além de ser altamente lucrativo para um contexto mundial de comunicação de massa, onde cada jogo é considerado um grande evento, um incomensurável e rentável espetáculo. A Copa do

⁹ SCHORSKE, Carl E.. *Viena Fin-de-Siècle, Política e Cultura*. Editora da Unicamp/Companhia das Letras, São Paulo, 1988. Nessa obra é possível encontrarmos elementos que nos permitem compreender a construção da “modernidade” na passagem do século, período esse em que a Europa, a maior potência mundial da época, exporta sua cultura e seus valores sociais em geral. É essa noção de “modernidade” que o Brasil importa da Europa, e na bagagem cultural vindo do Velho Continente, estava um novo esporte, o futebol, um esporte típico da modernidade e da nova mentalidade que se estabelecia.

¹⁰ Pretendo desenvolver essa polêmica em relação a fundação da Ponte Preta quando for tratar da história do clube.

Mundo, por exemplo, se transformou no maior evento sócio-cultural do planeta, superando grandes festivais ou mesmo os Jogos Olímpicos.

Porque tamanho sucesso para o futebol? Hoje sabemos que o futebol se tornou o esporte mais popular e mais praticado em todo o planeta. Penso que isso decorra das próprias características desse esporte, além é claro de uma primeira difusão imposta pelo domínio mundial dos países europeus na passagem do século. A facilidade em se praticar o futebol, tanto no sentido estrutural (pois até uma pedra pode servir de bola! e para o gol basta usar outras duas pedras! o campo? bastam poucos metros quadrados de um terreno até irregular!¹¹) como organizacional, pois suas regras são bastante simples, além de outras características peculiares, como por exemplo, ser um esporte coletivo bastante saudável, por exercitar praticamente toda a musculatura do corpo. O futebol também carrega consigo uma irreverência natural, que desafia qualquer lógica no esporte, e por isso ele se torna apaixonante ou no mínimo interessante.

Há também um outro aspecto do sucesso que gostaria de citar. Trata-se da “cultura do futebol”. Depois de mais de um século de prática, o futebol ganhou uma riqueza cultural (na linguagem e nos costumes) sem limites, sendo que já serviu de inspiração para diversas obras artísticas, serviu também como instrumento político e objeto de estudo nas áreas de história, antropologia, pedagogia, economia, sociologia, psiquiatria, linguística, literatura, ciências do corpo, etc. O futebol se misturou com a cultura ocidental, tornando-se uma das maiores expressões sociais e culturais que possuímos. E esse fenômeno se deu na maioria dos países do globo, principalmente no Brasil. Nenhum outro esporte conseguiu tamanha difusão. E dificilmente conseguirá (nem o futebol de salão, por simplesmente precisar de uma quadra - e além disso esse esporte, filho do futebol tradicional, é um dos esportes mais praticados no Brasil, mas que encontra terríveis dificuldades para emplacar como grande evento ou espetáculo para a tão exigente mídia¹²).

¹¹ Esse exemplo é bastante particular, pois eu mesmo vivi tal experiência quando na escola, com meus colegas, jogávamos futebol com pedras. A diretora da escola não queria que jogássemos futebol no intervalo. Então nós, teimosos e “tarados” por bola, arrumávamos um jeitinho e uma outra bola: uma pedra. Voltei inúmeras vezes para casa com minha canela cheia de hematomas, e não raras vezes encarava um sermão do meu “técnico”, minha mãe. Repeti a mesma experiência muitas vezes no colégio, quando inclusive, eu e mais alguns poucos amigos, “fugíamos” da aula, indo para o “eterno ponto de encontro”, a quadra do colégio. A coordenadora pedagógica, ficava “louquinha” e quando queria nos encontrar se dirigia à quadra... aí vinha outro sermão para os “fujões suados”. Outro exemplo, bastante próximo, é o dos “jogos de futebol” do meu pai na sua infância. Como uma bola de futebol era um artigo caro, ele e seus colegas improvisavam “construindo” bolas de meia para a realização de grandes jogos, disputados muitas vezes, com os “sapatinhos”, o que era comum para os garotos da época. Os jogos eram realizados nos inúmeros campos de várzea de Atibaia - onde morava meu pai -, muito comuns na época. Assim como eu, meu pai enfrentou a ira do seu técnico, sua mãe - minha avó -, que ficava enfurecida com os sapatos estragados e sujos, e os freqüentes sumiços das meias da casa...

¹² O futebol de salão, que foi patenteado no Uruguai - ao contrário do que muitos imaginam, não se trata de um esporte brasileiro, embora o Brasil seja hoje o país que mais o pratica e que detém o melhores jogadores do mundo -, é um esporte que gera hoje em dia uma grande discussão entre esportistas, jornalistas, professores e teóricos de Educação Física. Por se tratar de uma versão “menor” do futebol tradicional, no sentido das dimensões da bola e local de disputa, além do número de atletas, o futebol de salão não conseguiu criar um universo poderoso na mídia, como o futebol tradicional. São várias as versões para justificar tal “fracasso”. Uma delas diz que o futebol de salão não é levado a sério por ser constantemente ofuscado pelo futebol, que é sem dúvida um esporte adorado em todo o Brasil. Outra

A.A. PONTE PRETA: A PAIXÃO E RAÇA **ALVINEGRA DE CAMPINAS**

A Ponte Preta, que possuiu uma inflamada torcida, carrega consigo um carisma bastante grande. Com a fantástica projeção alcançada durante a década de 70, a Ponte Preta conquistou um lugar ao lado das maiores agremiações do país. Esse sucesso se deu em função de um maravilhoso trabalho de base e também em função do desempenho de um time que chegou por quatro vezes ao vice campeonato paulista, além de um terceiro lugar no campeonato brasileiro. Por mais de uma década, a Ponte Preta disputou títulos e cedeu jogadores para a Seleção Brasileira, revelando nomes inesquecíveis para o futebol brasileiro. Esse momento glorioso vivido pela Ponte Preta aconteceu entre os anos de 1975 a 1985. Mas a alvinegra, pois suas cores são o branco e o preto, apresenta outros momentos de sucesso e glória em sua história.

A Associação Atlética Ponte Preta nasceu no dia 16 de agosto. O ano de sua fundação foi, por muito tempo, registrado como sendo o ano de 1900. Porém em 1996, o jornal impresso Diário do Povo, de Campinas, através do jornalista Ariovaldo Izac, realizou uma pesquisa que se destinava a uma série de reportagens sobre a história do futebol campineiro. Nesse precioso trabalho de resgate da história, Ariovaldo encontrou dados que provam que a Ponte Preta nasceu na verdade no ano de 1906 e não no ano de 1900 como foi dito por quase um século.

O time não vem realizando boas campanhas nas últimas temporadas, e essa notícia não foi muito bem aceita pela comunidade pontepretana. Pois com essa alteração, a Ponte Preta perde o tradicional apelido de “Veterana”, e o título de clube mais antigo do Brasil em atividade. Título esse que só foi ameaçado, nesses 95 anos de história, pela agremiação gaúcha Sport Club Rio Grande, nascido em 19 de julho de 1900, menos de um mês portanto do suposto nascimento da Ponte Preta. Porém o S.C. Rio Grande parou com suas atividades por várias vezes. E apesar do mal estar gerado com a publicação da reportagem, o “Diário do Povo”, num primeiro momento apresentou provas.

No antigo jornal impresso “Commercio de Campinas”, dos dias 16 e 18 de agosto de 1908, estão registrados duas notícias sobre o time pontepretano. Na primeira dessas notícias aparece o seguinte texto, que foi transcrito na íntegra pelo jornal “Diário do Povo” do dia 13 de março de 1996:

“Commemora hoje seu 2º aniversario esta sympathica associação, composta de distintos jovens, que para solennisar tão grato acontecimento, organizam uma

versão faz menção a troca constante de regras que vem ocorrendo desde a década passada, não conseguindo assim dar uma identidade ao esporte. E por fim, outra versão diz que o futebol de salão está muito próximo de esportes como o basquete e o vôlei, que são esportes de quadra, o que gera um certo preconceito e que também dificulta para os meio de comunicação utilizá-lo como um evento grandioso, para gerar espetáculo - basta lembrar que o maior momento do vôlei nacional no país, por exemplo, foram as disputas da Seleção Brasileira contra a U.R.S.S. no início da década de 80 numa quadra especialmente montada no Maracanã !

*esplendida festa que terá lugar na sede social, e da qual participarão as directorias e socios das outras sociedades sportivas. Congratulamos com a distinta associação sportiva pelo seu feliz anniversario, e agradecemos a gentileza do convite endereçado a esta redação”.*¹³

O segundo texto, localizado na pagina 2 do mesmo jornal, dois dias depois, traz as seguintes palavras na íntegra:

“Comemorando o seu segundo aniversario, realizou esta associação um belo match de foot-ball no campo da sociedade, acima da caixa d’agua, o qual começou as 2 horas da tarde. Foi muito bem travado o match entre Brasileiros e Extrangeiros, denotando ambos muita facilidade no jogo, havendo empate./ Terminando o match dirigiram os campeões a sede social, que se achava magnificamente enfeitada com bandeiras e um grande distico (Diário do Povo: grafia correta da palavra é distico, que segundo o Dicionário Aurélio significa grupo de dois versos). Dizia: Salvé a A.A. Ponte Preta./ Estava representante da Associação Athletica Cruz Verde. Estabeleceu-se a mais cordial animação, ao servir-se abundante mesa de sandwicks e cerveja Polar. Nessa ocasião o nosso representante, em nome desta folha, que foi especialmente convidada, saudou a A.A. Ponte Preta, desejando-lhe longos anos de vida e prosperidade. Houve muitas saudações ainda àquella associação, a esta folha e especialmente ao nosso redactor chefe (jornalista Henrique Barcellos). Depois o presidente deu a palavra ao orador oficial, sr. Humberto Marotta, que, em brilhantes palavras saudou o Commercio de Campinas. Sentia-se feliz, disse elle, de ver ali o representante desta folha, que é tão solícita e se tem mostrado em animar as associações campineiras. Falou ainda o nosso representante, convocando a dar parabéns àquella sociedade em nome da sociedade Cruz Verde./ Foi uma linda festa commemorativa e que marcará com saudade a data do 2º anniversario da A.A. Ponte Preta. Agradecemos às gentilezas que foram prestadas ao nosso representante e as palavras entusiasticas de que foi alvo esta folha e seu redactor chefe.”

Além dessas provas, outros registros foram encontrados e que indicam uma série de contradições. No antigo jornal “Cidade de Campinas” de 1902, está registrado o primeiro jogo de futebol de Campinas, realizado no dia 22 de julho daquele ano, envolvendo Gymnasio e Sport, os dois primeiros clubes da cidade, fundados também naquele ano. Além desses dados, Ariovaldo Izac levantou também que os fundadores da Ponte Preta teriam muito pouca idade em 1900. Por exemplo, Luiz Burghi, que participou da fundação, nasceu, segundo seus familiares em entrevista ao “Diário do Povo”, em 1892, portanto só teria 8 anos em 1900 ! Além dele, também o primeiro presidente do clube, Pedro Vieira da Silva, teria em 1900 entre sete e oito anos. Pedro Vieira da Silva morreu em 1963 e três anos antes afirmou à imprensa de Campinas que tinha cerca de 12 anos quando participou da fundação da Ponte Preta.

O jornalista Ariovaldo Izac sofreu diversas ameaças de torcedores da Ponte Preta, descontentes com a notícia. Uma atitude selvagem e covarde diante da verdade.

¹³ Não foi possível obter o autor desses textos, assim como dos demais textos de jornais da época que aparecem ao longo do trabalho.

Ariovaldo foi sutilmente “obrigado” a arquivar o material, encerrando assim o assunto para a alegria de alguns selvagens e covardes torcedores pontepretanos, que temem a verdade, e também se arquivam dessa forma a liberdade de expressão...

A Associação Atlética Ponte Preta foi fundada, portanto, em 16 de agosto de 1906 na cidade de Campinas, por um grupo de jovens desportistas, que já praticavam esse novo esporte, o futebol. A fundação se deu na mesma região onde hoje se encontra o seu Estádio, o Moisés Lucarelli, perto dos trilhos da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, onde havia sido construída uma ponte por sobre os trilhos. Essa ponte estava pintada de preto e era chamada, portanto, de “ponte preta”. Foi desse pequeno detalhe que nasceu o nome do time¹⁴.

A primeira reunião, quando se fundou o clube, foi realizada à sombra de duas paineiras onde hoje é localizado o prédio da escola SENAI, num local próximo portanto da atual Rua Abolição. As primeiras atividades da Ponte Preta foram jogos despretensiosos contra outras antigas equipes da cidade. Somente em 1912, disputando o primeiro grande torneio da cidade, a Liga Operária de Foot-Ball, a Ponte Preta adentrou o universo de jogos de competição, e logo se saiu bem, vencendo esse primeiro certame.

O clube sempre apresentou uma atividade política intensa, com acirradas disputas pelo comando do clube. Muitos dos “comandantes” do clube conseguiram uma grande projeção, adentrando a política da cidade, do estado e até do país. Exemplos de pessoas e famílias que conseguiram projeção para a política depois de atuarem na política do clube não faltam. Podemos citar, por exemplo, em gestões recentes, as famílias Pettená, Moraes e Chedid, famílias essas que comandaram o clube e que também atuaram em importantes cargos políticos da cidade.¹⁵

Embora nunca tenha sido campeã paulista, a Ponte Preta venceu inúmeros outros certames regionais. E desde muito cedo, nos anos de 1928 e 1929, a convite do poderoso Clube Atlético Paulistano da capital (com quem a Ponte Preta mantinha estreitas relações de amizade), a equipe já participava da Liga Amadora de Futebol, L.A.F., um dos campeonatos principais do estado (pois haviam duas ligas na época). Nesses dois anos de disputa, a Ponte Preta surpreendeu, conquistando o terceiro lugar em ambos os certames, que contaram com 12 e 11 equipes, respectivamente.

Em 1930, com a unificação dos times da capital, o Campeonato Paulista passou a ser realizado com a disputa de um único certame. Apesar das ótimas campanhas nas competições anteriores, a Ponte Preta não conseguiria mais participar do Campeonato Paulista, até o ano de 1951, quando um ano antes, conquistou o direito de voltar a Divisão Principal, após boa colocação na Divisão de Acesso (2^o Divisão) de São Paulo¹⁶.

Sua volta a primeira divisão foi bastante comemorada, até porque dois anos antes, em 12 de setembro de 1948, a Ponte Preta havia inaugurado seu novo estádio, o Moisés Lucarelli, sua morada até hoje. Nesse dia, a equipe enfrentou o E.C. XV de

¹⁴ ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. Volume I, R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, 1989.

¹⁵ A relação com todos os presidentes da história da A.A. Ponte Preta está em anexo no final do trabalho.

¹⁶ A Divisão de Acesso foi criada em 1948 pela Federação Paulista de Futebol, a F.P.F., para que as equipes menores do interior disputassem entre si o direito de jogar a Divisão Principal, com os times da capital, os melhores na época. Com isso o Campeonato Paulista de Futebol conseguia congrega todas as equipes profissionais do estado, unificando o futebol paulista. A primeira equipe a conquistar essa “segunda divisão” foi o E.C. XV de Novembro de Piracicaba, que subiu para a Divisão Principal em 1949.

Novembro de Piracicaba (SP), que fora naquele mesmo ano, o primeiro campeão da Divisão de Acesso. O XV venceu a peleja por 2 X 1.

De 1930 a 1950, a equipe amargou vinte anos de atividades regionais, disputando certames como o Campeonato Campineiro e as competições da Divisão de Acesso do Campeonato Paulista. Para o certame de 1951 a Ponte Preta estava de volta a divisão principal. Ficou dez anos disputando a primeira divisão do Campeonato Paulista, entre os maiores clubes de São Paulo: S.C. Corinthians Paulista, S.E. Palmeiras, São Paulo F.C., Santos F.C. e A. Portuguesa de Desportos. Porém, em 1960, a Ponte Preta termina o Campeonato Paulista na última colocação, caindo novamente para a 2^o Divisão.

Depois de disputar por uma década a 2^o Divisão de São Paulo, a Ponte Preta é campeã da Primeira Divisão ou Divisão de Acesso (apenas um “nome mais bonito” e talvez menos constrangedor para a 2^o Divisão !) do Campeonato Paulista em 1969, voltando assim, no ano seguinte, a disputar a Divisão Principal de São Paulo. E surpreendentemente, a equipe é vice campeã paulista de 1970 ao lado do S.E. Palmeiras ! A Ponte Preta ficou apenas atrás no saldo de gols: 3 gols de saldo contra 6 do S.E. Palmeiras. O São Paulo F.C. foi o campeão dessa temporada.

A década de 70 e a primeira metade da década seguinte, foram sem dúvida o melhor momento da história do clube. A Ponte Preta disputou de 1970 a 1976 as posições intermediárias do Campeonato Paulista. Em 1974, a equipe começou a ganhar espaço entre os grandes times do estado. Nesse ano, A Ponte Preta foi vice campeã do I Turno do Campeonato Paulista, ficando atrás somente do S.C. Corinthians Paulista, que depois faria a final do certame contra o S.E. Palmeiras, campeão do II Turno.

A Ponte Preta foi, em 1970, o primeiro time do interior a disputar um campeonato nacional, no caso a Taça de Prata. Já a sua estréia no atual Campeonato Brasileiro se deu em 1976, quando conseguiu chegar até a III fase, a última fase antes das semifinais. A partir desse ano a Ponte Preta montou um dos melhores times do país. Essa equipe faria da Ponte Preta um dos times grandes no cenário do futebol brasileiro. A Ponte Preta seria mais três vezes vice campeã paulista em 1977, 1979 e 1981. E também conquistaria um terceiro lugar no campeonato brasileiro de 1981, além de revelar inúmeros craques que vestiriam a camisa da Seleção Brasileira por muitos anos, como Carlos, Oscar, Polozzi, Juninho, Edson, Dicá, Chicão, etc. O time disputou o Campeonato Brasileiro até 1986, quando realizou uma campanha razoável. Em 1987, com a revolução dos chamados “gigantes” do futebol brasileiro, a Ponte Preta ficaria de fora da Divisão Principal do Campeonato Brasileiro, não participando mais até agora.

De 1976 a 1986 a equipe só não participou dos certames nacionais de 1979 (por boicote dos times paulistas) e de 1984. Em 1987, a Ponte Preta, após terrível campanha no Campeonato Paulista, cai ao lado do Bandeirante de Birigui para a 2^o Divisão de São Paulo novamente. A equipe só voltaria a disputar a divisão principal do Campeonato Paulista em 1990, após ser vice campeã da Divisão de Acesso em 1989. Mas o time não resiste à crise interna e cai novamente em 1995 para a Divisão de Acesso, onde está disputando atualmente, sonhando reviver os anos gloriosos que ficaram no passado.

A Ponte Preta, certamente não está mais entre os grandes times do país ou do estado, mas possui história e tradição suficiente para voltar a se apresentar entre os melhores. Não é raro ouvirmos das pessoas de outras cidades ou estados, ligadas ao futebol, comentarem “o que aconteceu com a Ponte ?... faz tempo que ela sumiu”. Uma

reação natural de pessoas que ainda guardam na lembrança o inesquecível esquadrão pontepretano que encantou o país na segunda metade da década de 70 e início da década de 80, e que se acostumaram com a alvinegra de Campinas entre os “gigantes”. E além dessa tradição, a Ponte Preta tem uma das torcidas mais fanáticas e fiéis do país, além de ser uma das maiores do interior, juntamente com o rival Guarani F.C.. A equipe, sempre acompanhada por sua imensa torcida, levantou ao longo da história alguns importantes títulos.¹⁷

OS PRINCIPAIS NÚMEROS DA PONTE PRETA

- CAMPEONATO PAULISTA:

A Ponte Preta conquistou em Campeonatos Paulistas, até 1996, um total de 1.169 pontos - considerando-se dois pontos para vitória e um para empate - e uma porcentagem de 51,19 % de pontos conquistados do total que disputou (considerando-se aqui dois pontos para vitória e um ponto para o empate). O S.C. Corinthians Paulista, clube que mais somou pontos na história da competição, obteve 2.913 pontos, e a segunda porcentagem de pontos conquistados da história, 68,39 %. O S.E. Palmeiras foi o time que obteve a melhor porcentagem de pontos conquistados ao longo da história: 69,01 %, somando um total de 2.868 pontos conquistados.

Ao longo dos anos de disputa, a Ponte Preta realizou 1.130 jogos, obtendo 403 vitórias, 351 empates e 376 derrotas. A média de gols marcados pela alvinegra campineira é de 1,26 gol por jogo, e a média de gols sofrido é 1,20 gol. Considerando os times ainda em atividade, a Ponte Preta está entre as dez melhores equipes da história do Campeonato Paulista.¹⁸

Apesar de três terceiros lugares e quatro vice campeonatos, a Ponte Preta nunca ganhou a artilharia do certame, ou seja, nunca teve o artilheiro máximo do Campeonato Paulista. O desempenho do time, que foi uma das equipes que mais participou da divisão principal do Campeonato Paulista, teve maior destaque ao longo da década de 70 e durante a primeira metade da década de 80.¹⁹

- CAMPEONATO NACIONAL

Embora o Campeonato Paulista possa carregar um caráter mais tradicional, incentivando mais a rivalidade, o Campeonato Brasileiro é, sem dúvida, a principal competição do país, principalmente a partir de 1971, quando teve início o Campeonato Nacional de Clubes, que realmente unificou e abrangeu todo o país. Para a alvinegra de Campinas foram dez anos no Campeonato Brasileiro, com oito participações. A história da Ponte Preta em certames nacionais começa em 1970. Nesse ano a equipe teve a glória de ter sido o primeiro time do interior a disputar uma competição nacional, disputando a Taça de Prata. Depois, voltaria em 1976, para a disputa do atual Campeonato Brasileiro,

¹⁷ Os principais títulos da A.A. Ponte Preta estão em anexo.

¹⁸ STORTI, Valmir, e, FONTENELLE, André. *A História do Campeonato Paulista*. Publifolha, São Paulo, 1997.

¹⁹ Todo o desempenho - estatísticas - da A.A. Ponte Preta no Campeonato Paulista está em anexo.

ficando entre os principais clubes do país até 1986, quando, em pesada crise financeira e política, e também pela criação do “clube dos 13” e da Copa União²⁰, a equipe deixa de disputar o certame nacional. O Campeonato Brasileiro pode ser dividido em 4 fases:

- TORNEIO RIO/SÃO PAULO, disputado de 1950 a 1966, com disputas extras em 1933, 1993 e 1997. Em 1954 a competição passa a ser chamada também de Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Esse certame foi o primeiro modelo de Campeonato Brasileiro disputado no país. Nessa época as melhores equipes do país estavam nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Os times dos outros estados não faziam frente a paulistas e cariocas. Esse contexto começa a se alterar na década de 60, com equipes de outros estados ganhando força no cenário nacional, principalmente com a disputa da Taça Brasil, onde equipes consideradas pequenas e desconhecidas começam a ganhar projeção. Com isso o Torneio Rio/São Paulo passa a incluir outras equipes grandes de outros estados, mudando definitivamente seu nome. A Ponte Preta nunca participou dessa competição.

- TAÇA DE PRATA, disputada de 1967 a 1970, trata-se da continuação do Torneio Rio/São Paulo. A competição ainda era chamada de Torneio Roberto Gomes Pedrosa. A Ponte Preta participou da última edição desse certame, em 1970, ano em que o Fluminense F.C. do Rio de Janeiro (RJ) sagrou-se campeão nacional.

-TAÇA BRASIL, foi um certame disputado em jogos eliminatórios e só com os campeões estaduais. É o “pai” da atual Copa do Brasil e foi disputada de 1959 a 1968. Obviamente a Ponte Preta não participou da competição.

- CAMPEONATO BRASILEIRO, é o atual campeonato, apesar dos altos e baixos, é o modelo definitivo de Campeonato Nacional. É disputado desde 1971. Por uma década a Ponte Preta esteve presente nessa competição. A equipe teve uma destacada participação nos anos que disputou o certame nacional.²¹

- COPA DO BRASIL, é uma cópia quase exata da antiga Taça Brasil. A diferença é que esse torneio tem a participação de mais times, incluindo vice campeões e convidados. É disputado desde 1989. E a Ponte Preta jamais jogou a Copa do Brasil, assim como nunca disputou um certame internacional como a Taça/Copa Libertadores da América ou a Copa Conmebol, por exemplo, ao contrário do rival, Guarani F.C., que já desfilou suas cores em gramados internacionais.

²⁰ Em 1987, os 13 maiores times do país (S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras, São Paulo F.C., Santos F.C., C.R. Flamengo, Fluminense F.C., Botafogo F.R., C.R. Vasco da Gama, C. Atlético Mineiro, Cruzeiro E.C., S.C. Internacional, Grêmio F.P. e E.C. Bahia), os “gigantes” do futebol brasileiro, se rebelam diante do autoritarismo da C.B.F., Confederação Brasileira de Futebol, formando um grupo e organizando um outro campeonato nacional, a “Copa União”, paralelo à competição organizada pela entidade.

²¹ Toda a participação da A.A. Ponte Preta na história do Campeonato Brasileiro está em anexo.

GUARANI F.C.: O ORGULHO E A PAIXÃO **ALVIVERDE DE CAMPINAS**

O primeiro time do interior do Brasil e o único até agora a ser campeão brasileiro foi o Guarani Futebol Clube da cidade de Campinas. O “Bugre”, como é chamado pelos boleiros e por sua imensa torcida, numa referência óbvia ao “índio” na obra “Il Guarani” de Carlos Gomes, não era na época dessa inesquecível conquista, em 1978, um dos “grandes” do futebol brasileiro. A equipe já estava se destacando desde meados da década de 70. E essa gloriosa conquista colocaria definitivamente o Guarani entre os chamados “grandes do futebol brasileiro”. E ao contrário da maior rival, Ponte Preta, nunca mais saiu dessa condição, disputando desde então as principais competições nacionais, conseguindo em muitas oportunidades uma excelente classificação.

O melhor momento do time foi vivido simultaneamente com a Ponte Preta. O Guarani conseguiu essa importante e decisiva projeção na mesma época que a Ponte Preta, ou seja, na década de 70 e início da década de 80. Nesse período, o Guarani revelou vários bons jogadores, muitos serviram a Seleção Brasileira, e ganharam fama internacional.

Foi motivado pelo surgimento de vários times de futebol em São Paulo e em Campinas no início desse século, que um grupo de jovens estudantes, a maioria descendentes de imigrantes italianos, que sempre se reunia nas sombras das palmeiras imperiais da antiga praça do “Cardoso”, atual Jardim Carlos Gomes no centro da cidade, perto da prefeitura, resolveu fundar um novo clube, especificamente para a prática do futebol.

Nascia assim no final do mês de março de 1911 um novo time na cidade. Comemora-se oficialmente o aniversário do clube em 2 de abril, por determinação dos próprios fundadores. O dia 1º de abril, dia da mentira não seria uma boa data. O nome escolhido foi uma homenagem ao grande maestro Antônio Carlos Gomes, considerado o “gênio musical das américas”, e que nascera em Campinas. Assim nascia o “Guarany Football Team”, que logo se abasileirou para “Guarani Futebol Clube”, numa clara alusão a maior obra de Carlos Gomes, “Il Guarani”, que nessa época fazia muito sucesso na Europa, principalmente na Itália.

O jovem time passou a realizar jogos contra as equipes da região, todos times mais experientes. Entre essas equipes mais experientes da cidade estava exatamente a Ponte Preta, futura maior rival do “bugre”. Sem completar um ano de vida, o Guarani já enfrentaria a Ponte Preta, que em 1912 já era uma das principais equipes da cidade. O Guarani logo alcança a mesma condição, disputando inclusive o II Campeonato Campineiro de Futebol já em 1912. Até meados da década de 20, o time realiza jogos contra equipes locais ou da região. Faltava conquistar a elite do futebol paulista. Em 1927, o time é convidado a disputar o Campeonato Paulista da A.P.E.A., Associação Paulista de Esportes Atlético. O alviverde disputa o principal campeonato do estado até o ano de

1931. É bom lembrar que a Ponte Preta também participa do certame principal do estado em 1928 e 1929, só que pela L.A.F., Liga de Amadores de Futebol.

De 1932 a 1948, o Guarani voltou às atividades regionais disputando certames locais, entre eles o Campeonato Campineiro de Futebol. A equipe só conseguiria voltar a disputar, de forma ininterrupta, o campeonato principal do estado 39 anos depois, em 1950. Para voltar a disputar a Divisão Principal do Campeonato Paulista, o time precisou conquistar esse direito, e o fez ao sagrar-se campeão paulista da Divisão de Acesso, em seu segundo ano de disputa - no primeiro ano foi campeão o E.C. XV de Novembro de Piracicaba. Em compensação, o "Bugre" nunca mais saiu da divisão de elite do futebol paulista. O time derrotou o Batatais F.C.. Além do Guarani, apenas o A.E. Araçatuba e o Rio Branco E.C. de Americana, entre as equipes do interior, nunca descenderam ou voltaram para a 2^o Divisão de São Paulo. Porém com justiça, essa glória cabe apenas ao Guarani, pois o Rio Branco E.C. e o A.E. Araçatuba, equipes pequenas, só passaram a disputar a Divisão Principal de São Paulo a partir de 1993 e 1995, respectivamente, o que evidentemente é irrelevante.

Pode-se dizer então que de 1911 a 1949, o Guarani manteve atividades basicamente regionais, disputando competições locais - conquistando seu primeiro título campineiro em 1916 -, exceto no período de 1927 a 1931, quando participou do Campeonato Paulista principal, pela A.P.E.A..

O Guarani trocou várias vezes de "casa". Já em 1911 a equipe conseguia junto a prefeitura da cidade um terreno localizado na Rua Sales de Oliveira. E foi neste local que o "Bugre" mandou seus primeiros jogos. Porém essa primeira "casa" durou pouco tempo, pois o terreno era emprestado e seria utilizado brevemente. Com isso o Guarani se muda para a Rua Barão Geraldo Rezende no bairro do Guanabara, onde havia um campo de futebol, que era ocupado por duas outras equipes da cidade, que estavam se extinguindo para a prática do futebol, o A.A. Guanabara e o E.C. Comercial. Em 15 de junho de 1923, o Guarani inaugurou seu "novo estádio" nesse terreno. Esse estádio ficou conhecido na história de Campinas como o "Pastinho", motivo inclusive para muitas chacotas dos rivais alvinegros, ou apenas como o "Estádio do Guarani F.C..".

Trinta anos depois, em 1953, o clube trocou seu velho estádio por um grande terreno, onde em 31 de maio desse mesmo ano seria inaugurado seu novo e definitivo estádio, o atual Brinco de Ouro da Princesa, hoje um dos maiores e mais modernos do estado e do país, com capacidade para 45.000 pessoas. Esse estádio foi projetado pelo arquiteto paulistano Ícaro de Castro Mello, que atualmente empresta seu nome para um moderno estádio no Ibirapuera em São Paulo, onde são realizadas diversas partidas, muitas importantes, pelo Campeonato Paulista e Brasileiro.

O clube foi crescendo o suficiente para deixar o universo regional. Assim como o Guarani, outras equipes do interior de São Paulo foram ganhando destaque. O Campeonato Paulista de futebol precisava então sair da capital e da cidade de Santos, basicamente, para abranger também o interior, para assim poder se tornar de fato um certame estadual. Foi criado diante desse contexto a Lei de Acesso, que nada mais era que a disputa pelas equipes menores do interior de uma segunda divisão, sendo que o campeão passaria a ter o direito de disputar a primeira divisão, formada pelos melhores times do

estado, todos basicamente de São Paulo, com exceção do Santos F.C. da cidade de mesmo nome²².

No primeiro ano de disputa, em 1949, sagrou-se campeão o E.C. XV de Novembro de Piracicaba. Mas logo no ano seguinte, em 1950, o Guarani, que em 1927 já era integrado à A.P.E.A. e que participou, à convite, do Campeonato Paulista até 1931 - sendo inclusive em 1927 quarto colocado -, levaria o título e o direito de disputar a divisão de elite do futebol paulista, de onde nunca mais saiu.

Apesar de nunca ter sido rebaixado, foram mais de vinte anos disputando posições intermediárias na competição. A partir da década de 70, o time começa a ganhar destaque e a almejar um lugar entre os grandes de São Paulo e do país. O que consegue em 1973, quando pela primeira vez participa do Campeonato Brasileiro. Embora a Ponte Preta tenha participado da Taça de Prata em 1970, foi o Guarani quem ingressou primeiro nessa última fase do Campeonato Nacional, que tem início em 1971 - a Ponte Preta passa a disputar o certame nacional nessa fase, três anos depois do Guarani, em 1976.

A maior glória do "Bugre" até hoje seria exatamente no Campeonato Brasileiro, quando em 1978, o time sagrou-se campeão brasileiro ao vencer o poderoso S.E. Palmeiras, já em fins de "Academia". Com esse título, o Guarani entrou definitivamente para o seleto grupo dos "grandes do futebol brasileiro". Desde 1973, o Guarani só ficou fora de cinco campeonatos brasileiros. Nesses anos - 1981, 1984, 1987, 1990 e 1991 -, o Guarani disputou a 2^o Divisão do Campeonato Brasileiro, sendo inclusive campeão brasileiro no anos de 1981, quando o torneio era chamado de Taça de Prata - que não é o mesmo certame que fora disputado entre as principais equipes do país de 1967 a 1970.

Além do título brasileiro, o "Bugre" obteve outras importantes conquistas como os vice campeonatos brasileiros em 1986, 1987 (no chamado "Módulo Amarelo", quando na decisão diante do Sport Club Recife, o Guarani empatou nos pênaltis com o adversário em 11 X 11, e ambas as equipes desistiram da disputa e dividiram o título em comum acordo, para dias depois, em uma decisão administrativa, a CBF, Confederação Brasileira de Futebol, resolver declarar o Sport oficialmente campeão brasileiro...) e 1991 (na 2^o Divisão, "Série B"), e o vice campeonato paulista em 1988. Também foi 3^o colocado no Campeonato Brasileiro em 1990 e 1994, e no Campeonato Paulista em 1973 (I Turno), 1974 (II Turno), 1976, 1978, 1981 e 1985. Só por esses números é possível perceber a grandeza do clube.

O maior momento do Guarani, assim como o da Ponte Preta se deu de meados da década de 70 até por volta de 1988, quando perdeu a decisão paulista para o S.C. Corinthians Paulista de Viola & Cia. No final da década de 70, quando o Guarani conquistou sua maior glória, vencendo na decisão do certame nacional o S.E. Palmeiras duas vezes por 1 X 0, o clube revelou vários jogadores. Muitos desses jogadores chegaram à Seleção Brasileira, tornando-se nomes internacionais. É o caso de jogadores como Careca, Zenon, Zé Carlos, Renato, etc. Ao contrário da Ponte Preta, o Guarani continua até hoje na condição de "celeiro de craques", revelando inúmeros jogadores. Os exemplos mais recentes são Neto, Evair, João Paulo, etc. Apesar de nunca ter sido campeão paulista, o "bugre" conquistou o Campeonato Brasileiro de 1978 e outras muitas importantes glórias.²³

²² Conforme já foi mencionado acima.

²³ Os principais títulos do Guarani F.C. estão em anexo.

A glória de ser um dos grandes do país traz também acirradas brigas políticas internas. Ser presidente do clube, a exemplo da rival Ponte Preta, é exercer um cargo de muita força no cenário político da cidade. E o exemplo mais claro é o prestígio que usufrui o atual presidente do Guarani, Beto Zini, que não só comanda o clube, como também exerce forte influência nos principais níveis da política campineira.²⁴

OS PRINCIPAIS NÚMEROS DO GUARANI

- CAMPEONATO PAULISTA

O Guarani participou pela primeira vez da Divisão Principal do Campeonato Paulista em 1927. E logo na sua primeira participação o time levantou o 4^o lugar, um excelente resultado para um time do interior sem nenhuma tradição. Disputou o Campeonato Paulista principal até 1931. A equipe só voltaria a Divisão Principal em 1950. Desde de 1927 até 1996, o “Bugre” obteve 1.650 pontos - o que lhe confere uma porcentagem de pontos ganhos de 52,87 % dos pontos disputados, considerando-se dois pontos para vitória e um ponto para o empate - em 1.534 jogos disputados na história do certame. Foram 594 vitórias, 434 empates e 506 derrotas. A média de gols a favor por partida da equipe é de 1,42 e a média de gols contra é de 1,28.²⁵

Esse excelente retrospecto confere ao Guarani uma posição de destaque na história do Campeonato Paulista, colocando-se entre os dez melhores times da história do Campeonato Paulista - ficando inclusive logo acima da rival Ponte Preta -. Além de quatro terceiros lugares (1976, 1978, 1981 e 1985), a equipe foi vice campeã em 1988, após perder a decisão para o S.C. Corinthians Paulista. O time carrega a honra de ter tido em duas temporadas o artilheiro máximo da competição: Jorge Mendonça em 1981 com 38 gols, e Evair em 1988 com 19 gols, glória que a Ponte Preta não conseguiu. O desempenho do Guarani no Campeonato Paulista sempre chamou a atenção, além de ser o único time que, depois de subir da segunda divisão do futebol paulista, nunca mais desceu ou foi rebaixado para a segunda divisão.²⁶

- CAMPEONATO NACIONAL

A participação do Guarani em certames nacionais tem início no ano de 1973, três anos antes da rival Ponte Preta, embora esta já tivesse participado da Taça de Prata em 1970. Já nessa primeira participação, o Guarani chegou até a terceira fase do campeonato - ficando entre os 20 melhores times do país -, última fase antes da fase final disputada por quatro equipes. Desde então a equipe campineira é presença constante no Campeonato Brasileiro. O Guarani ficou de fora da competição apenas nos anos de 1981, 1984, 1987, 1990 e 1991, quando disputou sempre a segunda divisão do certame nacional, conquistando-o inclusive em 1981, ano em que o torneio se chamou Taça de Prata. Em 1987, o Guarani foi vice campeão brasileiro da competição da C.B.F., o “Módulo

²⁴ A lista com todos os presidentes do Guarani F.C. está em anexo.

²⁵ STORTI, Valmir, e, FONTENELLE, André. *A História do Campeonato Paulista*. Publifolha, São Paulo, 1997.

²⁶ Todo o desempenho - estatísticas - do Guarani F.C. na história do Campeonato Paulista está em anexo.

Amarelo”, sendo considerado pela entidade o vice campeão de fato do certame nacional, já que as principais equipes do país se rebelaram contra a C.B.F. e disputaram o “Módulo Verde” ou Copa União. A decisão do “Módulo Amarelo” foi contra o Sport C. Recife, e terminou empatada, sendo decidida nos pênaltis. Essa disputa nos pênaltis entrou para a história, pois quando o placar já registrava 11 X 11, Guarani e Sport desistiram das intermináveis cobranças, então fizeram um acordo e “dividiram” o título, o que não foi aceito pela C.B.F., que acabou declarando o Sport o campeão brasileiro por ter realizado uma campanha superior. Mas sem dúvida o maior momento da equipe no certame nacional foi em 1978 quando o Guarani se sagrou campeão brasileiro, a maior glória do time até hoje, e também a maior conquista de um time do interior.

- TORNEIO RIO/SÃO PAULO: disputada de 1950 a 1966 - além de ter sido realizada também em 1933, 1993 e 1997 -, o Guarani nunca participou dessa competição, que também foi conhecida por Torneio Roberto Gomes Pedrosa a partir de 1954.

- TAÇA DE PRATA: disputada de 1967 a 1970, sendo a continuação do antigo Torneio Rio/São Paulo. O Guarani nunca participou dessa competição, ao contrário da rival Ponte Preta que marcou presença no último ano de disputa do certame.

- TAÇA BRASIL: Essa competição, foi disputada de 1959 a 1968 e participaram apenas os campeões estaduais, portanto o Guarani nunca participou.

- CAMPEONATO BRASILEIRO: trata-se do atual campeonato brasileiro. É difícil imaginar hoje um certame nacional sem o Guarani, que o disputa desde 1973. A equipe campineira ficou fora apenas em 5 oportunidades: 1981 (campeão da segunda divisão), 1984, 1987 (vice campeão da segunda divisão), 1990 e 1991. E foi nessa competição, a mais importante do país, que o Guarani obteve sua maior glória, sendo campeão brasileiro em 1978.²⁷

- COPA DO BRASIL: Assim como a antiga Taça Brasil, inclusive com sistema de disputa semelhante, essa competição reúne os campeões estaduais, alguns vices e alguns “convidados especiais” escolhidos pela C.B.F.. O Guarani disputou uma vez a Copa do Brasil, que acontece desde 1989. E foi exatamente na primeira edição, em 1989, que o alviverde de Campinas marcou presença. O Guarani realizou 4 jogos, marcou 4 pontos em 1 vitória, 2 empates e 1 derrota, sendo desclassificado pelo Sport C. Recife (PE) nas oitavas-de-final (II fase da competição).

- TAÇA/COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA: O Guarani teve a glória de participar de três edições desse importante certame, o mais importante das Américas e um dos mais importantes do mundo, e que é disputado desde 1960. Ao todo, o alviverde de Campinas realizou 24 jogos, obtendo 27 pontos - considerando-se dois pontos para vitória e um ponto para empate -. Foram 9 vitórias, 9 empates e 6 derrotas, além de 36 gols a favor e

²⁷ O desempenho do Guarani F.C. na história do Campeonato Brasileiro está em anexo.

25 gols contra - resultando num saldo positivo de 11 gols. A seguir a participação bugrina nas três edições:

1979 - 10 jogos, 5 vitórias, 3 empates, 2 derrotas, 20 gols pró, 11 gols contra e um saldo positivo de 9 gols.

1987 - 6 jogos, 1 vitória, 3 empates, 2 derrotas, 6 gols pró, 8 gols contra e um saldo negativo de 2 gols.

1988 - 8 jogos, 4 vitórias, 3 empates, 1 derrota, 10 gols pró, 7 gols contra e um saldo positivo de 3 gols.

- COPA CONMEBOL: Além da Libertadores, o Guarani também marcou presença na Copa Conmebol, um dos mais novos certames sul-americanos, disputado desde 1992. Foi uma única participação, em 1995, disputando 2 jogos e obtendo 1 ponto (2 pontos para vitória e 1 ponto para empate). O Guarani obteve 1 empate e 1 derrota, marcando 1 gol pró e sofrendo 2 gols contra (saldo negativo de 1 gol). Nessa edição da Copa Conmebol, o Guarani perdeu a classificação para outro clube brasileiro, o C. Atlético Mineiro de Belo Horizonte (MG).

DERBI, O ENCONTRO DOS GIGANTES DE CAMPINAS

GUARANI E PONTE PRETA: UM CLÁSSICO DE TRADIÇÃO E GRANDEZA.

Os clássicos e a rivalidade dos clubes representam um dos maiores momentos do futebol. Com a história dos confrontos vem a tradição dos mesmos, transformando um clássico num verdadeiro espetáculo, recheado de características que vão desde a simples ansiedade da espera do confronto até o ponto máximo, o fechar das cortinas com a alegria de um torcedor que vai se arrastar semanas afora, ou a tristeza do mesmo que durará semanas seguidas. O clássico também pode trazer algumas peculiaridades que às vezes fogem do simples contexto de um jogo de futebol. Desde o trabalho de bastidores na imprensa, nos clubes, na cidade e entre os torcedores no estádio e fora dele, as vezes até, muito longe do local de disputa, cada pequeno acontecimento pode gerar um enorme efeito. E essas características podem ser atribuídas a qualquer clássico, a nível local ou até internacional.

Uma pelada dos garotos de uma rua com outros de outra rua ao lado pode ser encarado como um “clássico”, dependendo das dimensões que esse simples confronto atinja em seu meio e de uma suposta tradição que o embate venha estabelecer com o tempo. No futebol profissional acontece o mesmo, com o clássico atingindo evidentemente proporções muito maiores. Brasil e Argentina ou Alemanha e Itália - ou ainda os confrontos entre os quatro “gigantes” do planeta -, representam, talvez o(s) maior(res) clássico(s) da história do futebol. Mas um clássico regional pode, e geralmente tem, mais rivalidade, história, e folclore. Nesse sentido, um clássico e sua tradição é revelada nos pequenos detalhes que municiam o esporte, dando ao futebol um caráter especial. Portanto o jogo dos meninos da rua A com os da rua B pode ter o mesmo significado individual ou subjetivo, que o clássico Brasil e Argentina, ou Corinthians e Palmeiras, ou Milan e Internazionale, tem para uma multidão de torcedores e apaixonados pelo futebol, além da imprensa, é claro.

Existem os clássicos dos chamados “gigantes e intocáveis” do futebol brasileiro, que são de proporções nacionais e eventualmente ultrapassam as fronteiras do país. Quem são esses gigantes ? Seriam, sem dúvida, os doze maiores times do Brasil: S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras, São Paulo F.C. e Santos F.C. no estado de São Paulo; C.R. Flamengo, Fluminense F.C., C.R. Vasco da Gama e Botafogo F.R. no estado do Rio de Janeiro; C. Atlético Mineiro e Cruzeiro E.C. em Minas Gerais; e, S.C. Internacional e Grêmio F.P. no Rio Grande do Sul. Abaixo dos clássicos que envolvem esses times - tanto em disputas estaduais como em interestaduais -, temos os clássicos dos chamados “grandes” do futebol brasileiro. Nessa categoria podemos colocar clássicos de algumas capitais estaduais como E.C. Bahia e E.C. Vitória em Salvador na Bahia; ou Coritiba F.C., C. Atlético Paranaense e Paraná Clube em Curitiba no Paraná; ou Sport C. Recife, Santa Cruz E.C. e C. Náutico C. em Recife, Pernambuco; ou ainda um Ceará E.C. e Fortaleza E.C. em Fortaleza no Ceará.

Acredito que juntamente com esses clássicos envolvendo os “grandes” que acima citei, posso incluir alguns outros jogos, principalmente entre equipes paulistas. O estado de São Paulo é sem dúvida o estado mais forte atualmente no futebol brasileiro. Além dos “gigantes”, o estado possui alguns clubes “grandes” e alguns clássicos que podem ser colocados no mesmo nível dos clássicos das capitais de outros estados como foi citado acima. Essas equipes “grandes” são na minha opinião a A. Portuguesa D. e o Guarani F.C.. Sendo que podemos ainda creditar à equipes como a A.A. Ponte Preta e o C.A. Bragantino, por exemplo, uma condição de aspirantes a grandes. E entre os clássicos regionais de São Paulo gostaria de citar dois, que acredito serem os maiores clássicos do interior do Brasil. São eles Botafogo F.C. e Comercial F.C., o famoso “Comefogo”, em Ribeirão Preto, e Guarani F.C. e A.A. Ponte Preta, o “Dérbi Campineiro”, numa evidente alusão ao “Dérbi” da capital, disputado pelos também alviverdes e alvinegros, respectivamente, S.E. Palmeiras e S.C. Corinthians P..

Ribeirão Preto e Campinas são cidades muito parecidas e que cresceram muito praticamente na mesma época, a partir do final do século passado, em função do café. Seus clássicos locais arrastam multidões aos estádios e a rivalidade é evidente demais. São clássicos que em vários momentos chamaram a atenção de todo o estado e até do país, principalmente os dérbi campineiros na década de 70 e 80. Mas se compararmos o retrospecto das quatro equipes ao longo da história dos campeonatos paulistas - e também nacionais - , vamos perceber que são times que já disputam o certame há muito tempo e em vários momentos da história montaram grandes esquadrões.

Porém se quisermos separá-las, é possível. Pois o nível de “grandeza” e “tradição” das equipes de Campinas é sem dúvida muito superior. Em qualquer ranking que se monte a respeito do desempenho dos times ao longo dos anos de disputa do campeonato estadual, Guarani e Ponte Preta, nessa ordem, só ficam atrás dos quatro “gigantes” e da A. Portuguesa D., além de ficarem bem a frente das demais equipes. Existem outros times que são tradicionais no Campeonato Paulista e que possuem bons retrospectos, como o América F.C. de São José do Rio Preto, A. Ferroviária E. de Araraquara, C.A. Juventus da capital, além do Botafogo F.C. de Ribeirão Preto - cujo retrospecto é muito superior ao do rival Comercial F.C. -. Mas os retrospectos dessas equipes, por sua vez são muito inferiores aos do Guarani e da Ponte Preta, que parecem ocupar sozinhos uma posição intermediária, e portanto com muito destaque. Diante desse contexto é possível colocá-los como os maiores times do interior e o seu clássico, o maior clássico do interior. Sem dizer que são também, as equipes do interior que tiveram a melhor passagem ou retrospecto na história do Campeonato Brasileiro.

Assim, além do destaque no campeonato estadual, Guarani e Ponte Preta realizaram ótimas e surpreendentes campanhas em vários certames nacionais. Em muitos momentos chegaram a disputar títulos brasileiros. O Guarani foi campeão em 1978 e a Ponte Preta quase chegou em 1981, ano em que a alvinegra chegou em terceiro lugar, embora possuísse uma equipe equivalente em força e técnica, ou para muitos superior, às das equipes finalistas - Grêmio F.P. e São Paulo F.C. -, opinião que endosso.

Foi na década de 70 que Guarani e Ponte Preta conquistaram essa posição de destaque no futebol brasileiro. A revista Placar chegou a publicar numa de suas edições do final da década de 70 e início da década de 80, um poster com metade de ambas as equipes formando uma “seleção brasileira” só com os jogadores das duas equipes

campineiras. Além disso em diversos momentos, nesse mesmo período, a cidade de Campinas foi citada como a “capital do futebol” ou a “base da Seleção”. O Diário do Povo, por exemplo, chegou a publicar ao final de cada temporada, uma pesquisa realizada entre os seus cronistas e jornalistas esportivas, montando e escalando uma “Seleção Campineira”, tamanha a força do futebol da cidade na época.

Outro dado interessante ocorreu em 1977 e 78, quando o chiclete “Ping-Pong” lançou uma coleção de cards (a primeira coleção de cards do Brasil ! - muito embora esse tipo de “figurinha” ou coleção fosse muito comum em outros países, como os Estados Unidos, desde a década de 60). Nessa fantástica coleção, que durou até meados de 1982 ou 83, os cards traziam cada jogador do elenco dos maiores times do país. Cada card era recheado de inúmeras informações sobre o jogador, desde o nome completo, altura, peso, posição, clubes que atuou e títulos, até prato predileto, curiosidades e um pequeno histórico do jogador. Nos cards dos times, havia um pequeno histórico do clube e também o nome de todos os jogadores do elenco (alguns times chegaram a ter mais de trinta jogadores publicados na série em função das várias transações que ocorreram de uma temporada para outra - alguns jogadores, inclusive, chegaram a sair em mais de um card, aparecendo com a camisa dos times que jogou nesse período durante a coleção). Esse card do time, que também teve que ser publicado várias vezes, pois sempre apareciam novos jogadores para serem acrescentados ou retirados, era chamado de “Cartão de Controle”.

Esses cards apresentavam os melhores times do país em 1977, eram eles: S.C. Corinthians P., S.E. Palmeiras, São Paulo F.C., Santos F.C., A. Portuguesa D., GUARANI F.C., A.A. PONTE PRETA e Botafogo F.C. do estado de São Paulo; C.R. Flamengo, Fluminense F.C., C.R. Vasco da Gama e Botafogo F.R. do estado do Rio de Janeiro (curiosamente a coleção não incluiu o América F.C. e o Bangu A.C., equipes de muita tradição do estado fluminense); Grêmio F.P. e S.C. Internacional do estado do Rio Grande do Sul; C. Atlético Mineiro, Cruzeiro E.C., América F.C. e A.A. Caldense do estado de Minas Gerais (curiosamente também a coleção incluiu o time da A.A. Caldense, um time sem nenhum destaque e expressão no futebol brasileiro); e, Coritiba F.C., C. Atlético Paranaense, Londrina E.C. e o antigo Colorado E.C. no estado do Paraná (OBS.: o hoje “grande” Paraná C. ainda não existia nessa época).²⁸

HISTÓRIA: RIVALIDADE É PRESENTE DESDE O INÍCIO...

A rivalidade entre Guarani e Ponte Preta nasceu muito cedo, ainda na década de 10, mesma década de fundação do Guarani. Segundo Sérgio Rossi, diretor de Patrimônio Histórico da Ponte Preta, a rivalidade pode ter como data inicial a própria fundação do Guarani em 2 de abril de 1911. Rossi se justifica citando uma entrevista dada para o Correio Popular na década de 70 pelo falecido Pompeo de Vito, um dos fundadores do Guarani. Segundo Rossi, Pompeo de Vito afirmara naquela oportunidade, quando comentava sobre a fundação do time e a relação com a rival, que o Guarani nascera para “fazer frente” ao maior time da cidade na época, e que segundo Rossi seria exatamente a

²⁸ Em anexo alguns exemplos dessa rara coleção.

Ponte Preta. Porém essa é uma versão improvável, pois naquela época haviam outros bons times na cidade e a Ponte Preta, então uma jovem equipe, era apenas mais uma entre essas muitas equipes campineiras.

É mais provável que a rivalidade tenha se originado ao longo dos jogos, e logo nos primeiros confrontos, na primeira década de convivência. Além dos embates, pode-se dizer que a rivalidade de hoje se deve ao fato de que só essas duas equipes sobraram na cidade - e se transformaram inclusive em agremiações profissionais. Essa situação, de certa forma perpetuou a rivalidade de bugrinos e pontepretanos. A rivalidade parece muitas vezes ser fundamental para a sobrevivência de ambas as equipes.

Mas porque “dérbi” ou “derby” ? Desde a nossa suposta independência no século passado, em 1822, a Inglaterra mantém forte influência na sociedade brasileira. Importamos dos ingleses desde costumes e referências sociais até as palavras. Nossa língua apresenta inúmeras palavras de origem inglesa, que foram incorporadas desde o século passado ao nosso vocabulário. E “derby”, que aportuguesado transformou-se em “dérbi”, é uma dessas muitas palavras.

Essa palavra foi usada já nas décadas de 50 e 60 entre outros por Thomaz Mazzoni, autor de “História do Futebol Brasileiro” da antiga Editora Leia, para designar clássico, confronto, embate, disputa, combate, etc. Mas a palavra é na verdade de origem inglesa e faz referência ao turfe. Uma das mais importantes e tradicionais “carreiras” ou corridas de cavalos do mundo, se não a mais importante, é disputada desde o século XVII em Epsom Downs/Surrey na cidade de Derby, capital do condado de Derbyshire no centro da Inglaterra. O primeiro clube de corridas de cavalos do Brasil, localizado na cidade do Rio de Janeiro, recebeu o nome Derby, sendo posteriormente substituído por Jockey Clube, nome que mantém até hoje. Aliás o Jockey Clube, localizado no Jardim Botânico ao lado do próprio Jardim e da Lagoa Rodrigo de Freitas, perto da Gávea, onde está o Estádio do Clube de Regatas Flamengo, é um dos pontos turísticos de maior referência no Rio de Janeiro.

O sentido de embate, confronto ou clássico, usado nas corridas de cavalo foi adaptado e incorporado ao rico universo linguístico do futebol. Derby ou dérbi passou a ser sinônimo de clássico do futebol. Com o tempo, a palavra passou a designar apenas alguns clássicos específicos. Hoje, Dérbi é sinônimo do maior clássico do país - ao lado do famoso Fla-Flu, ou seja C.R. Flamengo X Fluminense F.C., no Rio de Janeiro -, que envolve S.C. Corinthians P. e S.E. Palmeiras em São Paulo. E muito provavelmente, em função da proximidade das cidades e dos próprios clubes, que envolve a disputa de um alvinegro e um alviverde, a palavra passou a designar também o maior clássico do interior, o “Dérbi Campineiro”. O confronto entre Guarani e Ponte Preta recebe esse nome desde a década de 60, mas ganhou força e se estabeleceu de fato na década seguinte.

Mas quando enfim teve início essa histórica rivalidade ? Como já foi dito acima, ela teve início na década de 10, logo nos primeiros dérbis disputados. Existe uma briga antiga e que dura até hoje entre bugrinos e pontepretanos a respeito dos primeiros dérbis. O primeiro jogo teria ocorrido no ano de 1911, logo após a fundação do Guarani, e segundo Sérgio Rossi, a Ponte Preta venceu a primeira peleja pelo placar de 1 X 0, gol de Lopes, e o jogo teria ocorrido no Campo do São Vicente na Vila Industrial. E para o mesmo autor o segundo dérbi aconteceu no ano seguinte, em 1912, no dia 24 de março no Campo do Cruzeiro. E mais uma vez o placar teria sido favorável a Ponte Preta, 4 X 1.

Porém os bugrinos afirmam que o jogo de 1911 nunca aconteceu, pois não existem registros da época que comprovem esse encontro, a não ser alguns antigos testemunhos. Já em relação ao segundo dérbi, para os pontepretanos, e que seria o primeiro para os bugrinos, realizado em 24 de março de 1912, os últimos afirmam que o placar é desconhecido, e que esse seria o tal jogo realizado no Campo do São Vicente na Vila Industrial.

Outra polêmica diz respeito ao terceiro jogo, que para os pontepretanos teria ocorrido ainda no ano de 1912 com vitória da alvinegra por 3 X 1 no Campo do Guanabara. Já os bugrinos não registram esse jogo. Para os pontepretanos o quarto jogo foi realizado também em 1912 e marcou a vitória da Ponte Preta por 2 X 1 no campo do London, antiga equipe de Campinas. Os bugrinos confirmam essa partida, como sendo o terceiro da história, porém não o resultado, que seria de fato uma vitória da Ponte Preta, mas não se sabe o resultado em função da precária cobertura da imprensa campineira da época. A seguir os primeiros dérbis segundo as versões pontepretana e bugrina:

- Versão pontepretana: 1^o - Ponte Preta 1 X 0 Guarani, em 1911, no Campo do São Vicente;
 - 2^o - Ponte Preta 4 X 1 Guarani, em 1912, no Campo do Cruzeiro;
 - 3^o - Ponte Preta 3 X 1 Guarani, em 1912, no Campo do Guanabara;
 - 4^o - Ponte Preta 2 X 1 Guarani, em 1912, no Campo do London.
-
- Versão bugrina: 1^o - Guarani ? X ? Ponte Preta, em 1912, no Campo do São Vicente;
 - 2^o - Guarani 1 X 2 Ponte Preta, em 1912, no Hipódromo Campineiro;
 - 3^o - Guarani ? X ? Ponte Preta (vitória da Ponte), em 1912, no Campo do London.

Outro problema aparece em relação ao ano de 1913, que para os bugrinos não houve nenhum dérbi, já para os pontepretanos aconteceram três dérbis. Esses três jogos teriam registrados os seguintes placares: 1 X 1, vitória da Ponte Preta ou empate (?) e vitória da Ponte Preta ou empate (?), respectivamente nos campos do São Vicente, do Cruzeiro e do Guanabara. São diferenças grandes de uma versão para outra. Qual delas é a correta ? Tá uma boa pesquisa para ser iniciada.

OBS.: Essas versões são baseadas nas pesquisas de Sérgio Rossi e equipe ("versão pontepretana"), e, na TABA - Torcedores Amigos Bugrinos Associados - e na Panathlon Ludis Iungit/Panathlon Clube de Campinas, que realizou uma pesquisa cujo os resultados se aproximam dos dados oferecidos pela TABA ("versão bugrina"). Se por um lado a pesquisa de Sérgio Rossi parece ser mais completa, detalhista, a pesquisa da Panathlon, por sua vez apresenta provas documentais - eliminando os dados incertos ou não comprovados -, o que não aparece no trabalho de Sérgio Rossi sobre os dérbis pesquisados, levando-se em consideração testemunhos orais. Acredito que, em um primeiro e insuficiente comentário, a versão bugrina esteja melhor amparada e sustentada por provas, mas esta ainda não seria minha opinião definitiva.

A confusão em relação aos primeiros dérbi é observado também na imprensa, que sempre sustentou dados incertos ao longo da história. A seguir alguns textos extraídos de importantes jornais da grande imprensa:

“Assim Nasceu a Tradição

(...) Naquele ano de 1912 jogar com a Ponte Preta não era arriscar-se impunemente (...). Mas a despeito de tudo, do risco enorme que corria, o convite foi feito (...). No entanto, da goleada impressionante (...) no término da peleja, nasce um torpo paralisante de assombro e incredulidade. Guarani 1 X Ponte Preta 1 (...) estava criada a maior rivalidade esportiva de Campinas e que, através dos anos, jamais perderia sua intensidade e vibração (...).” Do Diário do Povo de Campinas, de 8 de outubro de 1970 (texto de Roski).

“No primeiro dérbi, em 1911, tendo por local o campo do São Vicente de Paula, a Ponte Preta venceu com um gol de Lopes. Só em 1913 é que o Guarani teria sua primeira vitória, num amistoso realizado em Souza (...).” Do Correio Popular de Campinas, de 8 de setembro de 1985.

“O que deveria ser a primeira briga, não aconteceu: o Guarani perdeu para a Ponte Preta de 2 X 1, três meses depois de fundado, num jogo calmo - poucos gols, nenhuma violência no campo nem nas arquibancadas, um juiz que não mereceu ser chamado de ladrão. O ano ? 1911.” Do O Estado de São Paulo de S. Paulo, de 13 de julho de 1970.

A partir de 1914, os dados parecem coincidir. Embora essas diferenças gerem discussões atuais, acentuando a rivalidade, esta também, e com certeza, apareceu nesses primeiros dérbi. Existem alguns desses dérbi que são considerados por ambas as partes como sendo os jogos que inauguram e estabeleceram a rivalidade entre bugrinos e pontepretanos.

OS PRIMEIROS DÉRBI: INÍCIO DA HISTÓRICA RIVALIDADE.

O primeiro dérbi parece ter sido mesmo realizado no dia 24 de março de 1912. O Guarani não tinha ainda um ano de vida - esse fato pode ter sido o motivo para a confusão da data dessa primeira peleja - . O futebol de Campinas já conquistara nessa época algum sucesso e prestígio, ganhando a cobertura da imprensa local, mais especificamente do jornal “O Commercio de Campinas”, e posteriormente do “Diário do Povo”, que foi fundado no ano de 1912, bem a tempo para noticiar o primeiro jogo da história.

Na época desse primeiro dérbi, se destacavam na cidade os times do Americano Foot-Ball Club e Corinthians Foot-Ball Club. O aumento de agremiações na cidade e o fortalecimento dos mesmos fez com que se realizasse o segundo Campeonato Campineiro de Futebol já em 1912 - o primeiro fora realizado sem muito destaque no ano de 1907, tendo como campeão a A.A. Campineira -. Guarani e Ponte Preta se inseriram

naturalmente nesse contexto, conquistando sucesso e respeito com o tempo, principalmente com o desaparecimento de várias equipes ao longo das décadas seguintes.

Infelizmente não se conhece o resultado dessa primeira partida, disputada de forma amistosa. Embora a imprensa da época, como o Diário do Povo (ver abaixo), tivessem noticiado a partida, nenhum jornal noticiou o resultado do jogo. Um deslize de uma imprensa nova e principalmente desacostumada com esse esporte, que não completara nem vinte anos no Brasil. A notícia do jogo foi dada assim pelo Diário do Povo:

“Hoje caso o tempo o permita (nota minha: pois o jogo já havia sido adiado), encontrar-se-ão pela primeira vez em um importante match estes valentes teams (...). GUARANY - Bertoni, Lilo e Benetti; Camões, Rios e Gonçalo; Reis, Russo, Grecco, Rossi e Romeu. PONTE PRETA - Amparense, Rangel e Aranha; Bilo, Alves e Fernandes, Dicto, Lopes, Burghi, Carlos e Moraes.” Do Diário do Povo de Campinas, de 24 de março de 1912.

Entre várias versões, existe uma que parece ser a mais provável. Trata-se de um depoimento de Pompeo de Vito, um dos fundadores do Guarani, para o jornal A Gazeta Esportiva do dia 2 de abril de 1965, no aniversário de 54 anos do alviverde campineiro. Sobre essa partida, Pompeo de Vito diz o seguinte:

“Realizou-se no nosso campinho, onde hoje está a instituição de São Vicente de Paulo, o primeiro jogo com a Ponte Preta. Não havia naquele tempo a rivalidade atual. O quadro pontepretano era muito forte e logramos empatar por 1 X 1, que foi um bom resultado”. Do A Gazeta Esportiva de São Paulo, de 2 de abril de 1965.

Os segundo e terceiro encontros foram realizados no mesmo ano, porém não mais com caráter amistoso. As duas partidas valeram, respectivamente, pelo turno e pelo retorno do Campeonato Campineiro daquele ano. O certame, o segundo da cidade, estava sendo organizado pela Liga Operária de Foot-Ball, a L.O.F., que acabara de ser fundada no dia 21 de abril de 1912, e que contava com as seguintes equipes, além de Ponte Preta e Guarani: Corinthians, Internacional, London e Operário.

O segundo encontro se realizou no dia 19 de maio de 1912 no velho Hipódromo Campineiro, no atual bairro do Bonfim, onde se localizava o campo oficial da competição. A partida trouxe as seguintes formações: Ponte Preta - Amparense, Roque e Rangel; Duarte, Fernandes e Dario; Moraes, Lili, Burghi, Lopes e Wadt; e, Guarani - Benetti, Lilo e Grecco; Bertoni, Rios e Giardini; Totó, Camões, Russo, Gonçalo e Romeo. O resultado ? Mais uma vez a imprensa se “esqueceu” de publicar. Mas foi possível resgatar esse placar, pois uma classificação da competição publicada em 19 de junho no Commercio de Campinas, permitiu se deduzir o placar dessa peleja: Ponte Preta 2 X 1.

A terceira partida, válida pelo retorno do certame, aconteceu no dia 11 de agosto. O jogo aconteceu no campo do London, única equipe que restou, ao lado de Ponte Preta e Guarani, no Campeonato Campineiro, já que as demais desistiram ao longo dos meses. O Campo do London se localizava na antiga rua Augusto Cezar, atual avenida Júlio de Mesquita e mais uma vez o resultado se perdeu, pois a imprensa não conferiu o resultado, publicando e portanto registrando apenas as equipes que jogariam naquele dia:

Guarani - Napoleão, Benetti e Lilo; Bertoni, Rios e Camões; Romeo, Gonçalo, Russo, Gonzalez e Grecco; e, Ponte Preta - Amparense, Roque e Rangel; João, Tonico e Wadt; Burghi, Dicto, Lopes, Lili e Moraes.

Apesar de não se conhecer o placar dessa terceira peleja, conhece-se o vencedor. Foi a Ponte Preta. O jornal *Commercio* de Campinas publicou em 20 de agosto a classificação final do Campeonato Campineiro da Liga Operária de Foot-Ball de 1912. A classificação era por pontos perdidos, ou seja, o time que menos pontos perdeu seria o campeão. Como só restaram três equipes no final da competição, os pontos computados pelos times desistentes foram acrescentados a pontuação das três equipes que restaram. Desta forma, a diferença na contagem de pontos se deu através dos pontos disputados entre os três times: Ponte Preta, Guarani e London. E a Ponte Preta foi declarada campeã campineira, com zero ponto perdido (20 pontos ganhos), o Guarani, vice campeão, com 4 pontos perdidos (16 pontos conquistados). Como o Guarani venceu o London por 2 X 0 e 5 X 0, e no primeiro dérbi perdeu para a Ponte Preta, não há dúvidas de que os outros dois pontos perdidos do bugre só podem ter sido contra a Macaca. Ou seja, a Ponte Preta venceu esse terceiro embate na história dos dérbis.

1914: DÉRBI DE SOUZAS... TEM INÍCIO A RIVALIDADE !

O ano de 1913 passa em branco, embora os pontepretanos cite três pelejas. Como não há nenhum registro desses encontros, convém ignorá-los, para não correremos o risco de falarmos aqui de “dérbis fantasmas”. Nesse ano, tanto Ponte Preta como Guarani ganham força e já aparecem como os melhores times da cidade. A Ponte Preta, inclusive passou a convidar equipes grandes, como o S.C. Corinthians Paulista, e médias da capital para a realização de jogos. Com esses jogos, a Ponte Preta foi aos poucos se tornando conhecida fora dos limites da cidade. O mesmo acontecia com o Guarani, que também conquistava relevante destaque com a disputa de jogos com equipes de fora. O sucesso das equipes campineiras foi tamanha que, já no final da década de 20, Guarani e Ponte Preta participavam do Campeonato Paulista de Futebol, ao lado dos melhores times da capital e do estado.

Essa situação criou um relacionamento diferenciado entre as duas equipes e seus torcedores. Começava a se estruturar a rivalidade e a amadurecer uma grande dúvida na cidade. Qual era o melhor time de Campinas naquela época ? Ameaçou-se realizar alguns encontros, mas sempre acontecia algo inusitado (ou não ?) para impedir e adiar a realização do esperado encontro.

Somente em agosto de 1914 se tornou realidade realizar esse encontro, o quarto da história. Isso só foi possível pela ação do comerciante Nagib José de Barros, ex-jogador e presidente do Arraial F.B.C., time do Arraial de Souza, atual Distrito de Souza²⁹. A partida seria disputada no dia 23 de agosto no Parque Arraialense, em Souza. Guarani e Ponte Preta levariam para o encontro os 1^o e 2^o Quadros (ou os times titular e reserva, respectivamente).

O jogo recebeu uma promoção que nunca acontecera antes para um jogo de futebol na região. O campo foi reformado e ampliado para receber as duas “poderosas”

²⁹ Antigamente a grafia do nome levava “z”, Souza, hoje, porém, usa-se o “s”, Souza.

agregiações. As traves, geralmente de bambu, foram trocadas, e foram escolhidos, além dos bandeirinhas, dois “juizes de gol”, pois naquela época não haviam redes ainda para acomodar a bola no momento de um gol. A antiga Companhia de Tracção, Luz e Força colocou a disposição da população da região vários carros especiais para o transporte. Cobrou-se um valor simbólico para a entrada: 200 contos de réis. O público foi uma surpresa para a época, principalmente para a região de Campinas: mais de mil torcedores para prestigiar (ou podemos dizer inaugurar ?) a rivalidade. Definitivamente Ponte Preta e Guarani eram os maiores times da região...

O “organizador” do evento, Nagib José de Barros, foi convidado pelos dois clubes para arbitrar a peleja. O resultado ? Vitórias dos 1^o e 2^o Quadros do Guarani, que vivia na época um momento superior. Os reservas venceram pelo placar de 3 X 1, já os titulares marcaram 2 X 0. No jogo principal, entre os primeiros Quadros, jogaram: Guarani - João Gualhango, Dario e Carlos; Romeu, Juca e Grecco; Fernandes, Moura, Russo, Augusto e Leugim; e, Ponte Preta - Amparense, Wadt e Rabesco; Fernandes, Zezinho e Burghi; Adolpho, Lopes, Lili, Oliveira e Mello.

O contexto criado para a partida fez com que o jogo fosse bastante disputado e violento, como se as equipes disputassem ali um título. E de fato disputavam. O título de melhor time de Campinas da época. Além da violência dentro do campo, também foram registradas algumas brigas entre torcedores.

A equipe da Ponte Preta, assim como seus torcedores, não aceitaram a derrota para o Guarani. Muitos pontepretanos passaram a criticar o árbitro, Nagib José de Barros, dizendo que o mesmo teria “roubado” e prejudicado sua equipe - algum tempo depois, Nagib José de Barros se tornou sócio do Guarani, confessando ser torcedor da equipe alviverde -. Alguns estenderam suas críticas, chegando até a imprensa, que evidentemente aproveitou a dimensão do ocorrido, para publicar uma série de matérias a respeito do jogo e das consequências. É óbvio que essa postura natural da imprensa impulsionou a rivalidade, ajudando-a a se estabelecer no cenário esportivo campineiro.

Nagib José de Barros passou a se defender através da imprensa e também a atacar os rivais - sim, nesse momento já é possível tratar Ponte Preta e Guarani como rivais ! -. É importante perceber que tamanha polêmica criada em função de um jogo de futebol, que na época não era ainda um esporte popular e nem tão conhecido e praticado como hoje, é sem dúvida um fato bastante relevante e interessante. Pode-se dizer, com certeza, que a rivalidade tem início com essa partida. Anos depois, a cada encontro entre as equipes, a imprensa e torcedores faziam, incessantemente, referências a esse histórico embate de Sousas. Nascia de fato o DÉRBI...

O DIA SEGUINTE À “GUERRA DE SOUSAS”... OUTRAS BATALHAS...

A rivalidade já havia criado raízes no ano seguinte, em 1915, e o Guarani ainda colhia os frutos favoráveis pela vitória na “Guerra de Sousas”, desfrutando ou louros da glória de ser considerado o melhor esquadrão de Campinas. Depois de jogar contra fortes equipes, o Guarani volta a convidar a Ponte Preta para a disputa de uma partida beneficente, para ajudar o Asylo de Inválidos da cidade. Seria portanto a primeira partida com a cobrança efetiva de ingressos. Segundo o Jornal Commercio de Campinas - que

juntamente com o Diário do Povo, eram os dois maiores jornais da cidade na época e os únicos, praticamente, que cobriam o futebol -, a Ponte Preta aceitou o convite, porém ela ficaria com a sua parte da renda, para contrariar o rival, que por sua vez manteve a proposta, demonstrando uma evidente rixa e uma suposta superioridade em relação ao adversário. Acompanharia de graça a partida, a Banda Progresso, que já tocara em outras pelepas do Guarani. Em resposta, a Ponte Preta avisa que levará a sua própria banda para tocar: a Banda Ítalo-Brasileira. Particularidades evidentes da rivalidade, que na época, já atingia enormes proporções na cidade.

A partida foi realizada no dia 24 de outubro no campo do Hipódromo. O Guarani vence a disputa por 1 X 0, gol de Fernandes. Na preliminar os segundos Quadros de Ponte Preta e Guarani empatam em 1 X 1. As equipes titulares formaram com: Guarani - Gomes, Dario e Paulino; Grecco, Juca e Romeu; Fernandes, Egydio, Carlos, Augusto e Leugim; e, Ponte Preta - Amparense, Wadt e Rabesco; Fontão, Duarte e Tonico; Lili, Lopes, Adolpho, Mello e Adriano. O árbitro do encontro foi C. Hudtson, do S.C. Americano de São Paulo - na época não existiam árbitros especializados e "profissionais" como hoje, as partidas eram arbitradas por jogadores -. O resultado leva os torcedores do Guarani às ruas para comemorar uma vitória num jogo... amistoso e beneficente ? Sim, pois o adversário era a Ponte Preta !

Em 21 de abril ou maio (há uma incerteza das fontes que consultei em relação ao mês) de 1916, Ponte Preta e Guarani voltam a se enfrentar, dessa vez pelo Campeonato Campineiro daquele ano. No campo do Hipódromo estavam: Ponte Preta - Amparense, Wadt e Meirelles; Nenê, Fausto e Pim; Rosa, Neves, Lopes, Adriano e Mello; e, Guarani - Gomes; Dario e Paulino; Romeu, Juca e Carlos; Fernandes, Egydio, Augusto, Grecco e Miguel. O árbitro do encontro foi Octávio de Mello do White Team de Campinas. Essa partida teria um desfecho que se tornaria comum em muitos outros dérbi aos longos das décadas.

Entre os reservas, a Ponte Preta vence a peleja: 3 X 0. No jogo principal, que a Ponte Preta precisava vencer a qualquer custo, se não ficaria sem chances de ser campeã, o Guarani abriu o marcador com um gol de Augusto no primeiro tempo. Na segunda etapa da disputa, o árbitro do jogo, Octávio de Mello, assinala um pênalti contra a Ponte Preta. Os alvinegros fazem enormes protestos contra o árbitro - e o mais engraçado é que o árbitro fora indicado pela própria Ponte Preta, que vinha reclamando das arbitragens e, segundo ela, não queria mais ser prejudicada -. Os pontepretanos reclamam e saem de campo em protesto. O goleiro Amparense recusa-se a permanecer no gol, caso seja mantida a marcação do pênalti. A bola é colocada na marca para a cobrança da infração. Mas os pontepretanos só voltam para o campo e continuam a peleja se os rivais chutarem o pênalti para fora. O que fazem os bugrinos ? Claro ! Como manda a rivalidade ! "Bola pra dentro que o jogo é dérbi e é de campeonato". Gol do Guarani. Gol sem goleiro para tentar agarrar a bola. O placar mostra agora 2 X 0 para os alviverdes. E esse seria o placar final, pois os pontepretanos voltaram sim para o campo, mas não para jogar e sim para brigar... Essa partida é considerada por muitos torcedores que conhecem a história do dérbi, provavelmente uma minoria, como sendo o jogo que de fato inaugurou a hoje eterna rivalidade entre alvinegros e alviverdes. A seguir a "batalha" contada no dia 23 de abril/maio, pelo Diário do Povo de Campinas e no dia, 22 de abril/maio de 1916, pelo jornal Commercio de Campinas:

“Iniciado o match dos 1^os teams, que foram recebidos com muitas palmas, o temível Guarany desenvolve um ataque combinado e violento, que obriga a Ponte a desenvolver por sua vez uma defesa brilhante, cheia de esforços redobrados, que foram secundados pela agilidade indiscutível do formidável Amparense. / Enquanto essa lucta emocionante se realizava em campo, nas archibancadas e outras localidades ia se avolumando cada vez mais o entusiasmo dos partidarios, os apartes vermelhos dos torcedores, o que deixou desde logo antever a possibiliddae de cennas desagradaveis. / Neste intherin, Agostinho, aproveitando uma bela defesa de Dario e amparado eficazmente pela alla esquerda de seu team, vaza pela primeira vez o goal da Ponte Preta, feito este que produziu nos torcedores do Guarany manifestações asthronosas. / Momentos depois do descanso para o inicio do 2^o half-time há troca de sopapos nas archibancadas entre dois rapazes o que provoca correrias e athropelos e o comparecimento de 4 guardas civicos. Acalmados e restabelecida a ordem novo rollo se verificava nas archibancadas e novas cennas de panico se reproduzem. Afinal a presença sempre sympathica do snr. Euclydes Vieira, Presidente da Associação Campineira de Foot-Ball, consegue momentaneamente a tranquillidade geral na assistencia. / A lucta no ground no entanto vai violenta, há momentos em que a gente tem a sensação de assistir a uma esplendida tourada ou a uma lucta romana. De repente há um acidente qualquer no campo. Uma multidão corre de todos os lados, enquanto Amparense que punido pelo referee não quer aceitar a punicção. O referee mantem a punicção. Amparense não altera sua resolução. O goal está sem defensor e a assistencia divide-se num momento em dois grandes partidos resolutos, um que grita ! schoota em goal, outro que brada não schoota em goal. Uma tempestade de ameaças ampana o brilho da festa sportiva e as familias apavoradas abandonam as localidades. / O conflicto está iminente, depende da esfera e para milhares de pessoas vem-se apenas 4 praças. Alguem que antes se apresentava como autoridade acompanhado de soldados e com que o dr. Euclydes Vieira falara prometendo explicar tudo perante o inquerito, vendo o grande conflicto iniciado, fugiu ocultando-se num automovel. / Nisto a bola schootada marca o 2^o goal do Guarani e há uma explosão. O campo de football transformou-se numa arena de guerra e nas archibancadas também. Um grupo de rapazes amigos do snr. Octavio Mello corre em sua defesa e o rodeia. / Onde a lucta tomou mais vulto foi nas archibancadas. Aliados, torcedores, partidarios, simpaticos se esmurravam. Choviam sopapos, cacetes, foram vistos faccas e revolveres enquanto os soldados de espadachim em acção defendiam-se. Os que estavam nas archibancadas pediam auxilios aos que estavam nos baixos, que não podiam subir devido aos atropelados. As senhoras, umas gritavam outras rollavam pelas escadarias. Enquanto isso os de baixo forneciam bengalas, tijolos, etc. para os de cima. / Afinal com grandes esforços conseguiu-se ir abafando as explosões até complecta extinção das labaredas. / Uns feridos, outros assustados, alguns intimados foi o fim do lamentavel acidente. / Sem pretendemos discutir a origem do conflicto, nem a qual grupo assiste o direito de apoio, bem como a qual delles cabe a responsabilidade dos lamentaveis successos de ante-hontem, cumprindo um dever de officio censuramos a ausencia de uma autoridade energia. / E que dirão os teams de fora e qual será o seu animo ao terem noticias que os daqui assim se tratam ?”. Do Diário do Povo de

Campinas de 23 de abril/maio 1916. (nota minha: em relação a última frase do texto acima, pergunto eu qual seria a resposta para tal pergunta hoje ?).

“ Nesta altura começa a degradante scena provocada por dois elementos da Ponte. Irreflectidamente, não sabemos se com autorização da directoria da Ponte, invadem o campo, impondo ao seu team a retirada do ground. Esse acto (...) mais exalta os partidários do team alvi-negro e as maiores balbúrdias se iniciam nas archibancadas. As famílias que alli se achavam, foram tomadas de panico, procurando retirar-se apressadamente. Os amigos, torcedores e aliados se arregimentaram em defesa de seus teams e o campo de jogo em poucos momentos se transformou em campo de batalha ao mesmo tempo que outros conflictos se davam nas archibancadas. O juiz cercado levou umas fortes doses de socos, bengaladas, bofetadas, empurrões e umas amostras de armas de fogo... ”. Do Commercio de Campinas de 22 de abril/maio de 1916.

E AS MULTIDÕES DESPERTARAM E SE ACOSTUMARAM COM A RIVALIDADE...

A década de 10 registrou outras várias pelejas que colocaram frente à frente alvinegros e alviverdes. A rivalidade crescia mais e mais, acompanhando talvez a maravilhosa teimosia do próprio esporte em se expandir. Hoje o dérbi Campineiro é uma realidade para o contexto esportivo nacional. Guarani e Ponte Preta desfrutam de muito prestígio no futebol brasileiro, principalmente os primeiros, que com o título nacional de 1978 e outros ótimos resultados colhidos desde a década de 70, são sempre lembrados como uma das maiores forças do futebol do país. O Guarani tem hoje, em função de seus resultados, a maior torcida do interior, ao lado da rival alvinegra. Mas apesar da má fase que vive a Ponte Preta, praticamente desde 1987 quando caiu para a segunda divisão paulista, a alvinegra é sempre lembrada pelos esquadrões que montou durante quase toda a década de 70 e início da década de 80, um período longo e suficiente para enraizar a equipe próximo aos grandes times do país. É muito comum pessoas de fora da cidade perguntarem: “Mas o que aconteceu com a Ponte Preta ?” ou “Quando veremos aquela Ponte Preta de novo ?”.

Hoje pouco se fala do dérbi, até porque a Ponte Preta tenta na II Divisão voltar à Divisão Principal de São Paulo. “A rivalidade diminuiu agora com certeza... pela colocação das equipes nos campeonatos... antes éramos fortes... tinha mais rivalidade”, comenta um saudoso Careca, que inclusive “explodiu” para o futebol exatamente num dérbi, quando marcou dois gols que dariam a vitória ao seu “bugre” por 2 X 1 no Estádio Brinco de Ouro da Princesa - detalhe: era o primeiro dérbi de Careca -. Aliás muitos jogadores conquistaram fama e projeção sendo heróis de um dérbi, às vezes “herói por um dia”, o que não foi o caso de Careca, que jogou no Guarani de 1977 a 1984, transferindo-se depois para o São Paulo F.C., Napoli (Itália) e equipes de Japão, além de defender inúmeras vezes a Seleção Brasileira, disputando inclusive duas Copas do Mundo, 1986 e 1990, e consagrando-se como um dos maiores atacantes da história do futebol mundial. Hoje, já em final de carreira, Careca desfila seu talento no Santos F.C..

Depois da década de 10, os dérbis seguiram sua história, mostrando um confronto recheado de particularidades, como qualquer outro grande clássico do país.

Foram vários os momentos e acontecimentos, tanto dentro do gramado como nos bastidores e entre torcedores. Outras “batalhas” como essa acima citada pelo Comercio de Campinas afloraram. Cenas selvagens entre alguns torcedores ignorantes se misturaram à inúmeras relações de paz e simpatia, com brincadeiras inteligentes e alegres, ao longo dos anos. Em alguns momentos até observou-se alguns raros lances de confraternização...

Para a cidade, o dérbi é o momento máximo do esporte. “Com certeza... para a cidade, com uma vitória num dérbi, você tinha o mês tranquilo... pode perder o campeonato, mas ganhar o dérbi era fundamental... Quem ganhasse o dérbi tinha o resto do ano tranquilo e garantido... enfim o dérbi é um jogo importante, um ‘Arranca-Rabo’...”, afirmou um às vezes sério e outras vezes sorridente Careca.

Cada dérbi marcou a sua própria história, cercado por um contexto específico. Guarani e Ponte Preta fizeram desde os primórdios da história do dérbi jogos nervosos e muito disputados. Brigas não faltaram, assim como partidas inesquecíveis disputadas com lealdade e respeito. O dérbi representa uma das páginas mais bonitas e emocionantes da história do futebol brasileiro. E a disputa tem mostrado ao longo das décadas um grande equilíbrio, inclusive nos resultados, com poucas goleadas. Apenas três vitórias e 10 gols, ambos favoráveis ao Guarani, separam as equipes no retrospecto dos dérbis. A seguir todos os números desse, que é o maior clássico regional do país, e que esse ano, 1997, embora sem a disputa de um dérbi, comemora 85 anos de história, tradição e rivalidade:

DÉRBI DISPUTADOS.....	165 jogos.
VITÓRIAS DO GUARANI.....	57 vitórias bugrinas.
VITÓRIAS DA PONTE PRETA.....	54 vitórias pontepretanas.
	(OBS.: uma dessas vitórias, em 1912, com placar desconhecido por falta de registros da época).
EMPATES.....	53 empates entre alviverdes e alvinegros.
RESULTADO DESCONHECIDO.....	1 partida sem registro do placar, foi o primeiro dérbi, disputado em 24 de março de 1912.
GOLS DO GUARANI.....	223 gols alviverdes.
SALDO DE GOLS DO GUARANI.....	10 gols.
GOLS DA PONTE PRETA.....	213 gols alvinegros.
SALDO DE GOLS DA PONTE PRETA.....	-10 gols.

AS CINCO MAIORES GOLEADAS NOS DÉRBIS AO LONGO DOS 85 ANOS:

- Guarani 6 X 0 Ponte Preta, no dia 5 de junho de 1960;
- Guarani 5 X 1 Ponte Preta, no dia 28 de agosto de 1955;
- Ponte Preta 5 X 2 Guarani, no dia 22 de novembro de 1936;
- Guarani 5 X 2 Ponte Preta, no dia 28 de abril de 1948;
- Guarani 5 X 2 Ponte Preta, no dia 29 de março de 1953.

OS TRÊS MAIORES ARTILHEIROS DA HISTÓRIA DOS DÉRBIS:

- 1^o - Zuza do Guarani.....17 gols;
- 2^o - Cilas da Ponte Preta.....9 gols;
- 3^o - Isaudo da Ponte Preta e Augusto do Guarani.....7 gols.

OBS.: Existem divergências entre os dados obtidos dos jornais, e para registro, os pesquisadores optaram pelo resultado de maior número. Luiz Estevam de Siqueira, o “Zuza”, que além do bugre também jogou no S.C. Corinthians P. e Palestra Itália, ambos de São Paulo, também foi o recordista em número de gols num único dérbi: marcou quatro gols na vitória alviverde por 4 X 3 no dia 4 de julho de 1943, no antigo Estádio do Guarani. Cilas, que em 1948 foi artilheiro do Campeonato Paulista principal pelo Ypiranga de São Paulo com 19 gols, ainda vive e tem, ao lado do Forum em Campinas, a Sapataria Atômica.

Os dados acima, assim como a lista dos dérbis que vem em anexo, foram extraídos da pesquisa realizada pela Panathlon Clube de Campinas. Os pesquisadores não consideraram os “jogos fantasmas”, ou seja, aqueles que foram anunciados sem qualquer prova documental de que realmente existiram.³⁰

³⁰ Todos os dérbis já disputados estão em anexo.

IMPRENSA: PARTICIPAÇÃO NA GRANDEZA E NA RIVALIDADE DO FUTEBOL CAMPINEIRO

Pretendo nesse momento do trabalho realizar alguns comentários a respeito da atuação da imprensa escrita campineira no contexto do dérbi. Porque a imprensa escrita e não a radiofônica ou a televisiva? Simples. Porque é a mais acessível - ou deveria ser -, e por ter acompanhado a história do dérbi desde o início, principalmente os jornais *Commercio de Campinas* e o *Diário do Povo*, ambos de Campinas, e que foram contemporâneos a trajetória do dérbi, embora um deles já não exista mais, o *Commercio de Campinas*. A primeira transmissão de rádio de um dérbi foi em julho de 1939 e a televisão só passou a atuar de forma relevante no futebol, de modo geral, nas décadas de 60 e 70. Por opção pessoal, realizando um recorte na análise, não abordei a imprensa radiofônica e televisiva.

Para comentar sobre a imprensa escrita trabalhei com algumas edições de dois jornais diários da cidade: o *Diário do Povo* e o *Correio Popular*, os dois maiores jornais da cidade e os únicos que acompanham efetivamente o futebol campineiro. Para elaborar meus comentários pude contar com a preciosa ajuda do jornalista Roberto Costa, ex-setorista da Ponte Preta pelo *Diário do Povo*, de 1983 a 1985, e que também atuou pela Rádio Educadora de junho de 1994 a maio de 1995. Atualmente Roberto Costa trabalha na Assessoria de Imprensa da Unicamp, com o cargo de sub-editor.

O que se pode perceber claramente é que a imprensa já destacava o dérbi na sua primeira década, a de 10. Desde muito cedo, Ponte Preta e Guarani, chamavam a atenção da população em geral e da imprensa local. Logo na década de 20, ambas as equipes já participavam do campeonato principal do estado.

Um fato fundamental a ser considerado é que os dois times sobrevivem até hoje e foram os únicos representantes da cidade a participar do futebol profissional do país. Mais. Ambas as equipes conseguiram uma enorme projeção, principalmente nas décadas de 70 e 80, conseguindo um sucesso nunca antes alcançado por nenhuma outra equipe do interior. Um prato cheio para a imprensa local. O “carro-chefe” de qualquer setor de esporte em qualquer veículo de comunicação da cidade e região.

A imprensa se alimenta dessa tradição e da natural rivalidade do clássico. Portanto, ela sempre procurou promover o dérbi, pois não é preciso colocar aqui muitas palavras em relação aos interesses jornalísticos diante de um objeto explorável no mercado da informação comercializada. E o dérbi, naturalmente, é um objeto a ser explorado pela imprensa.

O mundo de hoje tem uma participação decisiva em sua cultura em geral da comunicação de massa. A imprensa escrita é um dos maiores representantes da comunicação de massa. O planeta todo está interligado pela comunicação, que representa um claro instrumento de poder e difusão cultural. Mas pensar que a cultura da qual fazemos parte é uma criação da mídia, é um erro. A cultura se constrói por séculos ou muitos anos de relações humanas e história. A comunicação de massa é apenas um capítulo da formação da atual cultura, e interage, em muitos momentos, de forma decisiva com o meio, manipulando inclusive o imaginário de uma sociedade. Mas, não podemos pensar, portanto, na comunicação de massa como sendo uma instituição criada e

organizada com um propósito único de dominar a sociedade moderna. Essa é uma visão conspiratória da história, e portanto, creio eu, limitada. Pois a comunicação de massa, assim como a indústria cultural, são acontecimentos naturais, e são antes de mais nada culturais. E portanto naturalmente interagem com o meio, com a cultura em geral. Quem têm acesso a esse poder mantém um domínio econômico e cultural em relação aos que não têm esse acesso. Daí percebemos a comunicação de massa e a indústria cultural servindo de meio ou instrumento para as classes dominantes, constituindo e caracterizando assim o nosso meio atual, uma sociedade de classes, com diferenças sociais.³¹

O futebol é um fenômeno que transcende o universo esportivo. Trata-se de um fenômeno de massa, um fenômeno, que além de claramente cultural, é sociológico. O futebol nasce de nossa cultura moderna e dela também se alimenta. Sua força, como expressão social e cultural, faz desse esporte um alvo ou um objeto de relevante importância para o contexto econômico de nossa cultura. Me parece óbvio, portanto, a estreita relação dos meios de comunicação com o futebol. A imprensa “explora” naturalmente o universo da bola, portanto, contribuindo de forma indireta e direta com a sua difusão e até com o seu desenvolvimento em nosso meio.

A imprensa precisa, portanto, promover o futebol e extrair dele o atrativo natural, que tanto apaixona milhões de torcedores pelo planeta. Sua linguagem é única, muitas vezes. E mesmo explorando as tradicionais rivalidades do futebol - como o dérbi -, não creio que a imprensa use uma linguagem que incentive uma rivalidade irracional. A imprensa, na minha opinião, não contribui para a difusão da violência, assim como se falou dos desenhos animados e histórias em quadrinhos, apontados nas décadas de 50 e 60 como dois dos principais responsáveis pela violência na sociedade americana. A imprensa se expressa naturalmente, “falando” a mesma língua do torcedor. Quando lemos palavras referentes à uma “guerra” para designar um jogo de futebol, estamos lendo exatamente o que queremos ler.

O futebol é de fato uma “guerra”, uma disputa. Porém essa “guerra” permanece - ou deveria permanecer - num universo esportivo. Acredito que a violência é algo inerente à espécie humana. Cabe ao homem tentar domesticá-la, criando regras e normas, ou seja, leis, como tem tentado fazer ao longo dos séculos. E mais. Mesmo se considerarmos a “leitura”, pura e simplesmente, devemos considerar quem está realizando essa leitura. Existem diversos “contextos” sociais em nosso meio. Cada um desses contextos interpreta os acontecimentos de uma forma específica. No caso da violência, é possível encontrá-la, por exemplo, em todos os níveis de nossa sociedade. Portanto acusar a imprensa em relação à violência no futebol, é no mínimo simplificar o entendimento de uma sociedade complexa, com sérias diferenças sociais e culturais. A violência é fruto dessas diferenças e de uma condição natural e animal do ser humano.

Quando afirmo, portanto que a imprensa promove e até vive da rivalidade, não estou querendo dizer que ela é responsável pela rivalidade em si. Mas que ela contribui com a permanência da mesma, sem em nenhum momento “torcer” para a proliferação de uma violência generalizada, enfim de uma rivalidade irracional. Assim como, ela seria

³¹ COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, SP, 1973.

incapaz de criar uma rivalidade ou mantê-la sozinha. A rivalidade sobrevive por circunstâncias naturais, culturais e históricas.

A imprensa esportiva de Campinas, uma das dez maiores cidades do país e considerada o segundo pólo industrial do Brasil, precisa das duas equipes e principalmente do dérbi. A imprensa campineira sempre desfrutou de muita força no cenário social, político e cultural da cidade³².

Mesmo em momentos como o atual, onde o dérbi anda meio esquecido, a imprensa necessita promover “suas” equipes. Se uma das duas equipes vai mal em um certame, a imprensa procura extrair o máximo dessa situação, levando o torcedor a acompanhar até a “última esperança”, até o “último suspiro”. É preciso se vender o produto, por isso Ponte Preta e Guarani ganham uma atenção muito especial da imprensa local e regional. Mas e durante as férias ? Acabam as notícias ? Não. Pelo contrário até. Todo o universo de contratações e dispensas, além das comparações que alimentam uma rivalidade, mesmo de longe, podem ser até mais atraente para o torcedor. Fica-se na expectativa do que poderá ser Ponte Preta ou Guarani na temporada seguinte, explorando muitas vezes a comparação. Mais uma vez a grandeza e a rivalidade das equipes é perpetuada pela imprensa.

Apesar de um direcionamento claro da imprensa escrita no sentido de valorizar e promover - as vezes até com um certo exagero - os times da cidade, existe uma preocupação de não cair no ufanismo ou nas interpretações equivocadas. Essa é uma preocupação da imprensa escrita principalmente, pois por outro lado, algumas rádios da cidade, por exemplo, são mais “bairristas”, e chegam muitas vezes a exagerar nas coberturas. O que se percebe é que quando Ponte Preta ou Guarani perdem, aconteceu para as rádios algo como uma atuação ruim do árbitro ou uma jornada infeliz, cheia de azares para as agremiações campineiras. Em raros momentos, a imprensa de rádio, considerou uma derrota como sendo um acontecimento natural. E seus comentaristas, muitas vezes, exageram nos comentários parciais em relação às equipes campineiras.

Segundo Roberto Costa, existe uma explicação para essa diferença entre a imprensa escrita e a radiofônica. No rádio a dinâmica de cobertura, e a própria linguagem são diferentes. A rádio necessita “criar um clima”, alimentá-lo, para transformar o evento em algo grandioso, diferente, mas essa situação não é muito diferente do jornal impresso, que também necessita criar muitas vezes esse contexto. E as rádios da capital também investem no evento, criando um contexto ideal para um “grande espetáculo”. Mas a linguagem e a postura das rádios da capital ainda são menos “bairristas”, talvez por abrangerem um público muito maior.

A postura da imprensa escrita pode, em alguns momentos, tomar um rumo paternalista, procurando deixar “suas” equipes sempre “por cima”. É importante para os jornais que ambas as equipes estejam bem e fortes. Quando isso não ocorre, a política dos jornais é procurar “resgatar” os times. Por volta de 1983, o Diário do Povo realizou uma campanha intitulada “S.O.S. Campinas”, visando reerguer os times da cidade, que viviam naquele momento uma situação difícil, com crise financeira - para variar - e más campanhas.

³² MARIANO, Júlio. *História da Imprensa em Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda, Campinas, SP. 1972.

Mas em relação ao futebol campineiro, e principalmente ao dérbi, é importante destacar a década de 70 e início da década de 80. Momento em que as equipes montaram simultaneamente - talvez uma tenha "obrigado" ou "incentivado" a outra - esquadrões inesquecíveis para o futebol brasileiro. Campinas passou a ser conhecida por "Capital do Futebol", numa referência clara ao poder de seus times. Pereira Neto, narrador da Rádio Educadora foi um dos primeiros a difundir essa idéia de "Capital do Futebol". A imprensa escrita campineira passou a tratar os times da cidade como equipes grandes, no mesmo nível dos "gigantes" das principais capitais brasileiras. Ponte Preta e Guarani disputaram as primeiras posições nas principais competições do país.

Nesse sentido, a imprensa, na minha opinião, teve uma participação fundamental - embora não única - no engrandecimento de Ponte Preta e Guarani. Ou seja, a imprensa ajudou a fazer das duas equipes, times "grandes" e aspirantes à "gigantes". Essa situação é diferente hoje, principalmente pelo péssimo momento vivido pelos alvinegros, mas a condição de "grandes" e tradicionais se manteve, o que não aconteceu com nenhuma outra equipe do interior do país. Por exemplo: o C.A. Bragantino de Bragança Paulista, campeão paulista em 1990 e vice campeão brasileiro em 1991; a A.A. Internacional de Limeira, campeã paulista de 1986; o E.C. XV de Novembro de Piracicaba, o E.C. São José de São José dos Campos e o G.E. Novorizontino de Novo Horizonte, vice campeões paulista nos anos de 1976, 1989 e 1990, respectivamente; o América F.C. de Belo Horizonte (MG), várias vezes campeão mineiro; o Bangu A.C. do Rio de Janeiro (RJ), vice campeão brasileiro em 1985 e três vezes campeão carioca; o Brasil de Pelotas (RS), terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de 1985; ou ainda o América F.C., várias vezes campeão carioca e outrora um dos "grandes" do Rio de Janeiro (RJ), são hoje times "grandes" do futebol brasileiro ? A resposta é não. São pequenos ou médios, não sustentaram essa condição de "grandes". E é bom colocar que nem mesmo a Ponte Preta consegue sustentar essa condição hoje, sendo muitas vezes considerada uma equipe média em decadência ou até pequena. Mas o carisma que a alvinegra de Campinas ainda mantém na cidade e em muitas outras cidades do interior, além de algumas capitais também, é inegável. Talvez, só quem foi "grande" de fato um dia, como o América F.C. do Rio de Janeiro desfrute de tal carisma.

As torcidas de Guarani e Ponte Preta são as maiores do interior do país, abrangendo não só Campinas, como outros centros urbanos do estado e até de outros estados. Por exemplo, o filho mais velho do inesquecível meia e craque Zico, que jogou quase toda sua carreira no C.R. Flamengo (RJ), Júnior, não é flamenguista, é bugrino ! A tradição dessas equipes é sempre retratada de forma diferenciada, até pela imprensa da capital. Essa condição nenhuma das outras equipes citadas acima conquistou - com exceção talvez do América F.C. (RJ).

Os jornais Diário do Povo e Correio Popular chegam a dedicar, às vezes, uma página inteira para cada equipe. Esse é um ponto interessante: as equipes têm uma cobertura bastante equilibrada nesses jornais, o espaço dedicado a uma é sempre equivalente ao espaço dedicado a outra equipe, com exceção de momentos em que uma das equipes está disputando título e a outra está muito mal ou já eliminada da competição. As manchetes também devem ocupar espaços e destaques iguais. "Sempre tínhamos que abrir manchete para os dois, às vezes independentemente da notícia", comenta sorrindo Roberto Costa. Essa é com certeza uma maneira de atingir as duas torcidas sem nunca

desagradar uma delas. E quando é publicado um texto que não agrada um dos lados, como a reportagem de Ariovaldo Izac do Diário do Povo sobre a fundação da Ponte Preta, o jornal “liquida” com o assunto, “arquivando-o”, mas ficando em “paz” com a torcida.

Em relação ao dérbi, existe a mesma preocupação de equilíbrio. Uma semana, as vezes até mais, antes de um dérbi, a imprensa já começa a explorar o clássico com uma série de matérias rigorosamente equivalentes e especiais com os times e seus bastidores, com os torcedores e as vezes realizando até uma contagem regressiva, contando os dias que faltam para o dérbi, criando um clima adequado na cidade para um evento imperdível. “Tínhamos que preparar uma série de matérias rigorosamente divididas... criar o clima...o dérbi era estafante para a imprensa... eu chegava quebrado no final da jornada... mas era gostoso...”, lembra um saudoso e sorridente Roberto Costa.

Só havia um pequeno problema com a imprensa escrita da cidade na década de 70 e início da década de 80. Os jornais, tanto o Diário do Povo como o Correio Popular, não circulavam de segunda-feira. E como o dérbi geralmente acontece no domingo, a cobertura do resultado e de todos os acontecimentos ligados a ele, ficava prejudicada. O resultado e demais notícias referentes ao dérbi só saíam na terça-feira. Segundo Roberto Costa, essa situação, que não é a mesma de hoje, esfriava o clima criado com a enorme cobertura realizada antes do dérbi. A notícia do “vai acontecer” era sempre muito superior ao do “aconteceu”.

Hoje, a imprensa escrita dedica menos espaço para as equipes e também para o dérbi, porém o equilíbrio e a ênfase na grandeza e tradição dos times, principalmente nos dérbis, é sempre habilmente explorada pelos jornais. Essa diminuição não se refere à uma diminuição no interesse pelo dérbi, pelas equipes ou pelo futebol em geral. Mas sim à uma alteração global na vida das pessoas. Hoje tem-se menos tempo para a leitura. As grandes matérias já não cabem mais na leitura diária do torcedor, que está mais “pobre” e distante da cultura - educação e informação -, reflexo da situação socio-econômica geral do país, que não cabe aqui discutir. Para Roberto Costa essa transformação editorial, além da situação geral do Brasil, é fruto de uma profissionalização dos jornais, sinais dos tempos modernos.

Mas a atuação das equipes nas últimas temporadas também ajuda a “esfriar” a cobertura jornalística da cidade. A Ponte Preta disputa atualmente as segundas divisões de São Paulo e do Brasil, e não realiza uma boa campanha. Já o Guarani, embora tenha ameaçado chegar algumas vezes, não disputa um título desde 1988, quando foi vice campeão paulista, após perder a decisão para o S.C. Corinthians P. de Viola. Para Roberto Costa, Guarani e Ponte Preta eram times “grandes” na década de 70 e início da década de 80. Mas hoje, a Ponte Preta é um time “pequeno” e má administrada, é um time de caráter amador, embora acredite ser essa uma fase passageira. Já o Guarani, segundo ele é mais profissional e muito organizado, o que faz com que o time ocupe sempre no mínimo uma posição intermediária, próxima aos “gigantes”.

Como podemos perceber a imprensa tem participação bastante relevante no desenrolar de um dérbi ou da história do mesmo. A imprensa acaba assumindo naturalmente o papel de construtor da grandeza e da rivalidade de Ponte Preta e Guarani, até porque precisa dessa grandeza de “suas” equipes e principalmente da rivalidade das mesmas. “Não é um objetivo engrandecer as equipes, mas a imprensa acaba entrando no

clima e ajudando nesse processo”, alerta um sério Roberto Costa. Em relação à rivalidade exagerada, gerando casos de pequenas brigas ou verdadeiras batalhas campais, o dérbi sempre foi de certa forma um clássico pacífico. É claro que em alguns momentos, e já desde muito cedo - basta lembrarmos da “batalha de Souza” -, a rivalidade tomou esse caminho. E a imprensa, muitas vezes, pode ter grande participação nesse contexto, quando realiza uma cobertura que destaque com bastante ênfase a rivalidade ou um suposto “clima de guerra”. Mas certamente, ela não é responsável por brigas generalizadas ou verdadeiras batalhas que geram até morte, como tem acontecido com as três maiores torcidas do estado nos últimos anos, por exemplo. “A imprensa precisa e usa essa rivalidade... por projeção até... mas não o faz propositalmente, mas acontece... a imprensa nunca quis instigar... mas já houve no futebol de Campinas muitas brigas... mas nada de mortes...”, comenta um atencioso e simpático Roberto Costa.

Outro papel que a imprensa pode assumir naturalmente é a de criar “heróis” ou “vilões” do dérbi - e do futebol em geral -, como os casos clássicos de “heróis” como Viola e Silva “bicicleta” do C.A. Juventus, ou de “vilões” como Rui Rei e Dunga -. No caso do dérbi especificamente, o jogador Careca é talvez o exemplo mais conhecido. Careca, quando ainda jovem e júnior, fez dois gols num dérbi, era o seu primeiro clássico, dando para o Guarani a vitória diante da rival alvinegra. O jogador foi eleito herói da nação bugrina. Careca conseguiu de fato projeção nesse momento, mas posteriormente, sem o “auxílio” da imprensa local, se consagrou como um dos maiores atacantes do mundo em toda a história da bola.

Existe uma identificação curiosa e clara das equipes com torcidas supostamente caracterizadas segundo sua condição social. A Ponte Preta seria o time do “povão”, da classe social mais baixa, pobre - a exemplo de um S.C. Corinthians Paulista ou um C.R. Flamengo -, e o Guarani seria o time da classe mais rica de Campinas - a exemplo de um São Paulo F.C. ou um Fluminense F.C. -. Essa identificação também sempre foi muito explorada pela imprensa campineira. E com o tempo a própria imprensa passou a ser identificada nesses termos. O Diário do Povo passou a ser o jornal do “povão” - a exemplo de uma Folha de S. Paulo, embora tenha essa um caráter evidentemente mais intelectualizado -, e o Correio Popular, por sua vez, passou a ser identificado como sendo um jornal da elite campineira - a exemplo de um O Estado de S. Paulo.

Com o passar dos anos, essa identificação passou a ser colocada também em relação aos times da cidade. Assim, o Diário do Povo foi “batizado” como um “jornal pontepretano”, e o Correio Popular, como sendo um “jornal bugrino”. Mas em suas respectivas coberturas não é possível identificar textos ou interpretações que induzam a essa identificação. E particularmente acredito que todas essas identificações são muitas vezes apenas folclóricas ou ilusórias, tolas até, pois certamente não caracterizam de fato a torcida ou o jornal em questão. Por exemplo, o S.C. Corinthians Paulista não é o time do “povão” apenas. Sua torcida está em todas as camadas da sociedade. Assim como encontramos muitos torcedores são-paulinos em camadas sociais mais baixas. Em relação aos jornais, prefiro encará-los como sendo todos eles de caráter elitista, tanto uma Folha de S. Paulo ou um O Estado de S. Paulo, ou, um Diário do Povo ou um Correio Popular. Os grandes jornais geralmente carregam a voz da classe dominante. Os jornais não torcem. Essa é uma discussão que vale como curiosidade, mas que não cabe nesse momento...

CONCLUSÃO

Procurei nesse trabalho, apesar do pouco tempo disponível, levantar dados suficientes que pudessem mostrar como Ponte Preta e Guarani construíram suas respectivas tradições e principalmente como construíram, sendo os principais agentes, o maior clássico do interior do Brasil. Para isso precisei mostrar muitos aspectos das suas respectivas histórias.

Me parece claro que ambas as equipes ocupam uma posição de muito destaque no cenário esportivo nacional. São indiscutivelmente times “grandes”. Basta relermos seus currículos, para colocarmos Guarani e Ponte Preta entre os vinte principais times do país em todos os tempos. E se não considerarmos os “doze gigantes”, Ambos ficariam entre os primeiros, melhores e mais tradicionais times do Brasil. Espero que essa colocação não seja encarada como ufanismo, ou as palavras de um torcedor campineiro apaixonado pelo futebol de sua cidade. Até porque não é o caso. Longe disso. Meus comentários acima, acredito eu, estão perfeitamente justificados nos números da história de Ponte Preta e Guarani. Digamos que eu tenha tentando apenas traduzi-los...

A grandeza dessas equipes aparece também no universo da comunicação. Os meios de comunicação sempre tratam Guarani e Ponte Preta com muito destaque, explorando inclusive a força, o carisma e a tradição dessas equipes. Essa condição também foi, por outro lado, criado pela própria imprensa, principalmente a imprensa local, que necessita ter equipes fortes e tradicionais. É claro que Guarani e Ponte Preta chegaram entre os melhores do país fundamentalmente por serem bons, por realizarem um excelente trabalho de base, ou por montarem grandes equipes e que já disputaram inúmeros títulos. Mas a contribuição da imprensa em geral, principalmente da escrita, foi bastante relevante.

Outro fator que se construiu naturalmente em função da tradição de Guarani e Ponte Preta foi a rivalidade. Hoje o dérbi, embora esteja “hibernando”, pois a Ponte Preta não vive um bom momento, é na minha opinião, até pela história e tradição dos times, o maior clássico regional ou do interior do Brasil. A rivalidade é evidentemente caracterizada pelas diversas particularidades de um clássico. E a imprensa também tem uma participação efetiva e importante na manutenção dessa rivalidade. Essa atuação da imprensa é ao mesmo tempo natural e proposital, pois, assim como ela precisa de equipes fortes e tradicionais para a cidade, também precisa da rivalidade entre os mesmos.

Apesar de há muito tempo não haver dérbi, a rivalidade ainda sobrevive, e a atual situação seria facilmente revertida se a Ponte Preta voltar para a principal divisão de São Paulo e do Brasil. E essa não é uma missão muito difícil para a alvinegra de Campinas. Basta haver uma administração séria e profissional, o que a Ponte Preta não tem há muito tempo - e para muitos alvinegros nunca teve -. Mas enfim, trata-se de um problema possível de se resolver³³.

Para o Guarani, que ao contrário da rival sempre teve uma boa administração e um comportamento profissional - o que justifica com louvor sua boa situação no futebol

³³ Em anexo está a última matéria sobre a rivalidade entre pontepretanos e bugrinos, que saiu na imprensa escrita de Campinas, no jornal Correio Popular, de 16 de março de 1997.

de hoje -, também seria interessante voltar a ter a companhia da Ponte Preta na primeira divisão e a volta do dérbi. As próprias torcidas parecem torcer por isso. É fundamental para ambas as torcidas, que são as maiores do interior do Brasil, ter a “sombra” do rival bem próximo, havendo uma competição bastante particular, como “qual o melhor time do certame ou da temporada?”, ou ainda, “qual time cedeu mais jogadores para a Seleção Brasileira?”.

O clássico parece alimentar e engrandecer as duas equipes. O contexto esportivo de Campinas ganha em emoção e atenção quando Ponte Preta e Guarani estão disputando grandes jogos, ou até decisões. A rivalidade chega a viciar um “apaixonado da bola”. Trata-se de uma relação de ódio e amor. Assim como o S.C. Corinthians P. não viveria sem o S.E. Palmeiras e vice-versa, ou, o C.R. Flamengo sem o Fluminense F.C. e vice-versa, o Guarani não suporta a ausência da Ponte Preta e... vice-versa... A rivalidade está apenas adormecida. Guarani e Ponte Preta precisam do dérbi para se tornarem mais fortes. E quem sabe fazer de Campinas novamente a “Capital do Futebol”. Sim, isso é possível pela tradição e história dos clubes, além da enorme estrutura da cidade, a segunda do estado. E com certeza a Ponte Preta volta. **No “Majestoso” ou no “Brinco”, quem sabe amanhã é dia de dérbi...**

Agradecimentos “prá lá de especiais” a Douglas Maia, Hellenice Reis Maia, José Renato Maia, Sérgio Rossi, Pacola e Dario Crispim do Correio Popular, Roberto Costa “Betão”, e principalmente aos grandes amigos Renato e Vera, além da Mônica, Helga e meus pais. Ao Futebol e à Ponte Preta e Guarani, os grandes e tradicionais times da minha cidade, Campinas, por existirem...

BIBLIOGRAFIA

- *Almanaque das Copas do Mundo*: 1930 - 1994. Multi Editora, São Paulo, 1994.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Anarquistas e Comunistas no Futebol de São Paulo*. In Revista Leitura 11 (127) de dezembro de 1992, São Paulo, 1992.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Diversão ou Trabalho ? O Futebol Dentro da Fábrica*. In Revista Leitura 12 (141) de fevereiro de 1994, São Paulo, 1994.
- *CORREIO POPULAR*, jornal diário de Campinas.
- *DIÁRIO DO POVO*, jornal diário de Campinas.
- BIBAS, Solange Nunes. *As Copas que ninguém viu - Histórias e Bastidores*. Catavento, São Paulo, 1982.
- *Brasil de todas as Copas*. Editora Três, São Paulo, 1994.
- CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária - Um brasileiro chamado Garrincha*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, SP, 1973.
- COUTINHO, Edílberto. *Nação Rubro-Negra*. Fundação Nestlé de Cultura, São Paulo, 1990.
- DIAFERIA, Lourenço. *Coração Corinthiano*. Fundação Nestlé de Cultura, São Paulo, 1992.
- DUARTE, Marcelo. *O Guia dos Curiosos - Esportes*. Companhia Das Letras, São Paulo, 1996.
- DUARTE, Orlando. *Pelé O Supercampeão*. Makron Books, São Paulo, 1993.
- DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. Makron Books, São Paulo, 1994.
- FILHO, Mário. *Copa do Mundo, 62*. Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1962.
- FILHO, Mário. *Fla-Flu... E as multidões despertaram*. Rio de Janeiro, 1985. (e Nelson Rodrigues)
- FILHO, Mário. *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1947.
- GODOY, Lauret. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*. Nova Alexandria, Unimes, São Paulo, 1996.
- HOBSBAWM, Eric J.. *A Era dos Impérios 1875 - 1914*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.
- *JORNAL DE DOMINGO*, Campinas, 4 de julho de 1976.
- *JUBILEU DE OURO DO GUARANI F.C.*. Revista comemorativa pelos cinquenta anos do Guarani F.C., Campinas, 1961.
- KLEIN, Marco Aurélio, e AUDININO, Sergio Alfredo. *O Almanaque do Futebol Brasileiro*. Editora Escala, São Paulo, 1996.
- LANCELOTTI, Sílvio. *Espanha 82 - O Brasil e as Copas do Mundo*. Caminho Editorial Ltda/Edições Isto É, São Paulo, 1981/82.
- *1000 Maiores Esportistas do Século 20*. Revistas "Isto É" e "The Sunday Times". Editora Três, São Paulo, 1996.
- MARIANO, Júlio. *História da Imprensa de Campinas*. Indústrias Gráficas Massaioli Ltda (Belcolor Publicidade Ltda), Campinas, SP, 1972.

- NOGUEIRA, Armando. *Bola na Rede*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973.
- NOGUEIRA, Armando. *Na Grande Área*. Edições Bloch, Rio de Janeiro, 1966.
- PINHEIRO, Domicio. *Era Pelé - Documento Histórico Fotográfico*. Sequência Editorial, São Paulo, 1984.
- *"Especial - Os Cem Anos de Futebol no Brasil"*. In Revista Memória, N° 20, , pp. 40-69, uma publicação do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, São Paulo, janeiro a setembro de 1994.
- *REVISTA PLACAR*, Editora Abril, São Paulo, de 1973 a 1997.
- *"Dossiê Futebol"*. In Revista USP, N° 22, , São Paulo, junho/julho/agosto de 1994.
- ROSSI, Sérgio. *História da Associação Atlética Ponte Preta*. "Os Primeiros 35 Anos - 1900 a 1935" (volume I) e "1936 a 1955" (volume II). R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, Campinas, 1989 e 1994, respectivamente.
- SCHORSKE, Carl E.. *Viena Fin-de-Siècle, Política e Cultura*. Editora da Unicamp/Companhia das Letras, São Paulo, 1988.
- SOUZA, Marcos Alves de. *A "Nação em Chuteiras": Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro*. Série Antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 1996.
- STORTI, Valmir, e FONTENELLE, André. *A História do Campeonato Paulista*. PubliFolha, São Paulo, 1997.
- TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *A História do Guarani F.C.*. Impressão eletrônica 9.500 - Casa do Engenheiro, Campinas, 1987, "À Sombra das Palmeiras Imperiais" (1ª parte), e 1989, "Os Primeiros Passos de um Campeão" (vol. 2).
- TABA (Torcedores Amigos Bugrinos Associados). *Informativo TABA*. Campinas, 1985.
- WITTER, José Sebastião. *Breve História do Futebol Brasileiro*. Coleção "Para Conhecer Melhor", Editora FTD S.A., São Paulo, 1996.
- WITTER, José Sebastião. *O que é Futebol*. Coleção "Primeiros Passos" (N° 237), Editora Brasiliense, São Paulo, 1990.
- ZAMORA, Pedro. *A hora e a vez de João Saldanha*. Galeria Gol, Livraria Editora Gol, Rio de Janeiro, 1969.

ANEXOS

ANEXO I - Todos os presidentes da história da A.A. Ponte Preta:

1906 a 1911.....	Pedro Vieira da Silva (que assumiu com menos de 20 anos)
1911.....	Pedro Vieira da Silva e José Rodrigues
1912.....	José Rodrigues
1913.....	José Rodrigues e Dante Pera
1914.....	Dante Pera
1915 a 1921.....	Capitão Pedro de Alcântara
1922.....	Capitão Pedro de Alcântara e Carlos Pilz
1923.....	Capitão Pedro de Alcântara, José Rodrigues Pinheiro e Manoel Lopes Cardoso
1924.....	Alberto Pinheiro e José Teodoro Siqueira e Silva
1925.....	José Teodoro Siqueira e Silva e Duílio Pompeu
1926.....	Paulo de Souza Gomide e Dr. Olympio Dias Porto
1927.....	Alberto Pinheiro e Dr. João Penido Burnier
1928.....	Dr. Waldemar Rangel Belfort de Mattos
1929.....	Sylvio de Oliveira Andrade e Dr. Edgard Ariani
1930.....	Dr. Cortes de Barros
1931.....	Luiz Ricardo Schreiner e Dr. Francisco Ursaia
1932 a 1935.....	Dr. Francisco Ursaia
1936 a 1938.....	Pedro Pinheiro
1939 a 1941.....	Dr. Francisco Ursaia
1942.....	Paulino Morégola e José Cantúcio
1943.....	José Cantúcio
1944 a 1945.....	Dr. Francisco Ursaia
1946.....	Dr. José de Angelis
1947 a 1949.....	Ayrton José do Couto
1950.....	Marinho Ferreira Jorge e Dr. Olympio Dias Porto
1951.....	Dr. Olympio Dias Porto
1952.....	Arnaldo Nunes Tubino
1953.....	Ralpho Fonseca Ribeiro
1954.....	Ralpho Fonseca Ribeiro e Irmante Lucarelli
1955 a 1956.....	Irmante Lucarelli
1957.....	Hamleto Di Giulio e Elysio Ferreira Linhares
1958.....	Elysio Ferreira Linhares
1959.....	Elysio Ferreira Linhares e Vicente Mutto
1960.....	Antonio Mingoni
1961.....	Antonio Mingoni e Olindo Rondino
1962.....	Sandro Ferraris e Antonio Garutti
1963.....	Natal Gabetta e Bernardo Kaplan
1964.....	Olindo Rondino e Antonio Mingoni
1965.....	Antonio Mingoni e Dr. Mathias José de Barros Ponikwar



↓

1966 a 1968....Ralpho Fonseca Ribeiro
 1969 a 1973....Dr. Sérgio José Abdalla
 1974 a 1975....Coronel Rodolpho Pettená
 1976.....Coronel Rodolpho Pettená e Dr. Lauro de Moraes Filho
 1977 a 1978....Dr. Lauro de Moraes Filho
 1979.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Edson Ággio
 1980 a 1981....Edson Ággio
 1982.....Dr. Lauro de Moraes Filho
 1983.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Antonio Carlos Corsini
 1984 a 1986....Carlos Luiz Vacchiano
 1987.....Carlos Luiz Vacchiano e Marcos Garcia Costa
 1988 a 1990....Dr. Lauro de Moraes Filho
 1991.....Dr. Lauro de Moraes Filho e Marco Antônio Abi Chedid
 1992 a 1996....Marco Antônio Abi Chedid.
 1996 e 1997....Nivaldo Balbo

ANEXO II - Os principais títulos da A.A. Ponte Preta:

1912 - Campeã Campineira, Liga Operária de Foot-Ball, L.O.F.(primeiro título da história pontepretana)
 1923 - Campeã da Zona Paulista, Associação Paulista de Esportes Atléticos, A.P.E.A.
 1925 - Campeã da 4^o Região, A.P.E.A.
 1926 - Campeã da Simpatia (eleita pelo voto popular o "Clube Mais Simpático da Cidade")
 1927 - Campeã da Zona Mogiana, Liga de Amadores de Foot-Ball, L.A.F.
 1928 - Bi-Campeã Paulista dos 2^{os} Quadros (2^o time ou aspirantes/reservas) - Divisão Principal da L.A.F., e 3^o lugar no Campeonato Paulista da Liga de Amadores de Futebol, L.A.F.
 1929 - 3^o lugar no Campeonato Paulista da L.A.F.
 1930 - Campeã invicta da 4^a Região, A.P.E.A.
 1933 - Campeã invicta da Subdivisão de Campinas da ainda primitiva Federação Paulista de Futebol, F.P.F.
 1935/36/37 - Tri-campeã Campineira de 1^{os} e 2^{os} Quadros (ganhou nos três anos nos dois quadros, sendo que 1935 foi o primeiro Campeonato da Liga Campineira de Futebol, L.C.F.)
 1940 - Campeã Campineira invicta, L.C.F.
 1943 - Campeã do Torneio Confraternização Esportiva contra o rival Guarani F.C.
 1944 - Campeã Campineira e Bi-Campeã dos 2^{os} Quadros, L.C.F.
 1947 - Campeã do Torneio de Verão da F.P.F., e Campeã Campineira da 1^a Divisão de Amadores da L.C.F.
 1948 - Bi-Campeã Campineira da 1^a Divisão de Amadores da L.C.F.
 1949 - Campeã do Torneio "Taça Cidade de Campinas", disputado entre Ponte Preta, Guarani F.C. e Mogiana, e Campeã do Torneio "Taça A Gazeta" entre os aspirantes
 1950 - Bi-Campeã da "Taça A Gazeta"

↓

- 1951 - Sobe para a Divisão Principal do Campeonato Paulista, Campeã da 1^o Divisão de Amadores da Cidade, L.C.F., Campeã invicta de Amadores do Interior e do estado pela F.P.F.
- 1952 - Campeã do Torneio Triangular, disputado entre Ponte Preta, Guarani F.C. e Bangu A.C. (RJ), e vencedora do concurso "O Clube Predileto do Interior"
- 1954 - Campeã do Grupo Intermediário do Campeonato Paulista da F.P.F., e Campeã profissional invicta de Campinas (4^o Centenário de São Paulo)
- 1961 - Vice-campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso) diante da Prudentina de Presidente Prudente
- 1965 - Vice-campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso) diante da A.A. Portuguesa Santista
- 1969 - Campeã da Primeira Divisão (Divisão de Acesso), voltando para a Divisão Especial (1^a Divisão)
- 1970 - Campeã invicta do I Turno e Vice-campeã paulista
- 1977 - Campeã do Interior (3^o Troféu "Folha de S. Paulo") e Vice-Campeã paulista diante do S.C. Corinthians Paulista
- 1978 - Campeã do II Turno do Campeonato Paulista (Troféu Governador do Estado)
- 1979 - Vice-campeã paulista diante do S.C. Corinthians Paulista
- 1981 - Vice-campeã paulista diante do São Paulo F.C., 3^o lugar no Campeonato Brasileiro, e Campeã paulista das categorias infantil, juvenil e júnior
- 1981/82 - Bi-campeã da Taça São Paulo de Futebol Júnior
- 1983 - Tri-campeã paulista de juniores (81/82/83)
- 1984 - Campeã do Interior (Troféu "Folha de São Paulo")
- 1989 - Vice-campeã da Divisão Intermediária (2^o Divisão) e volta para a Divisão Principal do Campeonato Paulista
- 1991 - Campeã da Taça São Paulo de Futebol Infantil, e Campeã do Campeonato Paulista de Aspirantes da F.P.F.
- 1992 - Vice-campeã do Grupo B e acesso ao grupo de elite do Campeonato Paulista

ANEXO III - O desempenho da A.A. Ponte Preta nos certames paulistas de que participou:

ANO	COL	PAR	P.G	JOG	VIT	EMP	DER	G.P.	G.C	S.G.	CAMPEÃO
1928	3 ^o	12	30	22	13	4	5	57	36	21	S.C. Internacional
1929	3 ^o	11	24	18	11	2	5	/	/	/	C.A. Paulistano
1951	7 ^o	15	26	28	8	10	10	52	51	1	S.C. Corinthians P.
1952	11 ^o	16	23	30	9	5	16	54	59	-5	S.C. Corinthians P.
1953	6 ^o	15	28	28	10	8	10	41	36	5	São Paulo F.C.
1954	6 ^o	14	25	26	11	3	12	45	48	-3	S.C. Corinthians P.
1955	8 ^o	14	21	26	7	7	12	44	52	-8	Santos F.C.
1956	11 ^o no Torneio de Classificação que classificou 10 equipes de um total de 18 para a fase final. A Ponte Preta terminou com 15 pontos, 1 a menos que o C.A. Juventus, 10 ^o colocado e classificado. O Santos F.C. foi bi-campeão.										
1957	7 ^o	20	13	18	6	1	11	22	42	-20	São Paulo F.C.
1958	14 ^o	20	31	38	11	9	18	48	77	-29	Santos F.C.



1959	13 ^o	20	31	38	12	7	19	57	86	-29	S.E. Palmeiras
1960	18 ^o	18	17	34	4	9	21	44	81	-37	Santos F.C.
1970	2 ^o	10	22	18	7	8	3	17	14	3	São Paulo F.C.
1971	6 ^o	12	22	22	9	4	9	22	19	3	São Paulo F.C.
1972	7 ^o	12	21	22	5	11	6	19	20	-1	S.E. Palmeiras
1973	6 ^o	12	23	22	7	9	6	17	19	-2	Santos F.C. e A. Portuguesa D.
1974	8 ^o	14	25	26	10	5	11	18	20	-2	S.E. Palmeiras
1975	9 ^o	19	27	28	9	9	10	32	25	7	São Paulo F.C.
1976	6 ^o	18	33	28	14	5	9	30	17	23	S.E. Palmeiras
1977	2 ^o	19	65	43	23	14	6	64	32	32	S.C. Corinthians P.
1978	5 ^o	20	63	47	24	15	8	66	36	30	Santos F.C.
1979	2 ^o	20	49	47	15	19	12	41	35	6	S.C. Corinthians P.
1980	3 ^o	20	50	38	17	16	5	57	32	15	São Paulo F.C.
1981	2 ^o	20	66	52	22	22	8	72	42	30	São Paulo F.C.
1982	4 ^o	20	44	38	14	16	8	44	28	16	S.C. Corinthians P.
1983	7 ^o	20	41	44	14	13	17	47	49	-2	S.C. Corinthians P.
1984	5 ^o	20	45	38	17	11	10	51	36	15	Santos F.C.
1985	9 ^o	20	38	38	13	12	13	42	35	7	São Paulo F.C.
1986	13 ^o	20	35	38	11	13	14	41	43	-2	A.A. Internacional
1987	19 ^o	20	31	38	7	17	14	26	42	-16	São Paulo F.C.
1990	15 ^o	24	33	33	11	11	11	33	34	-1	C.A. Bragantino
1991	7 ^o	14	27	26	8	11	7	26	18	8	São Paulo F.C.
(OBS.: Nesse ano a Ponte Preta disputou o Grupo Amarelo, uma espécie de 2 ^o Divisão, com os 10 últimos times de 1990 e 4 times da Divisão de Acesso, totalizando 28 equipes na competição - eram dois grupos com 14 times cada)											
1992	4 ^o	28	40	32	14	12	6	43	33	10	São Paulo F.C.
(OBS.: Nesse ano a Ponte Preta voltou a disputar o Grupo Amarelo, porém conseguiu se classificar para a II Fase ao contrário do ano anterior)											
1993	13 ^o	18	25	30	7	11	12	32	41	-9	S.E. Palmeiras
1994	13 ^o	16	26	30	8	10	12	37	44	-7	S.E. Palmeiras
1995	16 ^o	16	29	30	7	8	15	30	55	-25	S.C. Corinthians P.

(COL: colocação; PAR: participantes; P.G.: pontos ganhos; JOG: jogos; VIT: vitórias; EMP: empates; DER: derrotas; G.P.: gols pró; G.C.: gols contra; e S.G.: saldo de gols).

ANEXO IV - A participação da A.A. Ponte Preta no Campeonato Brasileiro:

1971 a 1975 - A Ponte Preta não jogou o Campeonato Brasileiro.

1976 - Logo na estreia a Ponte Preta chegou até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4^o lugar no Grupo Q (com 9 times).

1977 - Mais uma vez a equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4^o lugar no grupo U (com 6 times).



↓

1978 - Pela terceira vez a Ponte Preta chega até a III fase, última antes das quartas-de-finais, terminando em 3^o lugar no Grupo R (com 8 times).

1979 - Não participou.

1980 - A Ponte Preta, para variar, chega mais uma vez até a III fase, uma antes das semi-finais, terminando em 4^o e último lugar no grupo O.

1981 - 3^o lugar.

1982 - A equipe chega até a II fase, uma fase antes das oitavas-de-final, terminando em 3^o lugar no Grupo O (com 4 times).

1983 - A Ponte Preta chega até a II fase, antes de uma terceira fase, terminando em 4^o e último lugar no Grupo J.

1984 - Não participou, e jogou a 2^o divisão do Campeonato Brasileiro.

1985 - A equipe chegou até a II fase, uma antes das semi-finais, terminando em 3^o lugar no Grupo 1 (com 4 times).

1986 - A Ponte Preta chegou até a II fase, uma antes das oitavas-de-finais, terminando em 8^o lugar no Grupo E (com 9 times).

1987 a 1996 - A Ponte Preta não voltou mais a disputar o Campeonato Brasileiro da 1^o Divisão.

ANEXO V - Todos os presidentes da história do Guarani F.C.:

1911 a 1912....Vicente Matallo

1913.....Pompêo de Vito e Mário Branco de Godoy

1914.....Antonio de Souza Letro e Pompêo de Vito

1915 a 1917....Pompêo de Vito

1918.....Armando Sarnes, Pompêo de Vito e Carmine Alberti

1919.....Pompêo de Vito, Júlio dos Santos Motta, Manoel Antonio Ruas e Reinaldo Laubstein

1920.....Carmine Alberti

1921 a 1923....Antonio Albino Junior

1924.....José de Queiroz Telles

1925.....Galdino Moraes Alves, José Ferreira de Godoy e Carmine Alberti

1926.....Dr. Lúcio Pereira Peixoto, Dr. Benedito da Cunha Campos

1927.....Dr. Benedito da Cunha Campos

1928.....Ítalo Franceschini

1929.....Augusto de Carvalho Asbahr

1930.....Dr. Romeu Tortima e Dr. Arnaldo de Campos

1931.....Dr. Alexandre Chiarini

1932.....Frederico Borghi

1933.....Dr. Romeu Tortima

1934.....Augusto de Carvalho Asbahr

1935 a 1936....João Mezzalira

1937.....Dr. Vicente Torregrossa

1938.....Dr. Januário Pardo Mêo

1939.....Dr. Januário Pardo Mêo e Prof. Floriano de Azevedo Marques

1940.....Prof. Floriano de Azevedo Marques

↓



1941.....	Dr. Sebastião Otranto
1942.....	Jayme Serra e João Mezzalira
1943.....	Dr. Alfredo Ribeiro Nogueira
1944.....	César Contessotto
1945.....	Guilmer Cury Zakia
1946.....	Artemiro Caruso Andreoli
1947.....	Dr. Sebastião Otranto e Emílio Porto
1948.....	Dr. Romeu Tortima
1949.....	Dr. Nilo de Rezende Rubim e César Contessotto
1950.....	César Contessotto e Dr. Romeu Tortima
1951.....	Isolino Ferramola
1952.....	Dr. Romeu Tortima
1953.....	Dr. Ruy Vicente de Mello e César Contessotto
1954.....	Dolor de Oliveira Barbosa
1955.....	Miguel Moreno
1956.....	Esmeraldino Antunes Barreira
1957.....	Emílio Porto
1958.....	Jayme Silva
1959.....	Mario Brocchi
1960.....	Jayme Silva ³⁴
1988 a 1997...	Luís Roberto Zini

ANEXO VI - Os principais títulos do Guarani F.C.:

- O clube que mais vezes conquistou o Campeonato Campineiro
- Três vezes campeão do Torneio Início do Campeonato Paulista, pela F.P.F., Federação Paulista de Futebol
- Tetra campeão do Interior na Divisão Especial
- Conquistou a posse definitiva do Troféu "As folhas de São Paulo" pelo tri campeonato do Interior do Estado
- Conquistou em definitivo a "Taça dos Invictos" de "A Gazeta Esportiva"
- 1949 - Campeão paulista da Primeira Divisão (a 2^o Divisão da época), ganhando o direito de disputar a Divisão Principal a partir de 1950
- 1972 - Conquista a Taça dos Invictos, oferecida pela Federação Paulista de Futebol, F.P.F.
- 1976 - Campeão do I Turno do Campeonato Paulista (Troféu "Almirante Heleno Nunes", o mais rico troféu colocado em disputa entre os times do país)
- 1978 - Campeão brasileiro
- 1981 - Campeão da Taça de Prata (2^o Divisão do Campeonato Brasileiro)
- 1982 - Vice-campeão da Taça dos Campeões
- 1986 - Vice-campeão brasileiro
- 1987 - Vice-campeão brasileiro (do "Módulo Amarelo", o certame da C.B.F.)



³⁴ Não foi possível colher os presidentes do Clube a partir desse ano até a gestão de Beto Zini.

1988 - Vice-campeão paulista

1991 - Vice-campeão brasileiro ("Série B", a 2^o Divisão da época)

1994 - Campeão amador do estado

ANEXO VII - O desempenho do Guarani F.C. nos certames paulistas de que participou:

ANO	COL	PAR	P.G.	JOG	VIT	EMP	DER	G.P.	G.C.	S.G.	CAMPEÃO
1927	4 ^o	14	21	16	10	1	5	58	41	17	Palestra Itália
1928	4 ^o	7	11	12	5	1	6	27	24	3	S.C. Corinthians P.
1929	5 ^o	8	6	7	2	2	3	15	15	0	S.C. Corinthians P.
1930	6 ^o	14	29	26	13	3	10	66	52	14	S.C. Corinthians P.
1931	7 ^o	14	26	26	11	4	11	54	49	5	São Paulo-Floresta
1950	6 ^o	12	23	22	9	5	8	34	41	-7	S.E. Palmeiras
1951	6 ^o	15	32	28	13	6	9	52	54	-2	S.C. Corinthians P.
1952	9 ^o	16	27	30	12	3	15	50	59	-9	S.C. Corinthians P.
1953	5 ^o	15	31	28	12	7	9	39	34	5	São Paulo F.C.
1954	8 ^o	14	24	26	10	4	12	37	44	-7	S.C. Corinthians P.
1955	6 ^o	14	27	26	11	5	10	48	44	4	Santos F.C.
1956	O Guarani terminou em 14 ^o com 12 pontos ganhos ao lado da A. Ferroviária E. no Torneio de Classificação que precedeu o campeonato, ficando de fora da fase final do certame, que reuniu os dez primeiros de um total de 18 clubes. O Santos F.C. foi o campeão paulista desse ano.										
1957	O Guarani terminou em 16 ^o com 13 pontos ganhos no Torneio de Classificação que precedeu o campeonato, ficando de fora da fase final, que reuniu os dez primeiros de um total de 20 clubes. O São Paulo F.C. ficou com o título.										
1958	14 ^o	20	31	38	12	7	19	53	94	-41	Santos F.C.
1959	13 ^o	20	31	38	12	7	19	57	81	-24	S.E. Palmeiras
1960	7 ^o	18	38	34	14	10	10	59	52	7	Santos F.C.
1961	7 ^o	16	33	30	15	3	12	53	42	11	Santos F.C.
1962	8 ^o	16	29	30	11	7	12	50	45	5	Santos F.C.
1963	6 ^o	16	30	30	13	4	13	48	48	0	S.E. Palmeiras
1964	7 ^o	16	31	30	14	3	13	46	44	2	Santos F.C.
1965	7 ^o	16	30	30	13	4	13	45	47	-2	Santos F.C.
1966	13 ^o	15	21	28	9	3	16	34	43	-9	S.E. Palmeiras
1967	8 ^o	14	21	26	8	5	13	34	36	-2	Santos F.C.
1968	9 ^o	14	22	26	8	6	12	28	29	-1	Santos F.C.
1969	7 ^o	14	23	26	9	5	12	35	40	-5	Santos F.C.
1970	8 ^o	10	14	18	4	6	8	19	26	-7	São Paulo F.C.
1971	8 ^o	12	19	22	5	9	8	22	29	-7	São Paulo F.C.
1972	6 ^o	12	22	22	8	6	8	16	22	-6	S.E. Palmeiras
1973	5 ^o	12	28	22	10	8	4	24	15	9	Santos F.C. e A. Portuguesa D.
1974	6 ^o	14	31	26	11	9	6	26	18	8	S.E. Palmeiras
1975	6 ^o	19	35	28	12	11	5	43	26	17	São Paulo F.C.



1976	3 ^o	18	39	28	12	14	2	38	20	18	S.E. Palmeiras
1977	6 ^o	19	53	43	18	14	11	49	37	12	S.C. Corinthians P.
1978	3 ^o	20	63	48	23	17	8	77	41	36	Santos F.C.
1979	4 ^o	20	52	45	20	12	13	61	34	27	S.C. Corinthians P.
1980	7 ^o	20	44	38	16	12	10	57	42	15	São Paulo F.C.
1981	3 ^o	20	67	50	24	17	9	89	53	36	São Paulo F.C.
1982	8 ^o	20	39	38	14	11	13	46	45	1	S.C. Corinthians P.
1983	16 ^o	20	32	38	10	12	16	41	43	-2	S.C. Corinthians P.
1984	6 ^o	20	45	38	16	13	9	51	34	17	Santos F.C.
1985	3 ^o	20	46	40	14	18	8	39	38	1	São Paulo F.C.
1986	17 ^o	20	34	38	10	14	14	-40	47	-7	A.A. Internacional
1987	12 ^o	20	37	38	9	19	10	29	25	4	São Paulo F.C.
1988	2 ^o	20	36	27	13	10	4	43	20	23	S.C. Corinthians P.
1989	7 ^o	22	32	25	10	10	5	40	21	19	São Paulo F.C.
1990	6 ^o	24	38	35	10	18	7	29	22	7	C.A. Bragantino
1991	6 ^o	28	35	32	12	11	9	30	28	2	São Paulo F.C.
1992	7 ^o	16	36	32	11	14	7	42	34	8	São Paulo F.C.
1993	5 ^o	18	42	36	17	8	11	46	44	2	S.E. Palmeiras
1994	10 ^o	16	27	30	8	11	11	47	46	1	S.E. Palmeiras
1995	6 ^o	16	45	30	12	9	9	40	36	4	S.C. Corinthians P.
1996	11 ^o	16	34	30	9	7	14	27	42	-15	S.E. Palmeiras

(COL: colocação; PAR: participantes; P.G.: pontos ganhos; JOG: jogos; VIT: vitórias; EMP: empates; DER: derrotas; G.P.: gols pró; G.C.: gols contra; S.G.: saldo de gols)

ANEXO VIII - A participação do Guarani F.C. no Campeonato Brasileiro:

1973 - O Guarani chega até a III fase, última antes da fase final que reuniu os quatro times finalistas, terminando em 8^o lugar no Grupo B (com 10 times).

1974 - A equipe chega até a II fase, última antes da fase final que reuniu os quatro times finalistas, terminando em 4^o lugar no Grupo 1 (com 6 times).

1975 - O Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 6^o lugar no Grupo A (com 8 times).

1976 - A equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 5^o lugar no Grupo R (com 9 times).

1977 - O Guarani chega até a II fase, antes da III fase, terminando em 4^o lugar no Grupo L (com 5 times).

1978 - É campeão brasileiro, após vencer duas vezes, em Campinas e em São Paulo, o S.E. Palmeiras.

1979 - A equipe chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 3^o lugar no Grupo P (com 4 times).

1980 - Mas uma vez o Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 2^o lugar no Grupo N (com 4 times).



1981 - Não participou, mas conquistou a Taça de Prata, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

1982 - 3º lugar

1983 - O Guarani chega até a III fase, última antes das semi-finais, terminando em 4º e último lugar no Grupo T.

1984 - Não participou.

1985 - A equipe chega até a II fase, última antes das semi-finais, terminando em 2º lugar no Grupo 1 (com 4 times).

1986 - Vice campeão brasileiro, ao perder a decisão em Campinas para o São Paulo F.C. da capital.

1987 - Não participou, mas foi vice campeão do Módulo Amarelo, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

1988 - O Guarani não consegue chegar às quartas-de-final, após disputar o Grupo B (com 12 times) nas I e II fases, ficando em 4º lugar e 10º lugar, respectivamente.

1989 - A equipe termina em 9º lugar no Grupo A (com 11 times) da I fase, não conseguindo se classificar para a II fase, e pior, com essa classificação o time é rebaixado à 2ª divisão do Campeonato Brasileiro.

1990 - Não participou e disputou a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro.

1991 - Não participou e disputou a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro, conseguindo classificação para disputar novamente no ano seguinte a 1ª divisão.

1992 - O Guarani termina em 9º lugar no Grupo 1 (com 10 times) da I fase, não conseguindo classificação para a II fase.

1993 - A equipe chegou até a fase semi-final, última antes da decisão, terminando em 3º lugar no Grupo F (com 4 times).

1994 - 3º lugar.

1995 - O Guarani terminou na 18ª posição entre 24 times.

1996 - Embora tenha terminado em 3º lugar na classificação geral entre 24 times, a equipe não conseguiu se classificar para as semi-finais, caindo na fase de quartas-de-final, após perder a classificação para o Goiás E.C. (GO) em dois jogos, uma derrota em Goiânia por 3 X 0 e um empate em 1 X 1, em Campinas.

ANEXO IX - OS DÉRBIS... UM POR UM:

Nº	DATA	LOCAL DA DISPUTA	COMPETIÇÃO	PLACAR
001	24/03/1912	Campo da Vila Industrial OBS.: O autor Sérgio Rossi considera a existência de um jogo no ano de 1911, com vitória da Ponte Preta por 1 X 0, gol de Lopes, no campo do São Vicente. Mas não há registros documentais dessa partida, apenas testemunhos, ou seja, são dados obtidos por história oral.	Amistoso	Desconhecido
002	19/05/1912	Hípódromo Campineiro OBS.: Para o autor Sérgio Rossi, ainda em 1912 aconteceram outros dois dérbi: no campo do Cruzeiro, vencido pela Ponte Preta por 4 X 1; e no campo do Guanabara, com nova vitória alvinegra, 3 X 1. Essas	Camp. Campineiro	Ponte Preta 2 X 1

		partidas porém não podem ser comprovadas por documentos.		
003	11/08/1912	Campo do London	Camp. Campineiro	Ponte Preta ? X ?
		OBS.: Embora haja um consenso em relação ao vencedor, o placar é desconhecido por não haver documentos sobre. Mas para o autor Sérgio Rossi, o placar foi Ponte Preta 2 X 1. Para o mesmo autor no ano de 1913 aconteceram outros três dérbi: empate em 1 X 1, e outras duas partidas que teriam registrado vitórias da Ponte Preta ou empates. Essas partidas, que não possuem documentos para comprovar suas existências, teriam sido realizadas nos campos do São Vicente, do Cruzeiro e do Guanabara, respectivamente.		
004	23/08/1914	Campo de Souza	Amistoso	Guarani 2 X 0
005	24/10/1915	Hipódromo Campineiro	Amistoso Beneficente	Guarani 1 X 0
006	13/02/1916	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 2 X 0
007	21/05/1916	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 2 X 0
		OBS.: Aconteceu ainda em 1916, um estranho dérbi, apelidado de "dérbi relâmpago". O "jogo" foi pelo Festival Esportivo promovido no Hipódromo Campineiro, que além de Ponte Preta e Guarani, também contou com a presença de outras duas equipes: o Black, que foi o campeão, e o White. O Guarani venceu por dois escanteios a zero.		
008	20/01/1918	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Empate 1 X 1
009	23/06/1918	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Ponte Preta 1 X 0
010	30/03/1919	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 1 X 0
011	29/06/1919	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 1 X 0
012	31/08/1919	Hipódromo Campineiro	Taça Chauffers	Guarani 1 X 0
013	13/06/1920	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 1 X 0
014	28/11/1920	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Guarani 4 X 1
015	12/03/1922	Hipódromo Campineiro	Amistoso	Guarani 3 X 0
016	22/07/1923	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Empate 1 X 1
017	15/11/1923	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Empate 1 X 1
018	14/06/1925	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Ponte Preta 3 X 0
019	23/08/1925	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Ponte Preta 1 X 0
020	08/08/1926	Estádio do Guarani F.C.	Taça Colúmbia	Guarani 3 X 1
021	07/09/1926	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Empate 1 X 1
022	14/11/1926	Estádio do Guarani F.C.	Taça Circo Wheler	Guarani 2 X 0
023	23/01/1927	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Guarani 3 X 1
		OBS.: Como houve uma separação no futebol paulista entre a APEA, Associação Paulista de Esportes Atléticos, e a LAF, Liga de Amadores de Futebol, Guarani e Ponte Preta ficaram por quase seis anos sem se enfrentarem. O Guarani passou a disputar o certame da APEA em 1927, permanecendo até 1931. Já a Ponte Preta jogou na LAF em 1928 e 1929.		
024	20/11/1932	Estádio do Guarani F.C.	Camp. do Interior	Guarani 2 X 1
025	24/03/1935	Estádio do Guarani F.C.	Amistoso	Guarani 4 X 3
026	14/04/1935	Hipódromo Campineiro	Taça Italo-Brasileira	Guarani 4 X 3
027	24/11/1935	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Ponte Preta 1 X 0

028	16/02/1936	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 0 X 0
029	26/04/1936	Hipódromo Campineiro	Camp. Campineiro	Ponte Preta 2 X 1
030	22/11/1936	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Ponte Preta 5 X 2
031	04/07/1937	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 2 X 2
032	13/03/1938	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 1 X 1
033	19/06/1938	Estádio do Guarani F.C.	Amistoso	Empate 1 X 1
034	20/11/1938	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 3 X 3
035	02/04/1939	Estádio do Guarani F.C.	Amistoso	Empate 2 X 2 OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado em 90 minutos, pois antes dessa data as partidas tinham 80 minutos, 40 por 40 minutos.
036	09/07/1939	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 2 X 2 OBS.: Esse foi o primeiro dérbi transmitido ao vivo por uma emissora de rádio, no caso, a antiga PRC-9. O locutor foi Jolumá Brito.
037	14/01/1940	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Ponte Preta 2 X 1
038	18/08/1940	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Ponte Preta 2 X 1
039	08/06/1941	Estádio da Mogiana	Camp. Campineiro	Ponte Preta 3 X 0
040	30/11/1941	Estádio da Mogiana	Camp. Campineiro	Guarani 2 X 1
041	15/05/1942	Estádio da Mogiana	Camp. do Interior	Ponte Preta 2 X 1
042	23/08/1942	Estádio da Mogiana	Camp. Campineiro	Guarani 4 X 1
043	31/01/1943	Estádio da Mogiana	Camp. Campineiro	Ponte Preta 4 X 1
044	20/06/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série "Confratern. Esp."	Empate 1 X 1
045	04/07/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série "Confratern. Esp."	Guarani 4 X 3
046	18/07/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série "Confratern. Esp."	Ponte Preta 4 X 3
047	29/08/1943	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 2 X 2
048	07/09/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série "Confratern. Esp."	Ponte Preta 4 X 0
049	19/12/1943	Estádio do Guarani F.C.	Série "Confratern. Esp."	Guarani 2 X 1
050	02/07/1944	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Ponte Preta 2 X 1
051	06/08/1944	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Empate 1 X 1
052	01/07/1945	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Guarani 3 X 1
053	30/12/1945	Estádio da Mogiana	Camp. Campineiro	Guarani 3 X 2
054	18/08/1946	Estádio do Guarani F.C.	Camp. Campineiro	Guarani 3 X 0
055	28/06/1947	Estádio do Guarani F.C.	II Divisão da FPF	Ponte Preta 3 X 2
056	05/10/1947	Estádio da Mogiana	II Divisão da FPF	Ponte Preta 1 X 0
057	28/04/1948	Estádio da Mogiana	Taça Cid. de Campin.	Guarani 5 X 2 OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado a noite. O jogo foi no Estádio Antônio da Costa, da Mogiana. Nota: A Ponte Preta venceu o 1º tempo por 2 X 0, no intervalo, o presidente do Guarani, Dr. Romeu Tortima ameaçou surrar seus jogadores com seu cinto, o time voltou para o segundo tempo e virou o jogo aplicando uma das maiores goleadas da história do dérbi, e no final o presidente da Ponte Preta, Ayrton José do Couto, demitiu o técnico alvinegro Agnelli.
058	11/07/1948	Estádio do Guarani F.C.	Divisão de Acesso(FPF)	Guarani 4 X 3
059	26/09/1948	Estádio Moisés Lucarelli	Divisão de Acesso(FPF)	Guarani 1 X 0 OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado no estádio da Ponte Preta inaugurado no mesmo ano diante do E.C. XV de Novembro de

		Piracicaba (SP).		
060	07/04/1949	Estádio da Mogiana	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 3 X 2
061	10/07/1949	Estádio do Guarani F.C.	Divisão de Acesso(FPF)	Guarani 2 X 0
062	09/10/1949	Estádio Moisés Lucarelli	Divisão de Acesso(FPF)	Guarani 1 X 0
063	11/05/1950	Estádio da Mogiana	Taça Cid. de Campin.	Guarani 2 X 0
064	08/06/1950	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 1 X 0
065	29/06/1950	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cid. de Campin.	Guarani 4 X 3
066	04/03/1951	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 1 X 0
067	22/04/1951	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 1 X 0
068	12/08/1951	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 1
069	02/12/1951	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2
070	06/04/1952	Estádio do Guarani F.C.	Taça Cid. de Campin.	Guarani 2 X 1
071	18/05/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 4 X 2
072	06/07/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Triangular do Majestoso	Ponte Preta 4 X 0
		OBS.: Esse dérbi foi pelo triangular realizado no campo da Ponte Preta, apelidado o "Majestoso", e que teve a participação do Bangu A.C. do Rio de Janeiro (RJ). A Ponte Preta foi a campeã, pois também venceu a peleja diante do Bangu A.C. por 2 X 1 em 6 de julho.		
073	05/10/1952	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 4 X 3
074	25/01/1953	Estádio do Guarani F.C.	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2
075	29/03/1953	Estádio Moisés Lucarelli	Quadrangular do Majest.	Guarani 5 X 2
		OBS.: Esse dérbi valeu pelo Quadrangular realizado no campo da Ponte Preta, o "Majestoso". Também participaram do torneio 2 times da cidade do Rio de Janeiro (RJ), o São Cristóvão e o América F.C.. São Cristóvão foi o campeão após vencer o América F.C. e a Ponte Preta, ambos por 1 X 0.		
076	07/06/1953	Estádio Brinco de Ouro	Taça Cid. de Campin.	Ponte Preta 3 X 0
		OBS.: Esse foi o primeiro dérbi disputado no Estádio Brinco de Ouro da Princesa, o novo estádio do Guarani inaugurado nesse mesmo ano.		
077	21/06/1953	Estádio Brinco de Ouro	Taça Cid. de Campin.	Empate 1 X 1
078	13/09/1953	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
079	31/01/1954	Estádio Moisés Lucarelli	Camp. Paulista 1953	Guarani 1 X 0
080	22/08/1954	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 4 X 0
081	13/02/1955	Estádio Moisés Lucarelli	Camp. Paulista 1954	Ponte Preta 1 X 0
082	28/08/1955	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Guarani 5 X 1
083	11/12/1955	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 0
084	18/03/1956	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	Guarani 4 X 3
085	25/03/1956	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	Ponte Preta 3 X 1
086	20/05/1956	Estádio Brinco de Ouro	Amistoso	Empate 0 X 0
087	12/08/1956	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 1
088	09/12/1956	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Guarani 3 X 1
089	13/01/1957	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 4 X 1
090	15/05/1957	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	Empate 1 X 1
091	19/05/1957	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	Guarani 3 X 0
092	11/08/1957	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 1

093	08/03/1958	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	Empate 2 X 2
094	10/08/1958	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 4 X 1
095	07/12/1958	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2
096	03/02/1959	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	Guarani 3 X 2
097	29/03/1959	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	Ponte Preta 2 X 1
098	31/05/1959	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
099	25/10/1959	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 1
100	05/06/1960	Estádio Brinco de Ouro	Amistoso	Guarani 6 X 0
101	21/08/1960	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 3 X 2
102	25/09/1960	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Guarani 3 X 0
103	24/07/1966	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade	Ponte Preta 1 X 0
104	27/07/1966	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade	Guarani 2 X 1
105	30/11/1969	Estádio Brinco de Ouro	Taça Amizade-ACEC	Empate 0 X 0
106	07/12/1969	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Amizade-ACEC	Empate 2 X 2
107	15/02/1970	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
108	19/04/1970	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
109	12/07/1970	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
110	19/08/1970	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2
111	28/03/1971	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
112	20/06/1971	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
113	20/02/1972	Estádio Brinco de Ouro	Torneio Laudo Natel	Guarani 1 X 0
114	05/03/1972	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
115	16/07/1972	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
116	04/02/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Torneio Laudo Natel	Ponte Preta 1 X 0
117	13/05/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 0
118	17/06/1973	Estádio Moisés Lucarelli	Taça Cid. de São Paulo	Ponte Preta 2 X 1
119	29/07/1973	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
120	18/08/1974	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
121	27/10/1974	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 1 X 0
122	19/01/1975	Estádio Moisés Lucarelli	Torneio Laudo Natel	Guarani 2 X 0
123	23/03/1975	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 1 X 0
124	07/03/1976	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 1
125	22/08/1976	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
126	03/10/1976	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	Empate 0 X 0
127	27/02/1977	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 3 X 1
128	07/08/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
129	04/09/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 0
130	20/11/1977	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	Ponte Preta 1 X 0
131	23/04/1978	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	Guarani 2 X 1
132	05/11/1978	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
133	03/12/1978	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
134	03/06/1979	Pacaembu (São Paulo-SP)	Camp. Paulista / 78	Guarani 2 X 0
135	27/06/1979	Estádio Moisés Lucarelli	Camp. Paulista / 78	Empate 1 X 1
136	19/08/1979	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
137	21/10/1979	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1

138	27/01/1980	Estádio Moisés Lucarelli	Camp. Paulista / 79	Ponte Preta 2 X 1
139	30/01/1980	Estádio Brinco de Ouro	Camp. Paulista / 79	Ponte Preta 1 X 0
140	20/07/1980	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 3 X 0
141	05/10/1980	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
142	05/07/1981	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
143	02/08/1981	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
144	05/08/1981	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 3 X 2
145	27/09/1981	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
146	12/09/1982	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
147	23/11/1982	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
148	10/07/1983	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
149	23/10/1983	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 1 X 0
150	02/09/1984	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 1
151	04/11/1984	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Guarani 3 x 1
152	09/06/1985	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 3 X 0
153	10/07/1985	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Brasileiro	Empate 1 X 1
154	17/07/1985	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Brasileiro	Empate 0 X 0
155	08/09/1985	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 1
156	20/04/1986	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
157	20/07/1986	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
158	03/05/1987	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Ponte Preta 2 X 0
159	28/06/1987	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 0
160	18/03/1990	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 0 X 0
161	24/01/1993	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Guarani 2 X 1
162	21/03/1993	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Guarani 1 X 0
163	05/03/1994	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 1 X 1
164	08/05/1994	Estádio Brinco de Ouro	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2
165	02/04/1995	Estádio Moisés Lucarelli	Campeonato Paulista	Empate 2 X 2

ANEXO X - Coleção "Futebol Cards":

Exemplos de frente e verso da coleção "Futebol Cards" de 1977/82. As "figurinhas" ou os cards apresentados são de dois dos maiores nomes da história de Ponte Preta e Guarani. O Cartão de Controle trazia todos os jogadores da coleção de cada time para marcar. A sequência da coleção chamada de "Grandes Jogos", lançada entre 1980 e 1983, também traz alguns jogos com Ponte Preta e Guarani, nos exemplos podemos ver um "grande jogo" de cada um: a final do Campeonato Paulista de 1977 entre Ponte Preta e Corinthians, e a decisão do Campeonato Brasileiro de 1978 entre Guarani e Palmeiras. Eram sempre dois cards para cada jogo, um trazia uma foto e a ficha técnica e o outro vinha também com uma foto, mas com comentários a respeito da partida. Essa foi com certeza a maior, e mais rica e completa coleção de "figurinhas" (ou cards) já lançada no Brasil. E foi também uma demonstração clara da força e da tradição dos times de Campinas, que saíram nessa inesquecível coleção ao lado dos maiores times do país. Nos cards Guarani 1 X 0 Palmeiras, é possível notar-se um erro. Numa das fotos dessa partida, que foi o segundo e último da decisão, aparece o meia Zenon, que não jogou essa peleja. Outro erro são as cores da camisa do Guarani, que aparecem verdes, mas o Guarani disputou o último jogo com o segundo uniforme, ou seja, camisas brancas. As fotos são na verdade da primeira partida da decisão.

A Veterana, como é chamada, é o clube mais antigo de São Paulo e do Brasil em atividade. Sua fundação foi em 6 de agosto de 1901 na Cidade de Campinas. Em 1928, convidada pelo C.A. Paulistano, participava do futebol maior de São Paulo, ficando em 3º lugar. No ano de 1951 foi admitida no campeonato da divisão especial, caindo pela lei do Descenso em 1960. Voltou à especial em 1969. Em sua volta no campeonato de 1970 ficou, juntamente com o Palmeiras, vice-campeã e em 1977 repetiu a dose na final com o Corinthians. Ídolos de todos os tempos: Valdir Perez, Nelson, Teodoro, Atis, Chicão.

A.A. PONTE PRETA

CARTÃO DE CONTROLE

A.A. PONTE PRETA

Nº	NOME	POSICÃO
151	Alrânio	Extrema-direita
152	Tominho	Zagueiro-direito
154	Marcos Aurélio	Meio-campista
155	Lúcio	Extrema-direita
156	Dicá	Meio-campista
157	Tuta	Extrema-esquerda
158	Carlos	Goleiro
159	Rafael	Goleiro
160	Oscar	Zagueiro-de-área
161	Juninho	Zagueiro-de-área
162	Wanderlei	Médio-volante
163	Humberto	Atacante
164	Polozzi	Zagueiro-de-área
165	Odinei	Zagueiro-esquerda
166	Jair	Lateral-direito

Este cartão é para você controlar quais os jogadores que você tem. Marque um X no quadrinho ao lado do nome dos craques já conquistados.

PING PONG

150

FUTEBOL CARDS

CARTÃO DE CONTROLE

GUARANI F.C.

Nº	NOME	POSICÃO
167	Renato	Meio-direito
168	Gomes	Zagueiro-central
169	Capitão	Extrema-direita
170	Carvaca	Centro-vante
171	Edson	Zagueiro-de-área
172	Mauro	Lateral-direito
173	Miranda	Lateral-esquerdo
174	Neneca	Goleiro
175	Zenon	Meio-de-campo
176	Zé Carlos	Meio-de-campo
177	João Roberto	Goleiro
178	Bozó	Extrema-esquerda
179	Alexandre	Lateral-direito

Este cartão é para você controlar quais os jogadores que você tem. Marque um X no quadrinho ao lado do nome dos craques já conquistados.

PING PONG

169

FUTEBOL CARDS

Fundado em 2 de abril de 1911, o Guarani só participou de um campeonato de 1927, pela APEA, quando ficou em 4º lugar. Em 1949, quando disputava a 2ª divisão, foi Campeão do Acesso, passando a integrar a divisão Especial. Por várias vezes foi campeão do interior paulista e o seu grande momento aconteceu com a conquista do Campeonato Brasileiro em 1978, na disputa final com o Palmeiras. Seu estádio é o Brinco de Ouro da Princesa de Campinas. Ídolos de todos os tempos: Benê, Ferrari, Miranda, Amaral.

GUARANI F.C.

**OSCAR SALLES BUENO FILHO**

Nascimento: 18.07.47 - Campinas - São Paulo
Altura: 1,74 m - Peso: 71 quilos

Posição: Meio-campista

Equipes que já defendeu: Santos F.C. e Portuguesa de Desportos

Curiosidades: Vão dos Juvenis da Ponte e completou um círculo pelo futebol paulista. Após uma grande fase no time campinense quando ficou conhecido como emérito cobrador de faltas, foi emprestado ao Santos F.C. e mais tarde contratado pela Portuguesa de Desportos. De volta à Ponte, forma um grande meio de campo juntamente com Wanderley e Marco Aurélio. Gosta muito da profissão e a maior tristeza, no futebol, foi quando a Portuguesa perdeu o título da Campeonato Paulista 75 para o São Paulo. Tem como craque: Pelé. Gosta de frango ao molho de peixe.

PING PONG

156

FUTEBOL CARDS**ANTÔNIO DE OLIVEIRA FILHO**

Nascimento: 05.10.1960 - Araraquara - São Paulo
Altura: 1,74 m - Peso: 69 quilos

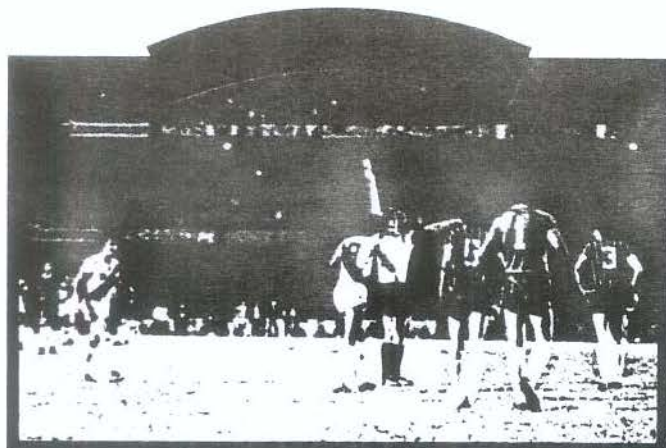
Posição: Centroavante

Equipes que já defendeu: Juvenis da Ferroviária e do Guarani.
Títulos: Campeão Brasileiro 78 - Guarani

Curiosidades: Careca talvez seja um dos jogadores de ascensão mais rápida entre os atletas brasileiros. Dos Juvenis da Ferroviária, onde iniciou sua carreira, para os Juvenis do Guarani, e daí, atleta amador, participou da equipe principal, ganhando a condição de titular. Uma das maiores revelações da Copa Brasil 78. Goleador e muito oportunista, está sempre por perto para marcar. O curioso é que se não fosse jogador de futebol gostaria de ser Tenista. Fã de Francisco Cupco e Roberto Carlos, Careca sonha chegar a jogar pela Seleção Nacional. Seu craque: Tostão.

PING PONG

173

FUTEBOL CARDS**CORINTHIANS 1 x 0 PONTE PRETA****GRANDES JOGOS****CORINTHIANS 1 x 0 PONTE PRETA**

Em 1978, o Corinthians venceu a Ponte Preta por 1 a 0, em jogo disputado no Estádio do Morumbi, em São Paulo. O gol foi marcado por Tostão, aos 15 minutos do primeiro tempo. A Ponte Preta não conseguiu marcar nenhum gol durante o jogo. O jogo foi disputado no dia 15 de setembro de 1978, às 19h30. O Corinthians venceu o jogo por 1 a 0, com Tostão marcando o único gol. A Ponte Preta não conseguiu marcar nenhum gol durante o jogo. O jogo foi disputado no dia 15 de setembro de 1978, às 19h30. O Corinthians venceu o jogo por 1 a 0, com Tostão marcando o único gol. A Ponte Preta não conseguiu marcar nenhum gol durante o jogo.

PING PONG

42-A

FUTEBOL CARDS

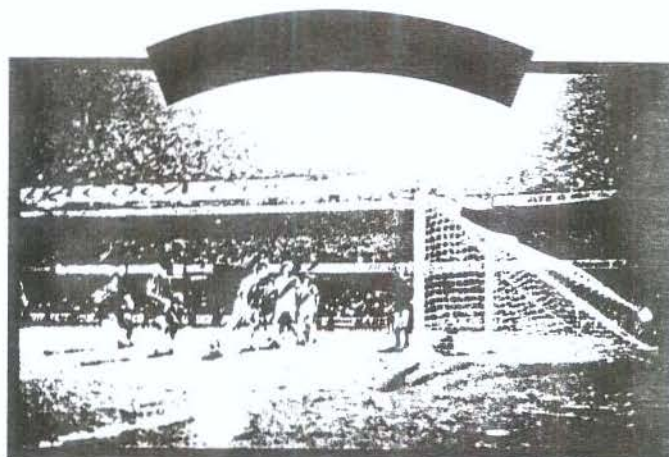
GRANDES JOGOS

CORINTHIANS 1 x 0 PONTE PRETA

PINC PONG

42-B

FUTEBOL CARDS



CORINTHIANS 1 x 0 PONTE PRETA

GRANDES JOGOS

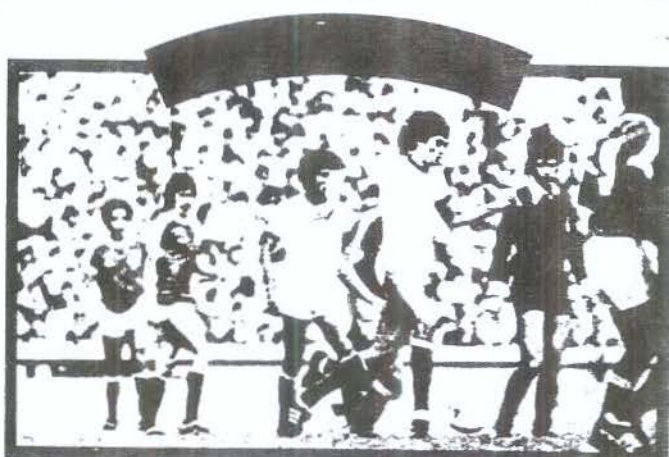
GUARANI 1 x 0 PALMEIRAS

DESAFO DO CAMPEONATO BRASILEIRO
 Data: 13 de 1978 - Local: Estádio Pinheiro de Campos
 Torcedores: 706.284.00 Público: 27.086
 Árbitro: Roberto Wiltgen
 Corinthians: Neneca, Mauro, Edison, Gomes, Miranda, Zé Carlos,
 Banguinha, Renato, Bozo, Renato, Capitão e Careca
 Técnico: Carlos Alberto Silva
 Palmeiras: Cláudio, Rosendo, Beto, Pisco, Dário, Lúcio, Carlos,
 Júnior, Zé Roberto, Joãozinho, Vagner, Jorge, Mendonça, Silva,
 Evaristo, Nelson, Carlos, Jorge, Neri
 Gols: Careca aos 35 minutos do 1º tempo

PINC PONG

45-A

FUTEBOL CARDS



GUARANI 1 x 0 PALMEIRAS

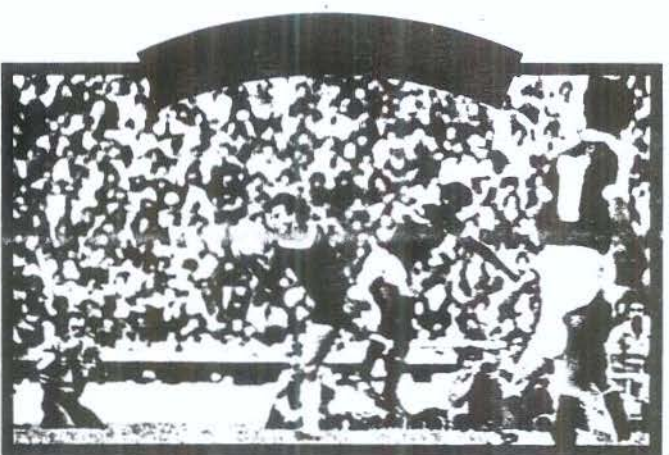
GRANDES JOGOS

GUARANI 1 x 0 PALMEIRAS

PINC PONG

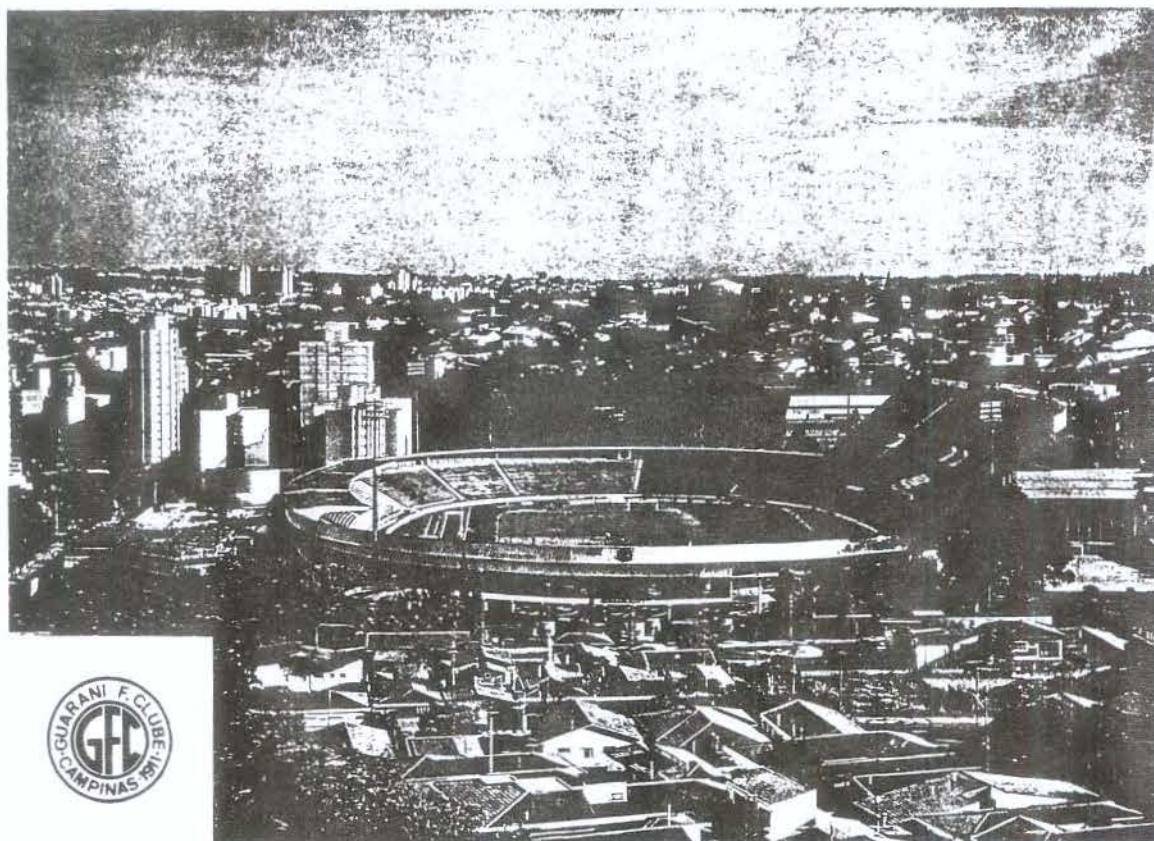
46-A

FUTEBOL CARDS



GUARANI 1 x 0 PALMEIRAS

ANEXO XI - Imagens:



*Estádio Brinco de Ouro da Princesa do Guarani F.C.,
inaugurado em 1953 e com capacidade para 45.000 pessoas.*



*Estádio Moisés Lucarelli da A.A. Ponte Preta, o "Majestoso",
inaugurado em 1948 e com capacidade para 25.000 pessoas.*

Esse talvez tenha sido o maior esquadrão montado pela Ponte Preta. O time é a base dos anos de 1977 a 1979. Em pé e da esquerda para a direita: Carlos, Oscar, Polozzi, Humberto, Ordilei e Toninho Oliveira. Agachados: Lucio, Marco Aurélio, Dario Maravilha, Dicá e Tuta. O último da direita em pé é o lendário técnico Oswaldo Brandão, que comandou entre outras equipes o Corinthians e o Palmeiras, além de Seleção Brasileira.



Esse talvez tenha sido o maior esquadrão montado pelo Guarani. O time é o da final do Campeonato Brasileiro de 1978. Em pé e da esquerda para a direita: Edson, Miranda, Gomes, Mauro, Neneca e Zé Carlos. Agachados: Capitão, Renato, Careca, Manguinha (que substituiu o craque Zenon na última partida da decisão em Campinas) e Bozó. Essa inesquecível equipe sagrou-se campeã brasileira do ano de 1978.



ANEXO: A ÚLTIMA REPORTAGEM NUM JORNAL IMPRESSO DE CAMPINAS SOBRE O
DÉRBI: CORREIO POPULAR DE 16 DE MARÇO DE 1997, CADERNO DE ESPORTES...

PALMEIRAS GOLEIA

O Palmeiras ganhou do Araçatuba por 5 a 2, ontem à tarde, em Araçatuba, e manteve a liderança do Grupo 1 do Paulistão. Viola (3) e Luizão (2), marcaram para o time da Capital. Os dois dividem a artilharia do campeonato, com dez gols cada. Pedro Luiz e Júlio César (de pênalti), fizeram para a equipe da casa.

ESPORTES

CORREIO POPULAR

CAMPINAS, DOMINGO, 16 DE MARÇO DE 1997

LOTERIA FEDERAL

1º 45.341

2º 38.952

4º 17.412

3º 26.295

5º 11.007

Rivais, mas nem tanto

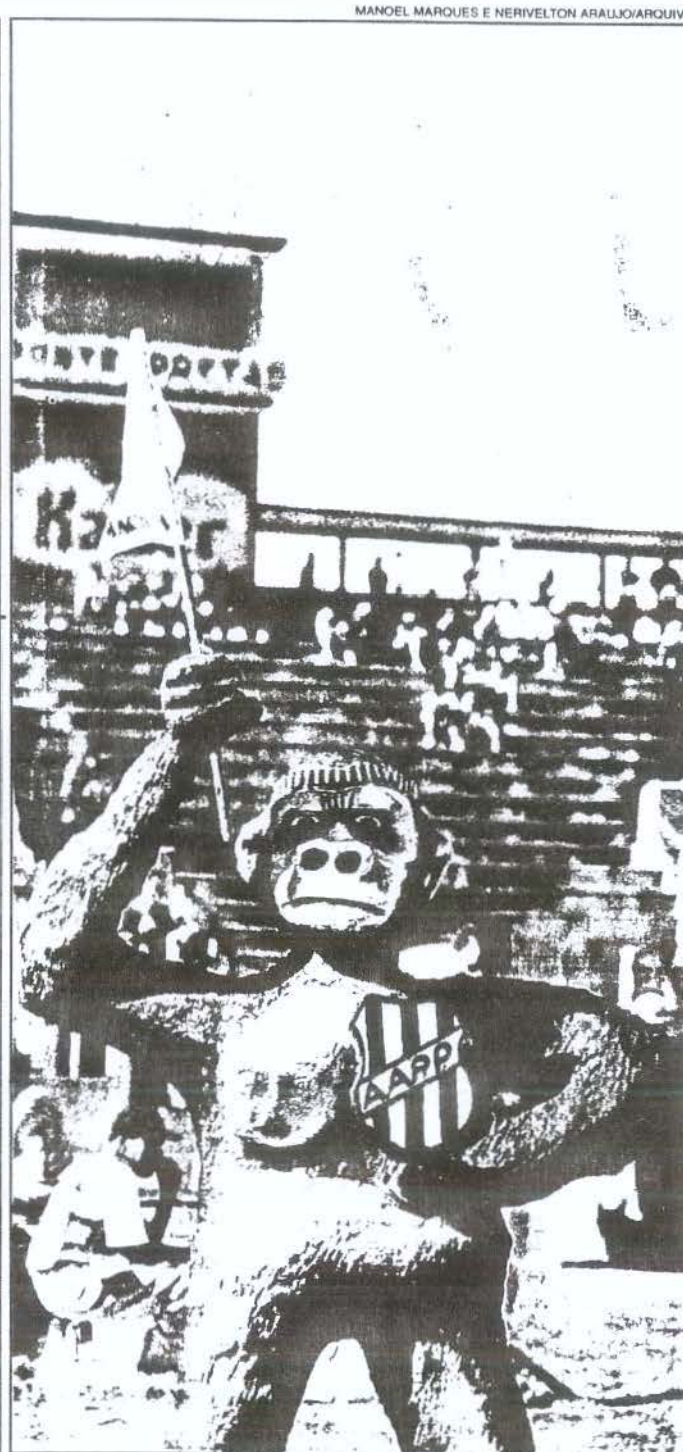


Beto era um daqueles zagueiros implacáveis que, sem a menor cerimônia, metem um bocado na bola para esfriar a pressão adversária. Não amaciava. Muitos centroavantes tiveram as canelas marcadas pelos cravos de sua chuteira. Era um ídolo da torcida da Ponte Preta na década de 60. Mas Beto queria subir na vida. Resolveu deixar a Ponte na Segundona para ganhar mais dinheiro no Guarani, disputando a Divisão Especial.

Mas pagou um preço alto pela opção. Estudante do antigo colégio Cesário Motta, ele passou a ser literalmente ignorado pelos amigos de classe, pontepretanos. Aquilo tinha sido uma traição sem tamanho. Bastava o Beto chegar na mesinha do bar, e todos os antigos fãs torciam o nariz: "Lá vem o vira-casaca...".

Bom, mas estes eram os bons tempos em que Ponte e Guarani eram rivais de verdade. Com o tempo, cresceu o número de jogadores que trocavam o Moisés Lucarelli pelo Brinco de Ouro. Caso do ponta Lúcio, na década de 70. Outros tomaram a mão contrária da avenida que liga os dois estádios: Renato Pé Murcho e Jorge Mendonça fizeram sucesso no Guarani antes de jogarem na Ponte.

Os torcedores foram se acostumando: eram profissionais, se rendiam às melhores ofertas de salário, tinham que pensar no leitinho das crianças... Mas a rivalidade ainda era incentivada pelos craques, que compareciam às redações dos jornais vestidos com as respectivas camisetas de cada clube, sempre às vésperas de cada derbi.



A torcida da Ponte infernizou os bugrinos ao colocar em campo no último derbi campineiro no Moisés Lucarelli, em abril de 1995, uma galinha e uma macaca gigantes: coisa do passado

meteu a investir R\$ 20 mil nas reformas do ginásio e de cinco quadras externas. O homem forte da empresa, Eloy Tuffi, ganhou de Zini um título de sócio-proprietário e o cargo de diretor de marketing do Guarani. Zini também prometeu que vai recorrer à gráfica da Microcamp sempre que precisar de novos impressos com o logotipo do clube. Zini nem se incomodou com o patrocínio arranjado às pressas para a camisa da Ponte.

PONTEPRETANOS DE VERDE

A Frogs — única torcida organizada da Microcamp; composta basicamente por pontepretanos e liderada pelo presidente da Serponte, Wilson Donizeti — se vê agora na surpreendente situação de apresentar suas coreografias no ginásio do velho rival Guarani.

A facção Frogs é fruto da época em que o basquete campineiro era representado pela extinta Ponte Preta/Nossa Caixa, uma equipe poderosa que conquistou o título paulista em 92 e 93, e o Mundial Interclubes de 93.

Nem a superstar Paula — consagrada com a camiseta alvi-negra da Ponte — se acostumou com a idéia de jogar, agora, no ginásio do Guarani. "Eu temo que a maior parte dos integrantes da Frogs, por ser pontepretana, passe a boicotar as partidas da Microcamp", disse na quarta-feira, palavras que esqueceu logo um dia depois.

Wilson Donizeti trata de confortar os campineiros: "Microcamp é Microcamp. Não é Guarani, nem Ponte Preta", atesta. Partindo do presidente da Serponte, a declaração indica que a velha e romântica rivalidade só será resgatada nas arquibancadas dos estádios se, um dia, Ponte e Guarani realizarem outro derbi.

NA MAIOR NATURALIDADE

Hoje em dia, no entanto, até os dirigentes parecem ter esquecido a rivalidade que nasceu há 86 anos. Na maior naturalidade, o presidente Luiz Roberto Zini anunciou a contratação do fisioterapeuta Nivaldo Baldo para comandar o Departamento de Saúde do Guarani. O mesmo Baldo que, até esses dias, ocupava a presidência da Ponte. "Baldo é um profissional competente. O fato de ter sido presidente da Ponte é um mero detalhe", justifica-se Zini.

O fisioterapeuta chegou com carta branca: destituiu do cargo a nutricionista Mirtes Stancanelli e provocou, por tabela, o pedido de demissão dos médicos Carlos Otranto e Milton Possidente, que se sentiram ofendidos por

nem ao menos serem avisados da contratação de Baldo. Mirtes foi recontratada depois de botar a boca no mundo: Baldo, que se propunha a controlar até a alimentação dos jogadores, nunca foi nutricionista na vida.

► Sem derbi, Guarani e Ponte deixam de ser os mesmos inimigos de anos passados, o que rouba um pouco da graça do futebol campineiro

O ex-presidente da Ponte vai ter salário fixo no Guarani e está colobando à disposição do clube a estrutura de sua clínica particular, a Physio Sports. Chegou tecendo elogios rasgados à estrutura bugrina, e prometeu implantar no Brinco de Ouro uma metodologia revolucionária de saúde esportiva.

A amistosa troca de figurinhas chegou também aos patro-

cinadores. A direção da Microcamp — que acaba de firmar um contrato-relâmpago de publicidade nas camisas da Ponte (aproveitando-se da transmissão pela TV da partida contra o Comercial) — também acertou um convênio com o Guarani: o ginásio de esportes do clube vai sediar as partidas da equipe de basquete feminino da empresa.

A Microcamp se compro-

Por enquanto, os pontepretanos vão roendo as unhas nas arquibancadas, a cada nocaute que a equipe sofre na Série A-2 (leia sobre o jogo de hoje na página 5), contra os Comerciais e Francanas da vida. Os bugrinos tentam eleger como os novos rivais os "emergentes" da região: Mogi, Rio Branco, União São João, mas sabem, lá no fundo do coração, que isso não tem a menor graça.

A VOZ DA GALERA



Hilário Fornazzieri, 74 anos, conselheiro e torcedor-símbolo do Guarani: "Rivalidade existia antigamente. Hoje a coisa anda muito família, parece que todo mundo torce para o mesmo time. Era bom a gente passar pelo Largo do Rosário e encontrar os pontepretanos de cabeça inchada, depois de cada vitória do Bugre. O derbi era um acontecimento que parava a cidade. Hoje a gente vem assistir o time mas não se entusiasma como antes. Falta a Ponte na Primeira Divisão".



Paulo Leite, 73 anos, torcedor da Ponte Preta: "Olha como andam as coisas. O Nivaldo Baldo vai lá, agora trabalha para o Beto Zini. Como que o sujeito pode se dizer pontepretano? Não dá para aceitar. Quando aceitou esse emprego, ele ofendeu a Ponte Preta".



Otávio Squarizzi, 79 anos,



comerciante e torcedor do Guarani: "Há muito tempo não existe rivalidade. Aquela emoção do derbi deixou de existir quando a Ponte caiu para a Segunda Divisão. Eu eu mesmo já não tenho entusiasmo para acompanhar os jogos do Guarani, como sempre fiz. O campeonato fica sem graça sem derbi. Além disso, peguei nojo dos cartolas".



Wilfrid Candreva, 48 a-

nos, comerciante e torcedor da Ponte Preta: "Baldo foi para o Guarani, né? Foi a segunda estupidez que cometeu na vida. A primeira foi ter sido presidente da Ponte. Ele, Marquinho Chedid e outros dirigentes incompetentes levaram o clube para o buraco. E a Microcamp também vai quebrar a cara. Todo mundo sabe que o basquete campineiro é movido pela torcida da Ponte desde os tempos do Nossa Caixa. Pontepretano de verdade não vai acompanhar os jogos da equipe no ginásio do Guarani".

LÍNGUA PRETA E O BUGRÃO

SEGUNDO O TÉCNICO,
O BUGRÃO TA' PRONTO
PRO JOGO DE HOJE...



GOOOOL!!!

O GUARANI TA'
PERDENDO...
ACABOU O 1º TEMPO...
LÍNGUA E AÍ...



AÍ... OUE OUGO UM
HELICÓPTERO E...

VRUUM
VRUUM...



INCRÍVEL... IMPRESSIONANTE...
JÁ TA' AQUI O NOVO...



... NOVISSIMO TÉCNICO DO
BUGRE PRO 2º TEMPO...
ALGUMA MODIFICAÇÃO
OU O MESMO TIME?

SAÍ O
442...
ENTRA O
155

ALÔ
BETO ZINI...
SE O BUGRÃO
NÃO EMPATAR...
OUBLE' O OUTRO
TÉCNICO
QUE PESO?



LÍNGUA PRETA E A MACACA

INCRÍVEL...
VOCÊ NÃO CANSA
DE TORCER
PRA PONTE...



O TIME
SÓ PERDE...
E QUANDO
NÃO...



...EMPATA...
QUALE A SUA...
ME EXPÚCA...!!!
QUERO ENTENDER



A PONTE
É PAIXÃO...



PAIXÃO...
É PAIXÃO...



PONTE PRETA
INTELECTUALTE...
ORGULHO DE
NOSSA TERRA

